



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

RICARDO GABRIEL MENEGAT BÉE

O SUJEITO EM QUESTÃO:

UM ESTUDO SOBRE O FUNCIONAMENTO DO SUJEITO NULO VERSUS O SUJEITO
PREENCHIDO NAS PERGUNTAS-WH DO TALIAN/VÊNETO BRASILEIRO.

CHAPECÓ

2025



RICARDO GABRIEL MENEGAT BÉE

O SUJEITO EM QUESTÃO:

**UM ESTUDO SOBRE O FUNCIONAMENTO DO SUJEITO NULO VERSUS O SUJEITO
PREENCHIDO NAS PERGUNTAS-WH DO TALIAN/VÊNETO BRASILEIRO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Professora Dra. ALINE PEIXOTO GRAVINA

CHAPECÓ

2025



RICARDO GABRIEL MENEGAT BÉE

O SUJEITO EM QUESTÃO:

**UM ESTUDO SOBRE O FUNCIONAMENTO DO SUJEITO NULO VERSUS O SUJEITO
PREENCHIDO NAS PERGUNTAS-WH DO TALIAN/VÊNETO BRASILEIRO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Este trabalho defendido e aprovado pela banca em 15 de agosto de 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALINE PEIXOTO GRAVINA**
Data: 17/08/2025 21:58:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Aline Peixoto Gravina (UFFS)
Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ANI CARLA MARCHESAN**
Data: 16/08/2025 07:12:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Ani Carla Marchesan (UFFS)
Membro Interno

Documento assinado digitalmente
 **AQUILES TESCARI NETO**
Data: 15/08/2025 19:18:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Aquiles Tescari Neto (UNICAMP)
Membro externo



Para minha avó, Inês V. Menegat.
I know better but you`re still around.



AGRADECIMENTOS

Ao longo dos vinte e quatro meses que levaram à realização deste trabalho, aprendi uma verdade fundamental: ninguém faz nada completamente sozinho, por mais que tente. Toda pesquisa, por mais solitária que possa parecer, é atravessada por conversas, gestos de apoio silenciosos, encontros que acalmam, palavras de incentivo nas horas difíceis, abraços sinceros em meio aos surtos da escrita e, principalmente, xícaras de café deixadas ao lado do computador. Por isso, neste espaço tão simbólico, tentarei — ainda que com palavras insuficientes — expressar minha mais profunda gratidão àqueles que estiveram comigo ao longo desse percurso.

Primeiramente agradeço à CAPES, pelo incentivo na produção da presente pesquisa, e à Universidade Federal da Fronteira Sul, pela oportunidade de realizar minha graduação e meu mestrado. Agradeço também à cada um dos professores que fizeram parte de minha jornada acadêmica durante estes 7 anos.

À banca avaliadora, meu respeito e admiração. Obrigado ao professor Aquiles por dedicar tempo e atenção a este trabalho. As observações, críticas e indagações foram cruciais para a finalização deste trabalho. Agradeço à professora Morgana não somente por se disponibilizar à ser membro da banca, mas também pelo texto excepcional que embasou parte fundamental deste trabalho.

À professora Ani agradeço não apenas por fazer parte da banca e por se disponibilizar a ler cuidadosamente meu trabalho, mas também por ter me ensinado sintaxe nos primeiros anos da graduação e, principalmente, por ter me inspirado a pesquisar na área. Agradeço pelas aulas, pelos incontáveis puxões de orelha, por cada uma das orientações durante o período de Iniciação Científica/Trabalho de Conclusão de Curso/Mestrado e por ter me inspirado a ser um pesquisador dedicado, atencioso e paciente. Minha mais sincera gratidão e admiração.

À professora Aline, orientadora deste trabalho, agradeço, primeiramente, por ter aceitado me orientar mesmo sabendo que o objeto desta pesquisa estava completamente distante de tudo que eu conhecia. Agradeço pela paciência de me ensinar (várias vezes) cada um dos aspectos que eu precisava conhecer para desenvolver essa pesquisa. Agradeço pelo incentivo durante todo este percurso. Agradeço, também, por cada uma das vezes em que, em meio ao caos, você dedicou tempo à produção desta dissertação. Agradeço, também, por cada puxão de orelha e por cada lição sobre ser paciente comigo mesmo. Muito obrigado pela dedicação, carinho e apoio.

Agradeço, também, à professora Loremi pelos e-mails esclarecedores sobre o Talian. Agradeço ao Mateus e à Maria Fátima, por terem respondido questões cruciais para a compreensão da língua. Muito obrigado pela ajuda!



Agradeço ao Lucinei, à Evylin e à Alana, pela amizade e companheirismo durante os mais de 10 anos que estiveram em minha vida. Obrigado por me ensinarem o valor da lealdade e do companheirismo.

Agradeço à Gabrielli, por estar presente em cada uma das madrugadas em que me desesperei e precisei urgentemente reclamar e resmungar. Obrigado por ser um ombro amigo e obrigado por estar comigo durante as incontáveis noites em que perdi o sono.

Agradeço à Cíntia pelo companheirismo durante os últimos 7 anos. Agradeço pelas incontáveis conversas, pelos incontáveis abraços, pelas incontáveis noites juntos e por cada um dos momentos em que você esteve comigo, me fez rir e me ajudou a perceber meu próprio potencial (mesmo que através de palavras duras). Obrigado por ser minha dupla da graduação e da vida.

Agradeço à Mayara, minha amiga improvável, companheira de sintaxe e veterana preferida. Agradeço imensamente por ter respondido prontamente cada um dos meus muitos “como faz isso?”. Além disso, agradeço por cada gargalhada, por cada distração, por cada piadinha terrível, por cada momento e por cada pôr do sol juntos.

À Adriana, agradeço por ter me ensinado a ser corajoso. Agradeço por ter me ensinado que não existe problema grande demais quando se tem alguém que escuta de verdade. Obrigado por me ensinar que amigos nos veem inteiros mesmo quando só conseguimos mostrar cacos. Obrigado por me ensinar tanto sobre mim mesmo apenas com um olhar. Obrigado por me ensinar que amizade verdadeira não cobra perfeição, mas oferece compreensão.

Ao Eduardo, agradeço por ter me ensinado a ser paciente. Por ter me ensinado que até o silêncio pode ser companhia e que estar presente é mais importante do que saber exatamente o que dizer. Agradeço por me ensinar que celebrar as pequenas vitórias juntos torna tudo mais bonito.

À Júlia, agradeço por ter me ensinado a ser alegre. Agradeço por ter me ensinado a viver a vida sorrindo. Agradeço por cada palavra de incentivo, por cada café no meio da tarde, por cada instante de amizade e companheirismo durante estes 7 anos. Agradeço por me ensinar que rir das próprias tragédias, juntos, transforma medo em história. Por me ensinar que dividir o cansaço o torna mais leve. Agradeço por me ensinar que se permitir ser vulnerável é mais fácil quando nos sentimos acolhidos. Obrigado por me ensinar que um “vai dar certo” dito com convicção pode ser o maior incentivo do mundo.

“I had the time of my life fighting dragons with you”

À Maiqueli, agradeço por ter me ensinado que há vínculos que não precisam de explicação, eles apenas existem. Obrigado por me ensinar que amor também se escreve com “amizade” e que a amizade resiste ao tempo, à distância e aos silêncios longos. Obrigado pelos mais de 10 anos juntos. Obrigado por nunca ter saído da minha vida.

“If you're ever tired of being known for who you know, you know, you'll always know me”



À minha irmã, Danieli, agradeço por me ensinar que ter uma irmã é ter uma testemunha da minha própria vida — alguém que esteve lá desde o começo, que viu a versão de mim que ainda não sabia falar e que ainda não sabia se defender. Obrigado por me ensinar a lutar por mim mesmo. Obrigado por me ensinar que o amor verdadeiro não é feito só de gestos suaves, mas também de brigas, de discussões, de portas batidas e reconciliações. Obrigado por me ensinar que dividir uma infância é também construir um idioma secreto, cheio de piadas internas, olhares cúmplices e lembranças que só fazem sentido para nós. Você me ensinou que mesmo distantes o amor não foi embora. Obrigado por ser minha primeira amiga.

“Passed down like folk songs. Our love lasts so long”

Aos meus pais, Dinair e Donisete, agradeço por tudo. Agradeço por cada livro, por cada lápis e caneta, por cada folha de papel. Agradeço por terem me ensinado a ser forte e por terem me ensinado a manter a cabeça erguida em todas as situações. Agradeço por terem me ensinado a ser dedicado e perseverante. Agradeço por terem acreditado em mim e por terem me apoiado desde o primeiro segundo. Com vocês aprendi as lições mais importantes da vida — aquelas que não se ensinam em livros, mas se transmitem no olhar. Aprendi que amor verdadeiro é aquele que cuida mesmo quando não diz, que se mostra nos detalhes do cotidiano e no "se cuida" ou "já comeu?" ditos como quem diz "te amo". Agradeço por cada esforço e sacrifício ao longo destes 24 anos. Esse trabalho é graças a vocês dois, assim como cada um dos anteriores e dos demais que virão.

“I love you for giving me your eyes, for staying back and watching me shine”

Ao Kauê, agradeço por cada segundo destes anos juntos. Contigo eu aprendi que o amor verdadeiro não é feito só de declarações grandiosas, mas de pequenos gestos que se repetem no dia a dia. Aprendi que cuidar é ouvir com atenção mesmo quando o dia foi longo. Obrigado por esperar em silêncio quando as palavras me faltaram. Contigo eu aprendi que amar também é escutar um “você consegue” com firmeza nos olhos e ternura na voz, mesmo nos momentos em que nem eu mesmo acreditava. Aprendi que paciência é a maior demonstração de amor. Obrigado por me ensinar que há força no companheirismo, no respeito, no espaço. Contigo eu aprendi que estar junto não é apenas dividir bons momentos, mas também acolher fragilidades, lidar com as diferenças e encontrar juntos um jeito de continuar. Obrigado por me ensinar que há beleza em construir algo juntos, não pela obrigação, mas pela escolha. Obrigado por me ensinar que parceria é rir no meio do caos, chorar sem medo de ser julgado, fazer planos para o futuro e aproveitar o agora. Obrigado por me ensinar que dividir a vida com alguém é também multiplicar a coragem, o cuidado e a alegria. Contigo eu aprendi a confiar mais, a desacelerar, a ouvir o silêncio e a valorizar a presença. Obrigado por me ensinar que o amor não precisa ser gritado para ser imenso. Obrigado por cada olhar que me lembrou de quem eu sou — e do quanto sou capaz. Obrigado por tudo.

“I once believed love would be burning red. But it's golden. Like daylight”

Por fim, agradeço ao Dante.



*Never be so kind you forget to be clever.
Never be so clever, you forget to be kind.*

—Swift , T. (2020)



RESUMO

Este trabalho analisa a presença e ausência do sujeito nas perguntas-wh (também chamadas de perguntas-qu) na língua Talian/Vêneto Brasileiro, falada por descendentes de imigrantes italianos no Brasil. A pesquisa compara o talian/vêneto brasileiro com o português brasileiro e o italiano padrão, buscando demonstrar de que maneira o talian/VB se comporta com relação ao parâmetro do sujeito nulo. A pesquisa se fundamenta na teoria da Gramática Gerativa, de Noam Chomsky, que afirma que todas as línguas devem possuir sujeito em suas orações finitas, mesmo que, em alguns casos, este sujeito não seja realizado de maneira explícita (sujeito nulo). A justificativa para a pesquisa se baseia em três eixos principais: i) a possibilidade da influência do português brasileiro sobre o talian/VB, ii) a importância da valorização das línguas de herança e iii) o potencial de novos estudos linguísticos. A pesquisa anterior de Bée (2022) demonstrou que a sintaxe do talian/VB é influenciada tanto pelos dialetos italianos quanto pelo português brasileiro, evidenciando a necessidade de outros estudos para averiguar os limites das semelhanças e diferenças entre estas línguas. O talian/VB, uma língua de herança falada majoritariamente no sul do Brasil, carrega um valor histórico e cultural significativo, e, apesar da estigmatização e da perda de falantes ao longo dos anos, o Talian/VB é um patrimônio cultural, portanto deve ser preservado e estudado. Nossa pesquisa utiliza um corpus de análise composto por 135 sentenças do tipo wh matrizes (com o elemento wh em posição de in situ e também de ex situ), coletadas no ano de 2022. Nossa análise demonstrou caráter de similaridade ao PB, utilizando de sentenças com sujeito preferencialmente pleno, tanto nos contextos in situ quanto nos contextos ex situ. Também, observamos como ocorre a dupla marcação do sujeito que ocorre, preferencialmente, pela utilização de pronomes clíticos indicativos de sujeito e atrelados aos verbos auxiliares. Dessa forma, este trabalho busca contribuir com a valorização e preservação desta língua, oferecendo uma descrição detalhada do fenômeno do sujeito nas sentenças interrogativas e suas implicações linguísticas.

Palavras-chave: Talian; Sujeito nulo; Perguntas-wh; Gramática Gerativa; Línguas de herança.



ABSTRACT

This study analyzes the presence and absence of subjects in wh-questions (also called wh-interrogatives) in the Talian/Brazilian Veneto language, spoken by descendants of Italian immigrants in Brazil. The research compares Talian/Brazilian Veneto with Brazilian Portuguese and Standard Italian, aiming to demonstrate how Talian/Brazilian Veneto behaves in relation to the null subject parameter. The study is grounded in Noam Chomsky's Generative Grammar theory, which posits that all languages must have a subject in finite clauses, even if, in some cases, this subject is not overtly expressed (null subject). The justification for this research is based on three main axes: (i) the possible influence of Brazilian Portuguese on Talian/Brazilian Veneto, (ii) the importance of valuing heritage languages, and (iii) the potential for further linguistic studies. Previous research by Bée (2022) showed that the syntax of Talian/Brazilian Veneto is influenced by both Italian dialects and Brazilian Portuguese, highlighting the need for further studies to determine the extent of similarities and differences among these languages. Talian/Brazilian Veneto, a heritage language spoken mainly in southern Brazil, carries significant historical and cultural value. Despite the stigmatization and decline in the number of speakers over the years, Talian/Brazilian Veneto remains a cultural heritage and therefore deserves preservation and scholarly attention. Our research uses a corpus composed of 135 matrix wh-questions (with the wh-element both in situ and ex situ), collected in 2022. Our analysis revealed similarities to Brazilian Portuguese, showing a preference for overt subjects in both in situ and ex situ contexts. We also observed cases of double subject marking, which occur primarily through the use of subject clitic pronouns attached to auxiliary verbs. Thus, this study seeks to contribute to the appreciation and preservation of this language by providing a detailed description of the subject phenomenon in interrogative sentences and its linguistic implications.

Keywords: Talian; Null subject; Wh-questions; Generative Grammar; Heritage languages.



RESUMO

Sto lavoro el analisa la presensa e la mancança del sogeto inte le domande *wh* (chiamà anca domande *qu*) inte la lengua Talian/Veneto Brasileiro, parlà dai descendent dei emigranti taliani qua in Brasil. La ricerca la compara el talian/veneto brasileiro col portoghese brasileiro e col talian standard, par mostrar come che el talian/VB se comporta in relazione al parametro del sogeto nulo. La base teorica la xe la Gramatica Generativa de Noam Chomsky, che la dis che tute le lengue le gà da ver un sogeto inte le frasi finite, anca se qualche volta sto sogeto no se mostra in maniera esplicita (sogeto nulo). La giustificativa par sto studio la se basa in tre punti principali: i) la pussibilità che el portoghese brasileiro gà influensà el talian/VB; ii) l'importansa de dar valor e preservar le lengue de eredità; iii) el potenzial par altri studi linguistichi. Na ricerca precedente de Bée (2022) la mostra che la sintassi del talian/VB la xe influensà sia dai dialeti taliani sia dal portoghese brasileiro, mostrando cussì che ghe xe bisogno de altri studi par capir fin dove riva le somiglianse e le diferense tra ste lengue. El talian/VB, na lengua de eredità parlà soprattutto nel sud del Brasil, la gà un gran valor storico e cultural. Anca se el numero de parlanti el xe calà e ghe xe stada stigmatizazion co i ani, el talian/VB el resta un patrimonio cultural, che merita de esser preservà e studià. La nostra ricerca la usa un corpus con 135 frasi interrogative *wh* principali (co l'elemento *wh* tanto in situ quanto ex situ), coletà inte el ano 2022. La nostra analisi la mostra somiglianse col portoghese brasileiro, con preferensa par frasi che gà el sogeto espresso, sia inte i contesti *in situ* che *ex situ*. Gavemo osservà anca la dopia marca del sogeto, che la capita soprattutto co l'uso dei pronomi clitics che i indica el sogeto e i xe unii ai verbi auxiliari. Cusì, sto lavoro el vol contribuir par la valorizazion e la preservazion de sta lengua, dandon na descrizion detalhada del fenomeno del sogeto inte le frasi interrogative e de le so implicasion linguistiche.

Paròle chiave: Talian; Sogeto nulo; Domande-wh; Gramatica Generativa; Lengue de eredansa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 REFERENCIAL TEÓRICO	17
1.1 A Gramática Gerativa	17
1.1.1 Língua-I	22
1.1.2 Língua-E	23
1.1.3 Língua-I e Língua-E no contexto da pesquisa linguística.	24
1.2 A Cartografia Sintática	26
1.3 O parâmetro do Sujeito Nulo na Teoria Gerativa	35
1.3.1 Línguas de Sujeito realizado [- pro drop]	40
1.3.2 Línguas de Sujeito Nulo [+pro drop]	47
1.3.3 Línguas de Sujeito Nulo Parcial	51
1.4 As perguntas-wh	53
1.4.1 A Definição das Perguntas-wh	54
1.4.2 As Perguntas-wh nas línguas [-pro drop)	60
1.4.3 As Perguntas-wh nas línguas [+pro drop_	64
1.4.4 As Perguntas-wh nas línguas de Sujeito Nulo Parcial	69
1.5 O Talian/ Vêneto Brasileiro	73
<i>Em resumo,</i>	81
2 DESCRIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIAS	83
2.1 Fundamentações teórico-metodológicas	83
2.2 Metodologia de coleta de dados	83
2.3 Descrição do corpus do talian/VB	86
2.4 Etapas metodológicas	87
<i>Em resumo,</i>	89
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	91
3.1 O movimento de I para C e o sujeito sempre expresso	91
3.2 O sujeito nulos nas sentenças com wh-in situ	101
3.3 O sujeito nulo nas sentenças com wh-ex situ	103
3.4 As similaridades e diferenças com o Português Brasileiro	105
3.5 As similaridades e diferenças com o Italiano	108
<i>Um resumo sobre a sintaxe do talian/vb e o sujeito sempre expresso...</i>	109
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	116
ANEXOS	122
Anexo I-Sentenças	122

INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado “O SUJEITO EM QUESTÃO: Um estudo sobre o funcionamento do sujeito nulo versus sujeito preenchido nas perguntas-wh do Talian/Vêneto Brasileiro”, tem como objetivo investigar o comportamento da posição sintática de sujeito nas interrogativas-wh do Talian/Vêneto Brasileiro (Talian/VB), uma língua de herança¹ falada por descendentes de imigrantes italianos sobretudo no sul do Brasil.

O estudo baseia-se na teoria da Gramática Universal, na versão proposta por Noam Chomsky de 1981, que postula, dentre outras coisas, que todas as sentenças finitas das línguas naturais devem ter uma posição dedicada ao sujeito, ainda que esse não seja fonologicamente realizado. Essa teoria distingue entre línguas que exigem um sujeito sempre expresso, como o inglês e o francês, e línguas que permitem o sujeito nulo, como o português europeu e o italiano. O Português Brasileiro (PB), por sua vez, ocupa uma posição intermediária, sendo classificado como uma língua de sujeito nulo parcial, conforme discutido por Holmberg (2010) e Gravina (2014).

A motivação para este estudo surge de pesquisas anteriores, como a realizada por Bée (2022) sob a orientação da professora Dr^a Ani Carla Marchesan e da professora Dr^a Simone Lúcia Guesser, que analisou as perguntas-wh no vêneto brasileiro sob a perspectiva da Cartografia Sintática (Rizzi, 1997; Miotto, 2001). Tal pesquisa de 2022 focou na alternância entre perguntas-wh *in situ* (quando o termo interrogativo permanece na posição em que é gerada) e *ex situ* (quando o termo interrogativo é deslocado para o início da sentença). O seguinte quadro, retirado de Bée (2022), apresenta um breve resumo sobre os resultados obtidos durante a pesquisa que originou os dados que aqui serão utilizados.

Quadro 1: Fenômenos analisados e apresentados por Bée (2022)

¹Definimos “Língua de Herança” na seção “1.5 O Talian/ Vêneto Brasileiro”, como uma língua à qual o indivíduo se sente culturalmente ligado e com a qual compartilha um sentimento de pertencimento a uma comunidade de falantes, seja por vínculos ancestrais, seja pela convivência em um mesmo ambiente sociocultural.

FENÔMENO	TREVISANO	PB	VB
Alternância <i>in situ</i> e <i>ex situ</i>	✓	✓	✓
Ocorrência de wh- <i>in situ</i> em posição de primeiro <i>merge</i>	✗	✓	✓
Ocorrência de wh- <i>in situ</i> com movimento curto	✓	✓	✓
Requerimento de wh <i>in situ</i> em posição final da sentença	✗	✗	✗
Alternância <i>in situ</i> e <i>ex situ</i> com expressões D-linked	✓	✓	✓
Movimento de I para C	✓	✗	✓
Vinculação de I para C ao movimento-wh para CP	✗	-	✗
Pronome –wh <i>che</i> na periferia esquerda	✗	✓	✗
Pronome –wh <i>che in situ</i>	✓	✗	?
<i>Por que</i> na periferia esquerda	✓	✓	✓
<i>Por que in situ</i> em posição de primeiro <i>merge</i>	✗	✓	✓
<i>Por que in situ</i> com movimento curto	✗	✓	✓
Possibilidade de leitura de longa distância com wh- <i>in situ</i>	✓	✓	✓
Ocorrência de wh- <i>in situ</i> em perguntas indiretas	✗	✗	✗
Wh- <i>in situ</i> em perguntas indiretas conectado ao complementizador <i>se</i> .	✓	✗	✗
Comp duplamente preenchido em contextos matrizes	✗	✓	✗
Comp duplamente preenchido em contextos encaixados	✓	(✓)	✓

Fonte: Projeto de IC “Interrogativas-wh no Talian e a alternância -wh *in situ* e -wh *ex situ* (Bée, 2022, p. 43).

A presente pesquisa avança esses estudos, focando especificamente no funcionamento do sujeito nulo versus sujeito preenchido nas interrogativas-wh do talian/VB. É importante destacar que esta é a primeira vez que uma pesquisa como essa é realizada. Até onde sabemos, o tema do sujeito nulo nas perguntas-wh do talian/VB nunca foi explorado de forma sistemática, o que confere originalidade e relevância a este trabalho. Ao investigar esse fenômeno, esperamos contribuir para o entendimento de como o talian/VB se comporta em relação ao sujeito nulo, comparando-o com o PB e o italiano standard, e verificar em que aspectos o (não) preenchimento do sujeito se aproxima ou difere dessas línguas.

Para isso, foram analisadas interrogativas-wh matrizes, observando se o sujeito é realizado lexicalmente (ex.: “você comprou o quê?”) ou se é omitido (ex.: “cv Comprou o quê?”).

A justificativa para esta pesquisa baseia-se em três eixos principais: A influência direta que o PB exerce sobre o talian/VB; a importância da valorização e da pesquisa com línguas de herança; o potencial de estudos linguísticos que essa língua nos oferece.

Sobre o primeiro eixo, a influência direta que o PB exerce sobre o talian/VB, a presente dissertação foi iniciada com base em pesquisas que demonstram a possível influência que o PB exerce sobre o talian/VB (Bée, 2022), bem como pesquisas que demonstram o

comportamento das diferentes línguas em relação ao sujeito nulo no que se refere ao (não) preenchimento lexical do sujeito (Holmberg, 2010; Roberts, 2010; Gravina, 2014). Buscamos observar quais são as características das perguntas-wh do talian/VB com relação ao parâmetro do sujeito nulo, observando se a língua se comporta como o Italiano ou se a língua se comporta como o PB.

Segundo, a importância da valorização e preservação de línguas de herança, como o talian/VB. Essa língua, falada por cerca de um milhão de pessoas, principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, enfrenta estigmatização e risco de desaparecimento devido a fatores históricos e sociais. Durante a Unificação da Itália, em 1851, muitos imigrantes vênets migraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida, trazendo consigo sua língua e cultura. No entanto, ao longo do tempo, o talian/VB foi marginalizado, sendo associado a uma identidade rural e de baixo prestígio. Pesquisas linguísticas como esta são essenciais para combater preconceitos e garantir a preservação dessa língua como parte do patrimônio cultural brasileiro.

Terceiro, o potencial de estudos linguísticos que o talian/VB oferece. Essa língua, que mescla características do vênets italiano com influências lexicais e sintáticas do PB, representa um campo rico para investigações sobre contato linguístico, variação sintática e mudança linguística. Além disso, os resultados desta pesquisa podem servir de base para comparações com outros dialetos do italiano e para o desenvolvimento de materiais didáticos que auxiliem na revitalização do talian/VB.

O trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro, o referencial teórico aborda a Gramática Gerativa, destacando suas origens com Noam Chomsky na década de 1950 e sua relevância para o estudo das línguas naturais. Em seguida, apresentamos a Cartografia Sintática, com foco nas contribuições de Rizzi (1997) e Miotto (2001) e, posteriormente, o parâmetro do sujeito nulo, comparando línguas de sujeito realizado (como o inglês), línguas de sujeito nulo (como o italiano) e línguas de sujeito nulo parcial (como o PB). Por fim, apresentamos uma descrição histórica e linguística do talian/VB, contextualizando sua origem e desenvolvimento no Brasil.

O segundo capítulo detalha a metodologia da pesquisa. A coleta de dados foi realizada no ano de 2022, pelo projeto de iniciação científica “*Interrogativas-wh no Talian e alternância wh-in situ e wh-ex situ*”, por meio de questionários aplicados a falantes nativos do talian/VB, descendentes de imigrantes italianos. Os informantes, selecionados em comunidades onde o talian/VB é ainda falado, criaram perguntas-wh que permitem observar o comportamento do sujeito nulo. Além disso, foram utilizados dados já coletados em pesquisas

anteriores, como as destacadas anteriormente. A análise dos dados analisa a estrutura das interrogativas-wh e identifica padrões de (não) preenchimento do sujeito.

O terceiro capítulo apresenta os resultados e discussões, observando, alguns aspectos das perguntas-wh, como a utilização de clíticos para elicitación do sujeito. Por fim, o quarto capítulo traz considerações finais sobre as descobertas realizadas até o momento. A pesquisa observa a influência do PB sobre o talian/VB, especialmente no que diz respeito ao sujeito nulo, e destaca a importância de estudos linguísticos para a preservação de línguas de herança. Em suma, esta pesquisa busca contribuir para o entendimento do comportamento do sujeito nulo no talian/VB, oferecendo insights sobre sua relação com o PB e o italiano. Além disso, visa valorizar e preservar o talian/VB como uma língua de herança, destacando seu potencial para estudos linguísticos futuros e para o desenvolvimento de materiais didáticos que possam auxiliar em sua revitalização. A originalidade deste trabalho, ao abordar um tema pouco ou nunca antes explorado, reforça sua relevância acadêmica e social, abrindo caminho para novas investigações sobre o talian/VB e outras línguas de herança.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A GRAMÁTICA GERATIVA

A Gramática Gerativa torna-se parte crucial para o desenvolvimento da presente pesquisa uma vez que se constitui como a vertente teórica na qual baseamos nosso estudo e dá conta de aspectos extremamente pertinentes para a análise que propomos aqui. Sendo assim, o primeiro tópico que gostaríamos de abordar diz respeito ao surgimento da Gramática Gerativa como área dos estudos linguísticos, seus principais componentes e também a sua aplicação teórico-analítica em nossa pesquisa.

Segundo Carvalho (2021), a revolução cognitiva, iniciada na década de 50, teve como propósito inicial o estudo da mente e dos processos relacionados ao desenvolvimento da linguagem no cérebro humano. De acordo com ele,

Nessa época, os estudos estruturalistas do linguista Leonard Bloomfield constituam a baliza que definia a prática científica da linguística. A linguagem humana era vista como um dos fatores sociais condicionados e sua aquisição dependia dos estímulos e respostas dos sujeitos na interação social. (p. 46)

A revolução cognitiva teve seu início a partir da observação da predominância da hipótese Behaviorista presente na interface de áreas como a psicologia, a antropologia, a linguística, a filosofia, a neurociência e a ciência da computação, que neste período buscavam compreender a mecânica envolvida no comportamento e no desenvolvimento cerebral. Essas disciplinas buscavam evidenciar como os mecanismos internos operam na execução de ações específicas e na compreensão e assimilação da experiência individual de um falante. Já a revolução cognitiva surge em oposição a essa concepção, tendo como principais catalisadores as publicações de obras como *The Magical Number Seven, Plus or Minus Two* (1956), do psicólogo George Miller, e a obra *Syntactic Structures* (1957), do linguista Noam Chomsky. Para Carvalho (2021)

Em Estruturas Sintáticas [*Syntactic structures*], Noam Chomsky lança as bases da teoria gerativa como uma proposta diferente os distribucionalistas americanos, tanto na concepção de língua natural quanto nos pressupostos teóricos defendidos por eles. Essa teoria procura descrever as línguas particulares e explicar abstratamente o funcionamento das formas linguísticas da linguagem." (p.46-47)

Ao contrário do distribucionalismo (estruturalismo norte-americano) que acreditavam

que cada língua possuía uma estrutura específica devido à comunidade que a utilizava, Chomsky acreditava que todas as línguas naturais apresentavam uma estrutura similar entre si e que essa similaridade seria evidenciada pela sintaxe. Para Chomsky, seria nela que se encontram os parâmetros que constituem as especificidades de cada língua, e deveria ser a partir dela que a análise linguística deveria ser iniciada.

A partir dessas ideias, Chomsky realizou uma série de proposições relacionadas à análise linguística que vigoram até os dias de hoje. Dentre estas proposições observamos a ideia de uma análise a partir da compreensão das unidades gramaticais de uma língua como projeções estruturais hierárquicas e não lineares, e também a formação destas unidades a partir de leis universais e comuns a todas as línguas. Não somente isso, os trabalhos iniciais de Chomsky nos apresentam a faculdade da linguagem como um objeto natural do ser humano, fazendo parte de seu sistema biológico tal qual os demais sistemas biológicos e sendo parte de sua mente-cérebro e não de um construto cultural, como algumas vertentes teóricas acreditavam até então. Segundo Carvalho (2021),

A faculdade da linguagem é um módulo da mente especificamente associado à língua, e não a outras linguagens (como a pintura, a música, a dança, etc.) e apresenta, no mínimo, dois componentes diferentes: “um ‘sistema cognitivo’, que armazena as informações de alguma maneira, e sistemas de desempenho, que fazem uso dessas informações para articulação e percepção, para falar sobre o mundo, fazer perguntas, contar piadas e assim por diante” (CHOMSKY, 2005, p. 210). Define-se o primeiro componente como sendo: um corpo comum de informações inatas que os sistemas de desempenho acessam, ligam-nos e os provêm de instruções; a parte da linguagem que permanece intacta; a mais básica propriedade da linguagem; uma dotação genética, chamada de estado inicial, que torna possível o desenvolvimento de qualquer língua, a Gramática Universal. O segundo componente é descrito como sendo: uma parte da linguagem que é mutável e “seletivamente imperfeita”; uma unidade totalmente determinada pelo estado inicial da linguagem; um procedimento computacional que satisfaz a propriedade básica. Destacamos que a expressão estado inicial se refere ao estado em que a linguagem está quando a criança nasce, sendo considerada uniforme em relação a toda a espécie humana. (p.50)

Assim, a teoria Chomskyana surge como uma contraposição às ideias predominantes da época ao afirmar que todas as línguas naturais compartilham uma estrutura comum, evidenciada pela sintaxe. Chomsky defende que a faculdade da linguagem é uma capacidade inata do ser humano, relacionada ao seu sistema biológico e à mente-cérebro, estabelecendo a Gramática Universal como o estado inicial comum a todas as línguas. Este estado inicial seria algo comum aos seres humanos, independente de suas origens culturais e independente da língua que seria adquirida posteriormente pelo falante.

Outro aspecto relevante, apresentado por Kennedy (2013), corresponde ao inventário

linguístico presente nos dias atuais. Segundo o autor, por volta de 1500 d.C estima-se que mais de 13 mil línguas eram faladas e utilizadas² nos diferentes continentes do globo e, atualmente, após cerca de 524 anos, pouco menos de 6 mil dessas línguas ainda são utilizadas, incluindo nestas as línguas de sinais utilizadas em todo o mundo. Para Kennedy (2013), essa multiplicidade linguística é impressionante, porém não tanto quanto as múltiplas variações fonológicas, morfológicas e morfossintáticas existentes nestas diferentes línguas. Segundo o autor,

Ao compararmos o inventário fonológico das línguas, descobrimos que elas podem ser de fato muito diferentes. Por exemplo, existem algumas línguas que possuem somente 3 vogais orais, como o koasati (língua indígena norte americana), e outras que possuem muito mais, como o inglês, que conta com 11 vogais orais, ou o português, com 7. [...] Quando analisamos o léxico das línguas, as diferenças que encontramos podem ser curiosas e intrigantes. Veja-se o caso do português e de diversas outras línguas ocidentais que possuem dezenas de palavras para indicar cores (amarelo, azul, branco, preto, rosa etc.), por contraste ao Dani, língua falada em Nova Guiné, na Indonésia, que possui palavras para essa função, algo como "claro" e "escuro". Na sintaxe as diferenças também não são pequenas. Dentre as 6 mil línguas do mundo, existem inúmeros padrões de organização linear entre as palavras que compõem uma dada frase. (p.90)

Tal afirmação demonstra de maneira muito clara a variação presente nos inúmeros aspectos estruturais que compõem as múltiplas línguas. As diferentes óticas que observamos nas pesquisas linguísticas surgem, principalmente, da complexidade variacionista presente nas línguas faladas, e também das línguas extintas, ao redor do globo e algumas das áreas mais ricas dos estudos linguísticos pautam-se justamente na observação e no estudos das irregularidades presentes nas línguas, bem como nas possibilidades de estudos que tais línguas fornecem aos pesquisadores.

Porém, outras vertentes investigativas são mobilizadas não somente pelas irregularidades e pela heterogeneidade linguística, mas pela ideia das possíveis regularidades existentes em meio a tal gigantesca variação. Sabemos que diversos fatores e aspectos presentes nas línguas faladas ao redor do globo apresentam similaridades em suas estruturas e compartilham aspectos fundamentais para sua estruturação, e é nesta ótica que organizam-se as pesquisas da linguística gerativa. Pautadas na observação e na percepção das regularidades presentes na ordem linguística, a pesquisa gerativa reconhece a homogeneidade dos aspectos presentes nas línguas e objetiva observar a (não) aleatoriedade presente na estruturação de tais

² Considera-se que línguas "mortas" e/ou "extintas" são aquelas que, por uma multiplicidade de fatores, não possuem mais falantes nativos que as utilizam em seu cotidiano. O registro histórico de muitas dessas línguas permanece, porém a sua usualidade se perdeu (Kennedy, 2013, p.89)

idiomas. Segundo Kennedy (2013),

Todas as línguas apresentam nomes e verbos. Todas apresentam frases compostas de sujeito e predicado. Todas possuem núcleos sintáticos, seus complementos e adjuntos. Todas lançam mão de pronomes e advérbios para indicar pessoa, tempo e lugar de comunicação. Todas estruturam o período por meio de orações simples, coordenadas e subordinadas. Há, com efeito, um grande número de universais linguísticos. É justamente a busca pela identificação dessa universalidade que caracteriza o esforço descritivo da linguística gerativa (p.91)

Mobilizado por múltiplos filósofos, dentre eles o francês René Descartes³ e Wilhelm von Humboldt⁴ que já abordavam as ideias dos universais linguísticos, da criatividade e da capacidade inata de aquisição linguística, que, na década de 60; Noam Chomsky realizou a proposição da Gramática Universal (GU) que, segundo Kennedy (2013),

É o estágio inicial da aquisição da linguagem. Esse estágio corresponde ao estado natural da cognição linguística humana antes do contato da criança com a língua-E de seu ambiente. A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano. Essa propriedade é a concretização biológica de nossa faculdade da linguagem (seja na versão forte ou fraca do inatismo). Ela é a maneira pela qual a disposição para a linguagem deve estar codificada no genoma do Homo Sapiens (p. 94).

A Gramática Universal proposta por Chomsky apresenta sua relevância para a pesquisa linguística com as diferentes línguas naturais uma vez que apresenta uma observação extremamente pertinente para as similaridades encontradas em línguas tão diversas. Tal explicação pauta-se na ideia de que todas as línguas naturais são oriundas de um estado inicial similar, que está codificado na GU, que por sua vez está inscrita no genoma humano como a potencialidade de aquisição e desenvolvimento linguístico. Em outras palavras: as múltiplas línguas compartilham similaridades uma vez que estas línguas têm suas origens no mesmo lugar.

Nesta perspectiva, compreende-se então, a partir da proposição da GU, alguns dos princípios relacionados à universalidade linguística. Todavia, dar conta apenas das inúmeras similaridades presentes nas línguas não se demonstra como suficiente levando em consideração a heterogeneidade linguística. Assim, entendendo a origem das similaridades presentes nas línguas, restava ao gerativismo compreender a origem de tais diferenças e, na

³ Descartes acreditava que, segundo Kennedy (2013), "as palavras e frases que usamos para exprimir pensamentos são acidentais [...] mas a habilidade em fazer uso dessas palavras e frases é essencial e universal a todos os humanos" (p.93)

⁴ Humboldt acreditava que, segundo Kennedy (2013), "a principal característica das línguas naturais é a sua capacidade de fazer uso infinito de recursos finitos." (p.93)

década de 80, surge, então, a teoria de Princípios e Parâmetros.

De maneira geral, propõe-se que a GU contém em si não somente as propriedades relacionadas às similaridades linguísticas, mas também as propriedades relacionadas às suas diferenças. Concebendo os "Princípios" como as propriedades universais das línguas e os "Parâmetros" como as variações (limitadas) dentro de uma determinada língua, a teoria de Princípios e Parâmetros pauta-se na ideia de que o indivíduo nasce com os Princípios "ativos" desde seu nascimento e ao longo de seu processo de aquisição linguística "ativa" os Parâmetros. Em outras palavras, a GU seria composta pelo conjunto de princípios universais e também pelo conjunto de particularidades (parâmetros) formatadas a partir da experiência do falante. Segundo Kennedy (2013)

É no curso da aquisição da linguagem que a GU deverá retirar informações da língua ambiente da criança de modo a formatar seus parâmetros. Ao fim do processo de aquisição, no estágio estável, os Parâmetros de uma língua particular encontrar-se-ão completamente assimilados pela GU e, dessa forma, o conhecimento de uma língua específica, como, por exemplo, o português, estará estabelecido na mente da pessoa. Esse conhecimento linguístico, isto é, o conjunto de Princípios universais e o conjunto de Parâmetros já formatados pela experiência particular, caracterizará a língua-I de um indivíduo, a sua competência linguística (p. 97).

Desta maneira, entendemos que a teoria gerativa compreende uma visão inatista de que a linguagem do ser humano estaria biologicamente programada em seu cérebro e seu desenvolvimento aconteceria a partir de sua imersão em uma determinada língua. A questão relevante aqui é justamente essa contraposição entre o que seria inato e o que seria adquirido. A linguagem seria, para a teoria gerativa, um processo natural do cérebro humano, assim como qualquer outra função biológica. Em outras palavras, o cérebro humano nasce biologicamente programado para aprender uma língua, independente de qual língua seja essa. Neste estágio inicial, biologicamente pré-determinado, não existem restrições para a aquisição de um determinado idioma ou de um número determinado de idiomas que um falante pode adquirir.

A chave para compreender esse aspecto reside, justamente, na ideia de que uma criança pode adquirir naturalmente qualquer língua, independente de sua complexidade aparente, de seu léxico ou de sua estrutura sintática. Uma criança poderá adquirir uma determinada língua contanto que seja exposta a ela (*input*) durante seu período crítico de aquisição da linguagem, seja essa língua PB, chinês, russo, finlandês ou qualquer outro idioma.

Para entender melhor os fundamentos da gramática gerativa, é essencial explorar como ela diferencia a linguagem em termos de sistemas internos e externos. Essa distinção permite uma análise mais profunda da competência linguística dos falantes, ao separar o conhecimento implícito e abstrato das regras gramaticais, daquilo que é observável na prática cotidiana da comunicação. A partir dessa divisão, surgem os conceitos de Língua I e Língua E, que desempenham um papel central no estudo das formas e usos da linguagem, tanto no nível individual quanto no coletivo.

1.1.1 Língua-I

Os conceitos de Língua-I e Língua-E são apresentados por Chomsky em 1978⁵ e dizem respeito às duas “modalidades” presentes na língua falada por um indivíduo, sendo uma de caráter interna e outra de caráter externa.

A Língua I refere-se à linguagem como um sistema mental internalizado pelos falantes. Em termos gerais, ela seria a representação da gramática que cada indivíduo possui de forma implícita, codificada em seu cérebro. De acordo com Kennedy (2013, p. 34), a língua-I é um conceito crucial para a teoria gerativa de Chomsky, pois permite descrever o que os falantes “sabem” sobre sua língua, sem a necessidade de consciência explícita desse conhecimento. A língua-I é o conjunto de competências linguísticas que residem na mente, permitindo que as pessoas formem e compreendam sentenças, mesmo que essas nunca tenham sido previamente ouvidas.

A língua-I seria interna ao falante, sendo algo mental e abstrato, operando de maneira automática na mente/cérebro do falante. A língua-I trata e se refere à capacidade do falante nativo de gerar e interpretar frases gramaticalmente corretas. Algo muito importante de compreendermos aqui, e que está presente no conceito de Língua-I, é a criatividade infinita na linguagem, a partir da qual um falante consegue, a partir de um conjunto finito de regras e palavras, produzir um número infinito de frases.

De acordo com Kennedy (2013, p. 35), a língua-I pode ser entendida como um sistema computacional que processa informação linguística, gerando sentenças com base em regras que estão codificadas na mente do falante. Esse processo permite ao falante não apenas

⁵ Os conceitos foram apresentados no trabalho “Aspectos da teoria da sintaxe” de 1978.

entender e produzir frases familiares, mas também criar e interpretar frases completamente novas. Essa capacidade seria o que permitiria que um falante compreendesse uma sentença que nunca ouviu antes, mesmo que tal sentença não possua um significado discursivo coerente.

Em suma, a língua-I, como um sistema mental internalizado, é central para a compreensão da competência linguística dos falantes, conforme descrito pela teoria gerativa, iniciada por Chomsky. Ela representa o conjunto de regras e princípios gramaticais que permitem ao indivíduo gerar e interpretar sentenças de forma automática e inconsciente, sendo capaz de produzir combinações infinitas a partir de um conjunto finito de regras e de elementos linguísticos. Essa capacidade criativa e flexível da linguagem evidencia a complexidade e a natureza abstrata da língua-I, que opera internamente no cérebro e se distingue da língua-E, que será discutida a seguir como a manifestação externa da língua.

1.1.2 Língua-E

De maneira geral, podemos entender como "Língua-E" a linguagem em sua forma externa e observável. É a manifestação da língua em forma de fala e escrita, por exemplo. Língua-E seria a contraposição à língua-I uma vez que representa a externalização da língua de maneiras diversas. A língua-E seria a linguagem vista como um objeto que pode ser registrado e estudado empiricamente, focando nas produções concretas que os falantes geram em suas interações sociais. A língua-E é quase que a aplicação da língua, sendo aquilo que os falantes "fazem" com a língua, em oposição ao que "sabem".

Sendo assim, a língua-E seria a manifestação desse conhecimento no mundo real. De acordo com Kennedy (2013, p. 30), a língua-E inclui as variações, erros, e ajustes contextuais que ocorrem no uso cotidiano da linguagem. A língua-E abrange tanto o que seria considerado "correto" quanto o "incorreto", do ponto de vista da norma padrão, já que ela descreve o comportamento linguístico como ele realmente ocorre.

Assim, a língua-E representa a manifestação concreta e observável da linguagem, refletindo o uso prático que os falantes fazem dela em suas interações cotidianas. Diferente da língua-I, que se refere ao conhecimento internalizado e abstrato, a língua-E abrange as variações e ajustes que surgem no uso real, incluindo formas consideradas corretas ou

incorretas segundo a norma padrão. Ao focar na língua-E, é possível estudar empiricamente como a linguagem é aplicada e adaptada pelos falantes em diferentes contextos, evidenciando a dinâmica e a diversidade da comunicação humana.

Nesta perspectiva, compreendemos que a distinção entre Língua-I e Língua-E é extremamente relevante para esta pesquisa. Considerando que a língua-I refere-se ao conhecimento interno dos falantes, como apresentado anteriormente, a língua-E representa o uso real da língua, incluindo nela as variações e influências externas, como o contato com o PB, algo extremamente pertinente para a nossa discussão e que abordaremos na sequência.

1.1.3 Língua-I e Língua-E no contexto da pesquisa linguística.

Podemos entender que, no que se refere à competência linguística (presente na Língua-I), esta seria um fator inato relacionado à biologia do ser humano. Em outras palavras: algo presente em todo ser humano. A competência, segundo esta teoria, seria manifestada de maneira homogênea entre os falantes, uma vez que esta corresponde ao conjunto de regras que foram internalizadas, durante a infância, por meio do processo de aquisição da linguagem.

Assim, em teoria, não haveriam variações significativas de competência entre os indivíduos, uma vez que todos, ao adquirirem sua língua materna, partem de um mesmo estágio primário. No caso do PB, por exemplo, estaríamos falando de conceitos básicos para a estruturação de sentenças. Um falante nativo de português brasileiro, por exemplo, não produziria naturalmente uma sentença como “*Menina a viu o cachorro*”, uma vez que a sentença fere as regras da estrutura da língua portuguesa.

Considerando a frase apresentada anteriormente, podemos dizer que a sentença não seria produzida por um falante nativo uma vez que a mesma seria considerada como “impossível” em um nível estrutural da língua. Essa sentença seria considerada “impossível” ou “agramatical”, em português brasileiro, pois viola as regras estruturais da sintaxe dessa língua. O uso do pronome clítico “a” nessa posição, imediatamente antes do verbo “viu”, não é permitido quando há um objeto explícito como “o cachorro”, na qual vemos a existência de elementos (DP) sem atribuição de caso, por exemplo. O português brasileiro não admite, em sua gramática interna, esse tipo de construção com o clítico “a” (em referência a “ela”) nessa

ordem, pois a regra da língua I não gera esse tipo de estrutura.

Um outro exemplo seria a frase: “**Comeu João o bolo.*” Essa sentença também é agramatical em português brasileiro porque apresenta uma ordem dos constituintes incompatível com o padrão SVO (Sujeito-Verbo-Objeto) predominante na língua. A sentença “*Comeu João o bolo” é considerada agramatical porque viola a ordem básica dos constituintes do PB, que é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Em PB, o sujeito deve ocupar a posição de especificador de IP, garantindo a estrutura canônica da sentença, e a inversão verbo-sujeito só é admitida em contextos específicos, como em construções de foco (Comeu o bolo o João, não a Maria!), ou em construções com verbos inacusativos (Morreu o pai dela). Como o verbo “comer”, que é transitivo e exige um sujeito agente explícito, a colocação pós-verbal de “João” não encontra justificativa discursivo-pragmática, fazendo com que a derivação não seja licenciada pela gramática interna do falante e resultando, assim, em agramaticalidade.

A capacidade de julgar tais sentenças como agramaticais, mesmo sem conhecimento formal de gramática, é uma manifestação direta da língua I. Isso porque, segundo Chomsky, os falantes possuem uma gramática mental que lhes permite distinguir entre o que é possível e o que não é possível dizer em sua língua. O juízo de gramaticalidade — ou seja, a percepção de que uma sentença “soa errada” — revela os limites impostos pela língua I, mesmo que o falante não consiga explicar conscientemente qual regra foi violada.

Ao observar quais construções os falantes aceitam ou rejeitam intuitivamente, conseguimos, em certa medida, inferir quais são as regras que compõem o conhecimento linguístico internalizado de um falante. O que gostaríamos que fosse compreendido, com relação à análise proposta em nosso trabalho, diz respeito justamente à composição estrutural linguística presente no Talian/VB.

Um falante de talian/VB pode usar formas verbais e estruturas sintáticas que, para um falante de português, seriam consideradas diferentes ou até mesmo agramaticais. Essas formas podem ser internalizadas de maneira implícita, e o falante não precisa saber conscientemente as regras gramaticais que as regem, mas ainda assim as utiliza de forma intuitiva, o que caracteriza o funcionamento da língua I.

Em contrapartida, a performance linguística (presente na Língua-E) apresentaria variações de falante para falante, visto que envolve fatores externos e circunstanciais que

influenciam o uso da língua em situações reais de comunicação. Essa realização concreta da linguagem é moldada por diversos elementos sociais, como o nível de escolaridade, a classe social e as experiências de vida, os quais impactam diretamente a maneira como o indivíduo expressa sua língua ao longo do tempo.

Quando falamos sobre performance linguística (língua-E) no talian/vêneto brasileiro nos referimos à fala. Essa manifestação, como explicado anteriormente, corresponde à forma como o Talian/VB é falado em interações sociais, por exemplo no contato com outras línguas, incluindo o português. Nesta perspectiva, a língua-E também abrangeria, também, as que podem surgir dependendo do contexto social, cultural ou geográfico. Por exemplo, o Talian/VB pode ser falado de maneira diferente dependendo da região ou do nível de contato do falante com o português e outras línguas.

Acreditamos que o Talian/VB é afetado por fatores sociolinguísticos como a idade, a classe social e a escolaridade, que influenciam a fala dos falantes. Essas variáveis sociais alteram a maneira como o Talian é usado na prática, fazendo com que a língua-E varie conforme o contexto e a comunidade de fala.

A compreensão destas duas questões demonstra-se relevante uma vez que nossa análise aborda questões diretamente ligadas aos dois conceitos apresentados anteriormente. No caso do Talian/VB, a língua-I explicaria por que os falantes omitem ou realizam o sujeito em perguntas-wh, mesmo sem consciência explícita das regras envolvidas. Já a língua-E demonstraria as adaptações que surgem no uso cotidiano, adaptações que podem ser oriundas da influência do PB.

Sendo um trabalho que também possui interesse pela demonstração desta possível influência, acreditamos que compreender estes dois aspectos é fundamental para a compreensão geral de nossa dissertação.

Dessa forma, apresentamos a teoria gerativa, nesta seção, porque, embora os pontos discutidos anteriormente não esgotem toda a complexidade da teoria, eles destacam conceitos fundamentais para nossa pesquisa. Nosso objetivo é aplicar os princípios propostos por Chomsky, desenvolvendo uma análise que não apenas descreva o comportamento do sujeito nas interrogativas-wh do Talian/VB, mas também proponha uma hipótese explicativa para esse fenômeno.

1.2 A CARTOGRAFIA SINTÁTICA

A partir da década de 80, com o grande avanço no número de proposições relativas ao desenvolvimento dos estudos gerativos, as categorias apresentadas inicialmente por Chomsky em sua proposição da Gramática Gerativa sofreram um desenvolvimento de aprofundamento extremamente pertinente e relevante. O desenvolvimento de novas pesquisas linguísticas pautadas na observação e descrição das projeções de CP, IP e VP⁶ ocasionaram uma expansão naquilo proposto inicialmente por Chomsky, levando ao desenvolvimento de novos modelos de investigação e de campos de estudos, dentro da gramática gerativa, visando à observação das línguas naturais sob estas novas óticas. De acordo com Tescari Neto (2024)

“A Cartografia Sintática é um programa de pesquisa que se insere na Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa. Suas duas figuras principais são os próprios desenvolvedores desse programa, Guglielmo Cinque e Luigi Rizzi, gerativistas já bastante famosos à época em que a Cartografia começou a ser difundida. O programa teve início na Itália, fruto de um projeto financiado, nos anos 90, pelo **Ministero dell'Università e della Ricerca Scientifica e Tecnologica**; dele fizeram inicialmente parte pesquisadores das universidades de Milão, Veneza, Siena, Florença e Ferrara.” (p.05)

Segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024), estes novos estudos abriram caminho para um significativo número de pesquisas que observaram a organização hierárquica das sentenças sob aquilo que viria a ser conhecido não como uma nova teoria, mas sim uma nova forma de investigação. Os primeiros trabalhos da Cartografia Sintática começaram a aparecer nos anos 1990, em um momento em que uma das grandes preocupações da sintaxe gerativa era entender quais seriam as unidades atômicas que formam as estruturas da língua — como as orações e os sintagmas nominais. Mesmo antes dos cartógrafos propriamente ditos, já havia entre os gerativistas uma percepção clara da necessidade de identificar essas categorias por meio de projeções funcionais. Segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024),

A determinação das categorias que constituíram cada uma dessas projeções estendidas- e, muito mais do que isso, a determinação da ordem relativas dessas categorias (Cinque, 2006)- seria um dos aspectos fundadores de um projeto de pesquisa bastante promissor, liderado por Luigi Rizzi e Guglielmo Cinque, inicialmente na Itália, projeto este patrocinado pelo Ministero della Ricerca italiano (nos anos 90), e que veio a ser conhecido como Projeto Cartográfico (p.472).

Segundo os autores, o programa cartográfico surge como uma linha de investigação

⁶ CP: Complementizer Phrase (Sintagma complementizador); IP: Inflectional Phrase (Sintagma flexional); VP: Verbal Phrase (Sintagma verbal).

que objetiva descrever as "hierarquias dos domínios funcionais, domínios esses identificados como as projeções estendidas mencionadas anteriormente" (p.473). Nesta perspectiva, Quarezemin e Tescari Neto (2024) explicam que as primeiras análises propostas dentro do programa cartográfico buscavam observar, principalmente, os elementos sintáticos dentro de uma "zona expandida" das categorias de CP, IP e VP. Segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024),

Os primeiros trabalhos em Cartografia [...] encarregaram-se justamente de determinar as unidades atômicas que constituiriam cada um desses domínios (CP, IP e VP) (p.473).

Alguns destes trabalhos, como os de Rizzi (1997), Cinque (1999) e Belletti (2004)⁷, inicialmente tiveram, sim, como objetivo central o desenvolvimento de "projeções estendidas" para as múltiplas categorias funcionais, porém, com o passar do tempo, os trabalhos da cartografia sintática voltaram-se para outros aspectos do estudo das orações e dos "fatos gramaticais". Segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024),

Pode-se dizer que, hoje, caracterizam a Cartografia Sintática três objetivos principais (cf. Tescari Neto, 2022a):

1. o desenho de detalhados mapas da sequência funcional — ou f-seq — das mais diversas projeções estendidas (no sentido de Grimshaw (1991)), especialmente a do V e a do N (inclusive numa perspectiva de busca por (quase) paralelismos) (cf. Cinque; Rizzi, 2010));
2. o uso das hierarquias como um *explanans* (no sentido de Hempel; Oppenheim, 1948) a fenômenos morfossintáticos os mais diversos (cf. Rizzi, 2018a);
3. a tentativa de oferecer explicações às f-seqs uma vez reveladas pelos cartógrafos: neste caso, as hierarquias são um *explanandum*, i.e., entidades à espera de explicações — fala-se, aqui, de explicações do tipo: por que as categorias que integram determinada f-seq são as que encontramos e não outras; por que a ordem relativa das categorias é tal e não qual; etc. (cf. Rizzi, 2018a)." (p.474-475)

Sendo assim, os desenvolvimentos do programa cartográfico surgiram a fim de abarcar inúmeros aspectos dos estudos sintáticos que vão além da representação das sequências funcionais, abrangendo, também, a explicação de fenômenos morfossintáticos e

⁷ "Rizzi (1997) "explodiu" a periferia esquerda nas projeções de Força, Tópico, Foco, Tópico e Finitude, sendo Tópico uma categoria recursiva para o autor. Cinque explodiu — com base em um exame de advérbios e núcleos funcionais em uma centena de línguas — o IP nas cerca de quarenta categorias que vieram a constituir o "middlefield" da estrutura da oração. Belletti (2004) reconheceu que também a zona baixa de IP — por muitos corretamente identificada como sendo a borda da fase de vP —, à semelhança da fase alta (ou de CP), teria um a periferia, com projeções de tópico e de foco, esse último especializado para o foco de informação" (Quarezemin;e Neto, 2024, p.473)

também das categorias que, de fato, integram determinadas sequências sintáticas.

No Brasil, segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024), o programa cartográfico teve seu desenvolvimento no final dos anos 90⁸ e, a partir de então, vem atraindo os pesquisadores da sintaxe que desenvolvem cada vez mais pesquisas no âmbito da cartografia sintática. Segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024),

Embora se possa dizer que os cartógrafos brasileiros tenham de certa maneira contribuído com todos os três objetivos do programa — mencionados em 1., 2. e 3., acima, a produção do país tem se voltado sobretudo ao objetivo elencado em 2, qual seja, o de recorrer às hierarquias cartográficas ou f-seqs enquanto um explanans para fenômenos gramaticais e de interface os mais variados. E é bastante compreensível a predileção dos cartógrafos brasileiros, ao longo desses vinte e cinco anos de cartografia no país, por este objetivo indicado em 2: desde o trabalho seminal de Tarallo (1983), a Linguística Brasileira — em várias de suas vertentes (em Gramática Gerativa, em Sociolinguística e em Gramática Funcional) — tem juntado esforços para uma caracterização, tanto detalhada quanto possível, das propriedades morfossintáticas do português do Brasil (PB). (p.475-476)

Como mencionado anteriormente, e apontado por Quarezemin e Tescari Neto (2024), os objetivos básicos da cartografia sintática eram o desenho de mapas e o desenvolvimento de representações das principais categorias e estruturas sintáticas. Sendo assim, naturalmente, a camada do CP seria um dos principais objetos a serem analisados.

Iniciado pelos estudos de Rizzi (1997), como mencionado anteriormente, a camada do CP, também chamada de Periferia Esquerda, recebeu particular atenção ao ser analisada sob uma ótica que apresentava múltiplas camadas e núcleos funcionais, adequadas a diferentes contextos, que iam além das projeções básicas de CP-C'-C.

Com os estudos sobre a periferia esquerda, o CP, algumas projeções foram adicionadas ao sistema, dentre elas os núcleos funcionais de Tópico (Top), Foco (Foc), Q, Excl etc. Tais trabalhos, como os de Rizzi (1996, 1997), serviram de base para inúmeros estudos brasileiros que abordaram o funcionamento da camada do CP, dentre eles os estudos de Miotto (2001) que apresentou de que maneira configura-se a camada do CP no PB. Os estudos de Miotto (2001) apresentaram os elementos topicalizados e focalizados, por exemplo, apresentando o sistema de critérios à língua portuguesa falada no Brasil e, segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024), podem ser considerados como os primeiros estudos da cartografia sintática no Brasil.

⁸ "Carlos Miotto em Siena, no fim dos anos 90, de que resultou um manuscrito circulado a partir de 1998 e publicado na Revista Letras, em 2001, sobre a periferia esquerda do PB (veja-se Miotto, 2001)." (Quarezemin e Neto, 2024, p.475)

A partir dos trabalhos de Miotto (2001), uma série de pesquisas pertencentes ao programa cartográfico foram desenvolvidas no Brasil.⁹ Segundo eles,

A Cartografia no Brasil começou, como vimos na Introdução e no início desta seção, com estudos voltados ao sistema CP, domínio frásico que continua ainda a atrair o interesse de estudantes e estudiosos, o que atesta todo o dinamismo das investigações sobre essa temática Cartografia. Para além do sistema CP, o sistema de IP (ou Middlefield) também tem sido palco para explorações em Cartografia por estudiosos do Brasil (Quarezemin; Tescari Neto, 2024, p.488-489).

Ainda que os primeiros trabalhos da cartografia sintática no Brasil tenham sido desenvolvidos com olhos para o sistema do CP, esse não foi o único aspecto estudado pelos cartógrafos brasileiros. O domínio flexional (IP) apresenta uma literatura considerável dentro dos estudos da cartografia sintática

O primeiro trabalho publicado no Brasil sobre a Cartografia de IP de que se tem notícia é, salvo engano, o artigo de Tosqui e Longo (2003). As autoras se voltam a um estudo dos advérbios modalizadores em PB, testando a sua posição na estrutura sentencial. Tosqui & Longo concluem que a ordenação dos advérbios modalizadores de diferentes classes em PB é a mesma identificada na hierarquia universal de Cinque (Quarezemin; Tescari Neto, 2024, p.489-490).

Posterior a isso, múltiplos trabalhos que investigaram a constituição do *middlefield* foram publicados. Trabalhos que observaram aspectos como a hierarquia de advérbios, tema extremamente relevante e estudado dentro da cartografia sintática, apresentaram grande influência no desenvolvimento dos estudos da cartografia sintática e das posições "mais altas" da sentença.

Ainda na perspectiva dos estudos das camadas flexionais (IP) dentro da cartografia sintática, trabalhos que envolvem a sintaxe do sujeito (o foco de nosso trabalho), foram desenvolvidos a fim de explicar múltiplas questões, como, por exemplo, a posição dos diferentes tipos de sujeito em uma sentença. Segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024),

As análises cartográficas apontam diferentes posições estruturais dentro do domínio flexional: de um lado, uma posição que recebe o sujeito gramatical; de outro lado, uma posição que recebe o sujeito lógico da sentença. O middlefield passa, então, a ser composto por projeções independentes que correspondem a traços distintos(cf. Cardinaletti, 1997, 2004, 2014; Rizzi; Shlonsky, 2007) (p. 500).

⁹ O texto de Quarezemin e Neto (2024) apresenta uma lista de trabalhos realizados com o português brasileiro, bem como suas principais contribuições, e que apresentaram desenvolvimentos significativos do programa cartográfico para os estudos da sintaxe do PB. Checar a seção "1 Explorações Cartográficas em CP" (p.477) do trabalho dos autores mencionados.

Não abordaremos todos os aspectos estudados pela cartografia sintática voltada para as camadas de CP, IP e VP realizados na língua portuguesa falada no Brasil. Nosso intuito não é o de apresentar e sumarizar todos os estudos realizados; objetivamos apenas demonstrar que, a partir da década de 90, os estudos da cartografia sintática no Brasil apresentaram um desenvolvimento deveras completo e complexo, configurando-se, então, como um programa extremamente pertinente ao qual inúmeros estudiosos e pesquisadores brasileiros recorrem nos seus desenvolvimentos investigativos.

Demonstrar essa variedade de estudos realizados pela cartografia sintática é pertinente para nossa pesquisa, pois entendemos este programa como uma excelente ferramenta disponível nos estudos linguísticos a partir da qual será possível analisar as principais diferenças e semelhanças entre as construções sintáticas das perguntas-wh no Talian/VB e no PB e Italiano.

Tratando de alguns dos princípios teóricos do programa cartográfico, de acordo com Tescari Neto (2024), os estudos comparativos, de diferentes correntes teóricas, já indicavam que as categorias funcionais identificadas pelos cartógrafos tendem a se organizar “de forma rígida nas línguas”(p.07). Segundo o autor, o Programa Cartográfico, dentro da Gramática Gerativa, seria responsável por apresentar uma continuidade a essa linha investigativa tanto da própria tradição gerativa quanto da tipologia — seja ela gerativista ou não —, com o objetivo de “desenhar mapas” da estrutura da frase e de seus constituintes principais (p.07).

Além disso, o autor destaca que um dos pressupostos fundamentais da cartografia é a ideia de que essas categorias fazem parte da nossa faculdade da linguagem — ou seja, são inatas e transmitidas biologicamente. Esse aspecto explicaria o fato de essas categorias surgirem de maneira semelhante em línguas tipologicamente diversas. Mais do que a simples presença dessas categorias, os estudos cartográficos têm demonstrado que elas se organizam segundo uma ordem rígida e sistemática, evidenciada nas hierarquias propostas pelos cartógrafos através daquilo que os autores chamam de “mapas cartográficos”.

O desenvolvimento destes mapas seria um dos objetivos basilares do programa cartográfico e teria como objetivo o detalhamento das estruturas funcionais de uma oração e de seus principais elementos constituintes. Tais mapas serviriam como ferramenta para o desenvolvimento de análises voltadas para as hierarquias que constituem as sentenças de múltiplas línguas naturais. Os mapas desenvolvidos dentro do programa cartográfico

serviriam não somente para a compreensão das categorias funcionais específicas mas também para a compreensão de outros fatores morfossintáticos das línguas.

Um exemplo destes “mapas” diz respeito à constituição dos elementos presentes na área de projeção do CP, representado em (1). A representação disposta em (1) configura-se como a projeção estendida para os contextos mais complexos (como sentenças encaixadas, por exemplo). Os asteriscos indicados em (1) representam categorias que são realizadas de maneira “opcional”, ou seja, que não aparecem em todos os contextos (como é o caso de sentenças onde existe topicalização (Top)). Ainda que nosso trabalho não aborde sentenças complexas, como as encaixadas, demonstramos a seguir o panorama completo para que o mesmo seja compreendido mais a fundo. Segundo Bée (2022),

Int, no PB e italiano, representa o complementizador interrogativo *se*, que ocorre em perguntas encaixadas do tipo sim-não [...] e não realizado fonologicamente em sentenças matrizes desse tipo [...], além de ser a posição em que são gerados sintagmas-wh correspondentes a operadores sentenciais, como *por que*, em sentenças matrizes [...] e encaixadas [...]. **Mod** é proposto para representar o fenômeno de frontamento adverbial [...], fenômeno que, embora tenha semelhanças estruturais com as articulações de tópico-comentário e foco-suposição, apresentam importantes diferenças sintáticas e pragmático-discursivas com relação a essas articulações [...]. Por fim, o núcleo **Qemb** representa o núcleo que aloja pronomes-wh (exceto os wh-operadores sentenciais) em contextos encaixados (p. 15)

(1) [Force[Top*¹⁰[Int[Top*Foc[Top*[Mod[Top*[Qemb[Fin[IP...]]]]]]]]]]

Segundo Pinto (2021), no modelo paramétrico da Teoria Gerativa, a estrutura frasal é organizada em três camadas principais: “CP (Complementizer Phrase), responsável pelo nível pragmático-discursivo (modalidade oracional, força ilocucionária, seleção oracional etc.); IP (Inflectional Phrase), responsável pelo nível gramatical (concordância, tempo, aspecto, negação...); VP (Verb Phrase), responsável pelo nível lexical (predicação verbal)” (PINTO, 2021, p. 299). Segundo o autor, nesse contexto, os trabalhos de Pollock, especialmente seu artigo de 1989 intitulado “Verb movement, universal grammar, and the structure of IP”, demonstraram que diferenças superficiais entre línguas, como o inglês e o francês, podem ser

¹⁰ O asterisco presente em “Top” não deve ser confundido com o asterisco utilizado para marcar a agramaticalidade de uma sentença. Neste caso, trata-se da indicação de elementos como “Top” (tópico) podem aparecer múltiplas vezes dentro da mesma estrutura.

atribuídas a um único parâmetro estrutural. Por exemplo, enquanto o inglês apresenta a ordem S-Adv-V-O, o francês segue a ordem S-V-Adv-O. Pollock explica essa diferença com base no movimento do verbo: no francês, o verbo se move até a projeção IP, enquanto no inglês permanece em posição mais baixa. Além disso, ao analisar o contraste entre orações finitas e não finitas no francês, o autor propôs que a projeção IP não é uma unidade simples, mas é composta por camadas funcionais distintas, como AgrP (Agreement Phrase) e TP (Tense Phrase), o que permitiu uma análise mais refinada da estrutura interna das orações.

No que se refere à projeção de IP, enquanto modelos anteriores tratavam o IP (Inflectional Phrase) como uma única projeção funcional que reunia em si traços como tempo, concordância, aspecto e negação, o programa cartográfico propõe que essa estrutura seja desmembrada em múltiplas camadas hierarquicamente organizadas, cada uma responsável por um traço gramatical específico. Assim, o que antes era visto como um único bloco passa a ser analisado como uma sequência ordenada de projeções funcionais distintas que incluem núcleos SubjP, TP, MoodP, AspP, NegP e AgrP.

A SubjP (Subject Phrase) seria responsável pelo sujeito da predicação, não se restringindo a DPs. A TP (Tense Phrase) é responsável pela marcação do tempo verbal, indicando se a ação ocorreu no passado, presente ou futuro. É nessa projeção que elementos como auxiliares ou morfemas temporais se ancoram estruturalmente, assim como as características de caso nominativo, por exemplo. A MoodP (Mood Phrase) está associada à modalidade, ou seja, ao modo como o falante expressa suas atitudes em relação ao conteúdo da oração, como obrigação, possibilidade, certeza ou dúvida; por exemplo, advérbios como "possivelmente" ou "necessariamente" estão ligados a essa camada. A AspP (Aspect Phrase) expressa o aspecto gramatical do verbo, mostrando como a ação é visualizada no tempo — se está concluída, em progresso, habitual, entre outros; línguas que marcam aspecto com morfemas verbais ou partículas específicas evidenciam claramente essa projeção. Já a NegP (Negation Phrase) abriga a negação da oração, pois em muitas línguas há uma posição estrutural específica para o morfema de negação, como "não" em português ou "not" em inglês, o que justifica a existência dessa frase funcional própria para a negação.

Tratando sobre o sujeito, enquanto na teoria gerativa clássica, o sujeito era frequentemente associado à posição de Spec-IP (o especificador do Inflectional Phrase). Com a fragmentação da IP em várias projeções no programa cartográfico, essa posição é reinterpretada inicialmente como a posição de SubjP (posição intermediária logo acima da

categoria de VP) e, posteriormente, pela posição Spec-TP — ou seja, o sujeito geralmente se move para a posição de especificador da projeção de tempo verbal (Tense Phrase), porque o traço de tempo está intimamente ligado à presença de um sujeito com papel temático e à concordância verbal. Dentro desta análise, o sujeito sentencial apresentaria a capacidade de ser gerado dentro das projeções de VP, além da capacidade de mover-se para o Spec-TP, para checar traços de tempo/concordância, e posteriormente, over-se ainda mais alto, para projeções como TopP (Topicalização) ou FocP (Focalização), conforme a força ilocucionária da oração. Abaixo encontramos uma das possíveis representações do “sistema de IP”, segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024),

As posições do sujeito estão localizadas no middlefield, abaixo de FinP, do CP-articulado de Rizzi (1997), como vemos em (23).

(23) [COMP ForceP TopP* FocusP FinP [INFL SubjP AgrSP TP ... [VERB VP]]]” (p.501)

De maneira geral, segundo Quarezemin e Tescari Neto (2024), o trabalho cartográfico brasileiro, por exemplo, tem utilizado estes mapas hierárquicos como uma das principais ferramentas para a explicação e demonstração de fenômenos morfossintáticos no português brasileiro. Segundo os autores, a produção do país tem se voltado à utilização destas hierarquias para fenômenos gramaticais e de interface e “é bastante compreensível a predileção dos cartógrafos brasileiros” (p.475). Para os autores,

A linguística brasileira [...] têm juntado esforços para uma caracterização, tanto detalhada quanto possível, das propriedades morfossintáticas do português do Brasil. A cartografia sintática, com suas hierarquias e metodologia de análise, “caiu como uma luva”, portanto, no contexto dessas investigações [...] se beneficiando das hierarquias reveladas pelos trabalhos dos cartógrafos para a explanação não só de fenômenos observáveis em PB como também para a explanação de propriedades morfossintáticas que caracterizam o PB como único não só no conjunto das línguas românicas como também na comparação com as línguas ibéricas, em especial o português europeu (p.465 e 476)

Sendo assim, como mencionado anteriormente, a cartografia sintática possui impacto extremamente positivo nos estudos sintáticos no país, especialmente na observação de fenômenos particulares do PB e na análise comparativa entre esta língua e demais línguas Românicas, especialmente o português europeu.

Nesta perspectiva, acreditamos que a cartografia sintática possa nos fornecer

considerações extremamente pertinentes no que diz respeito à compreensão do funcionamento dos elementos constituintes da sintaxe do Talian/VB. Abordando as propriedades morfossintáticas, a constituição da língua, suas variedades funcionais e, especialmente, sua mudança diacrônica, a cartografia sintática brasileira apresenta extrema relevância para os estudos da sintaxe brasileira, sendo base para estudos que observam não somente o PB, mas também as múltiplas línguas que são faladas nos contextos em que o PB é majoritariamente utilizado, como é o caso do talian/vêneto brasileiro.

Apresentamos a cartografia sintática uma vez que as hierarquias propostas pelo programa cartográfico, como mencionado por Quarezemin e Tescari Neto, servem como explicação para fenômenos observáveis e também para a explanação de propriedades morfossintáticas que caracterizam as línguas. Assim, os estudos com a sintaxe do Talian podem, também, se beneficiar dos *insights* oferecidos pela cartografia sintática.

1.3 O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO NA TEORIA GERATIVA

A teoria gerativa proposta por Chomsky acredita que cada idioma apresenta um conjunto distinto de características, conhecidas como Parâmetros, que distinguem uma língua de outras e que são adquiridos ao longo do processo de aquisição da língua. Para a teoria, tais Parâmetros organizam-se de maneira em que a sua marcação seja positiva ou negativa dependendo do idioma. Por exemplo, se houver um Princípio X, ele poderá ser marcado como X+ ou X- e, esta marcação seria o que diferenciaria uma língua da outra.

A organização e marcação destes diferentes parâmetros seriam as características particulares de uma determinada língua. Um exemplo destes parâmetros seriam as posições verbais e a forma como as diferentes línguas organizam a relação e a concordância entre seus verbos e objetos.

Um exemplo importante de parâmetro na teoria gerativa é o parâmetro do sujeito nulo. No entanto, para compreendermos esse parâmetro, é fundamental entendermos um princípio universal relacionado à presença do sujeito nas frases, chamado Princípio da Projeção Estendida (do inglês *Extended Projection Principle* – EPP). Segundo esse princípio, proposto por Chomsky (1981), todas as frases humanas, independentemente da língua, precisam conter obrigatoriamente um sujeito sintático.

O EPP é um princípio geral e universal, válido para todas as línguas, que estabelece

que todo predicado deve possuir um sujeito. Isso significa que, estruturalmente, a frase deve projetar uma posição de sujeito, mesmo que esse sujeito não tenha um referente semântico claro ou esteja implícito. Por exemplo, em línguas como o inglês, onde a presença do sujeito é obrigatória, há casos de sujeito expletivo, como o pronome *it* em frases como "It is raining", que não se refere a ninguém específico, mas cumpre a função estrutural exigida pelo EPP.

Portanto, o EPP explica a necessidade estrutural do sujeito nas frases, mas as línguas diferem no modo como esse sujeito pode ou não ser expresso. É justamente aí que entra o parâmetro do sujeito nulo: algumas línguas permitem a omissão do sujeito explícito (como o português ou o italiano), enquanto outras obrigam sua presença explícita (como o inglês). Entender esse princípio e o parâmetro associado é essencial para compreender as variações sintáticas entre as línguas.

A existência de sujeito em todas as frases finitas é considerada como um "Princípio", chamado aqui de o princípio de sujeitos, sendo imutável e obrigatório a todas as línguas, de maneira universal. Como mencionado anteriormente, considera-se a existência do sujeito em todas as línguas naturais como um "princípio", pois, novamente, observa-se a sua aplicabilidade de maneira universal, em todas as línguas, sem exceção, mesmo que, em alguns casos ele esteja visível por meio de um expletivo, sem carga lexical (como o *it* do inglês), ou por uma categoria vazia (_{pro})

Em outras palavras, não podemos averiguar a existência de línguas que produzem sentenças sem sujeitos, logo, este seria um princípio comum e universal a todas as línguas, sendo codificado no interior da GU.

Conforme exposto anteriormente, a partir da década de 80, quando Chomsky (1981, 1982, 1986) propôs seu modelo de gramática fundamentada no conceito de princípios e parâmetros, as línguas naturais passaram a ser estudadas em termos de Princípios-responsáveis pelo que há de similar entre as línguas- e Parâmetros-responsáveis pela variação, isto é, pelo que as diferencia. De acordo com Chomsky (1986), quando tratamos sobre o estudo dos Parâmetros da língua, um dos principais fenômenos é a possibilidade de realização do sujeito nulo em algumas línguas, como o italiano, que permite, e inglês que não permite.

Como o próprio nome já indica, o sujeito nulo seria a capacidade de algumas línguas realizarem determinados tipos de sentença finitas sem a realização fonética na posição de sujeito.

Também conhecido como parâmetro [pro-drop], o Parâmetro do Sujeito Nulo compreende a ausência do sujeito pronominal lexicalmente realizado. Na representação de sentenças produzidas com esse sujeito pronominal não realizado, como observamos em (2), a marcação para não expressão lexical deste sujeito seria dada pelo que chamamos de "pro". Imaginemos a situação em que você está conversando com uma pessoa X, em PB, e ela lhe fala que comeu algo muito bom. A produção de um questionamento como em (2) para descobrir o que a pessoa X comeu seria algo como:

(2) _{pro}Comeu o quê?

Essa marcação, em uma representação analítica da sentença, nos indica a ausência de um sujeito pronominal foneticamente realizado. A sentença poderia ser produzida como "Você comeu o quê?" porém, dado o fato de que o PB apresenta algumas características de língua [+pro-drop], a não realização de um sujeito pronominal é perfeitamente aceitável e, inclusive, ocorre com muita frequência.

Outras línguas, como o inglês, não permitiriam a omissão desse sujeito. Por se tratar de uma língua [-pro-drop], não é possível que a sentença representada em (3) seja produzida

(3) * What did _{pro} eat?
* O que _{pro} comeu?

Existem outros fatores relevantes para a análise da sentença em (3), porém o cerne deste exemplo é a compreensão de que a não realização lexical de um sujeito pronominal em sentenças de línguas [-pro-drop], como é o caso do inglês, torna a sentença automaticamente agramatical, seja em situações interrogativas, como é o caso do exemplo, seja em sentenças declarativas, como é o caso em (4) em que, em inglês [-pro-drop], a sentença é agramatical mas em português ([+pro-drop]) a sentença é perfeitamente aceitável.

(4) * _{pro} Arrived.
_{pro} Chegou.

Então, consideramos que o parâmetro responsável por esse tipo de diferença entre as línguas é o Parâmetro do Sujeito Nulo, apresentado em Chomsky (1981). O parâmetro do sujeito nulo apresenta como particularidade básica para sua delimitação as propriedades flexionais das línguas: em línguas como o Italiano, que apresentam um sistema flexional

“rico”, o elemento da concordância (*agreement*) permite a não realização lexical do sujeito. Porém, em línguas com uma concordância “pobre”, como o inglês, a omissão do sujeito não é permitida. Para Chomsky (1981), essa relação entre o sujeito nulo e a flexão presente no verbo não necessariamente seria exata, mas poderia, em algumas instâncias, distinguir línguas *pro-drop* de *não-pro-drop*.

Assim, na medida em que as línguas exigem que as posições de sujeito sejam sempre preenchidas, uma vez que, para Chomsky, toda língua possui sujeito, algumas delas apresentam esse preenchimento por meio da marcação explícita, como no caso de línguas como o inglês, o francês, o alemão, o russo e o árabe; já outras optam pela utilização do sujeito nulo, de acordo com seus próprios licenciamentos e contextos, como é o caso do italiano, do português europeu, do mandarim e do japonês.

Então, inicialmente, a teoria separou as línguas de acordo com dois grandes grupos principais:

1. As línguas de Sujeito Preenchido/Sujeito Pleno (*-Pro Drop*)
2. As línguas de Sujeito Nulo (*+Pro Drop*)

Nesta perspectiva, estes dois grupos de línguas seguiram dois pressupostos iniciais. O primeiro tipo precisaria obrigatoriamente preencher com material fonético todos os sujeitos pronominais das suas sentenças, independentemente do contexto, enquanto o segundo tipo permitiria, dentro de determinadas condições de licenciamento, o sujeito pronominal sendo nulo.

Discutido e teorizado durante muito tempo dentro da teoria gerativa, o Parâmetro do Sujeito Nulo apresenta uma trajetória que se volta para os princípios dos estudos da teoria e, até os dias atuais, gera discussões sobre sua possível binariedade de realização.

Inicialmente, o parâmetro do sujeito nulo apresentaria uma variação teórica, que partiu dos pressupostos de Chomsky, na década de 80, e que categoriza as línguas em dois grandes grupos: Língua *+pro drop*¹¹, ou seja, aquelas que permitem a realização de sujeito nulo, e as Línguas *-pro drop*¹², que não permitem a realização do sujeito nulo.

¹¹ Línguas que apresentam uma marcação [*+pro-drop*], por exemplo, o italiano.

¹² Línguas que apresentam uma marcação [*-pro-drop*], por exemplo, o inglês.

Essa (não) realização do sujeito seria condicionada às propriedades morfológicas de cada uma das línguas, sendo este um dos fatores condicionantes para a queda dos pronomes em determinadas sentenças. Em outras palavras, as línguas que apresentassem uma maior riqueza em sua morfologia, em especial em seu sistema flexional, seriam as línguas com habilidade para licenciamento do sujeito nulo, já as línguas que apresentassem uma riqueza menor em sua morfologia seriam, então, as línguas que não teriam a capacidade de licenciar o fenômeno de *pronominal dropping*.

Porém, com os avanços nos estudos teóricos relacionados ao funcionamento das línguas (não) pro-drop, foi possível observar que tais constatações apresentadas até então, ainda que verificáveis em línguas como o inglês e o italiano, não se aplicariam, de fato, a todas as línguas, por exemplo, o chinês, o irlandês e o hebraico. Segundo Gravina (2014, p. 37),

Depois de trabalhos como o de Huang (1984), a relação entre riqueza flexional e sujeito nulo deixou de ser determinante, uma vez que o autor apresentou línguas como o chinês, que tem sujeito nulo, apesar de um paradigma verbal sem flexão. Outros trabalhos como de McCloskey & Hale (1984) demonstraram que algumas línguas célticas, como o irlandês, por exemplo, apresentam paradigmas verbais mistos, ora sintéticos (considerados de flexão rica), ora analíticos (considerados de flexão pobre), de acordo com a pessoa e o tempo verbal. Nesse tipo de língua, se em uma sentença há um verbo que possui um paradigma sintético, ou seja, um ambiente que licencia o sujeito nulo, se algum pronome for utilizado a sentença se torna agramatical.

Desta maneira, o desenvolvimento de pesquisas em línguas específicas demonstrou que mesmo que o sistema binário de categorização apresentado no início dos estudos sobre os parâmetros das línguas naturais fosse condizente com uma parcela das línguas faladas, diversas outras línguas, de diferentes famílias linguísticas¹³, apresentavam parâmetros e condicionamentos para a queda do sujeito que demonstravam que tal classificação não seria de fato binária.

Assim, a partir dos estudos realizados a partir do início da década de 80, a ideia inicial de dividir as línguas em apenas duas categorias restritas foi descartada por uma grande parcela dos pesquisadores. A partir de estudos de línguas como as mencionadas anteriormente e também de línguas como o Islandês, o PB e o Finlandês, propõe-se, então, uma "categoria

¹³ Família Linguística é um grupo de línguas provenientes de uma mesma descendência, ou de uma mesma linhagem, que derivam de uma língua ancestral comum chamada de "Protolíngua". Por exemplo: Línguas Românicas (português, espanhol, francês, italiano, galego e romeno), Línguas Célticas (irlandês, galês e o corno), Línguas germânicas (inglês, alemão, neerlandês/holandês, sueco, dinamarquês e o norueguês) etc.

intermediária" conhecida como "línguas de Sujeito Nulo Parcial".

Esta categoria demonstraria e enquadraria determinadas línguas, como as mencionadas anteriormente, que têm contextos nos quais é comum a realização de sujeito nulo ao mesmo tempo em que apresenta contextos em que é necessário que o sujeito seja explicitado, apresentamos na subseção 1.3.3 Línguas de sujeito nulo parcial. Desta forma, os estudos demonstraram que a classificação simplista das línguas como "com sujeito nulo" ou "sem sujeito nulo" não é adequada, já que certas línguas possuem regras mais complexas quanto ao uso do sujeito nulo, como veremos nas seções seguintes.

1.3.1 LÍNGUAS DE SUJEITO REALIZADO [- PRO DROP]

A subseção anterior apresentou um breve panorama sobre o funcionamento do parâmetro do sujeito nulo na teoria gerativa. Compreendendo, então, o parâmetro do sujeito nulo como um dos aspectos variacionistas existentes nas línguas naturais, passamos agora para a observação sobre as línguas que não permitem a sua realização. Ou seja: As línguas que apresentam uma marcação para o parâmetro do sujeito nulo.

Dizer que uma língua apresenta uma marcação negativa para o parâmetro do sujeito nulo, ou que ela é uma língua [-pro drop], quer dizer que, nesta determinada língua, a estrutura gramatical das sentenças (interrogativas, declarativas, relativas etc) exige a realização de um sujeito lexicalmente realizado. Ao longo de nosso trabalho, especialmente na subseção anterior, apresentamos alguns exemplos da língua inglesa sobre o não apagamento do sujeito nas sentenças.

Utilizamos o inglês como língua exemplificadora, uma vez que o inglês se configura sinteticamente como uma língua bem consolidada no que se refere ao sujeito nulo, sendo [-pro drop] de maneira totalitária. Sabemos que quase que de maneira quase totalitária o inglês não permite que o sujeito seja omitido, exigindo não somente a sua presença nas sentenças mas, como veremos posteriormente, que as sentenças e as posições de sujeito sejam adequadas a diferentes aspectos gramaticais específicos.

Entende-se que a natureza do (não)licenciamento do sujeito nulo seja diversificada, como explicado por Gravina (2008), visto que trabalhos com línguas como chinês (que apresentam sujeito nulo mesmo sem apresentar um paradigma flexional) e o hebraico (que exige a realização de sujeito para determinadas pessoas verbais). Porém, os postulados por Chomsky inicialmente apresentam grande pertinência quando observamos, por exemplo, o

quadro comparativo abaixo:

Quadro comparativo dos paradigmas verbais do Inglês e do Português Brasileiro

Português Brasileiro	Verbo: "ter"		Inglês	Verbo: "To have"
Eu	Tenho	1a pessoa SINGULAR	I	Have
Tu	Tens	2a pessoa SINGULAR	You	Have
Ele/ela	Tem	3a pessoa SINGULAR	He/She/It	Has
Nós	Temos	1a pessoa PLURAL	We	Have
Vós	Tendes	2a pessoa PLURAL	You	Have
Eles/Elas	Têm	3a pessoa PLURAL	They	Have

O quadro acima apresenta uma exemplificação sobre o verbo "Ter" em língua portuguesa em contraste com a língua inglesa. Enquanto o PB pode apresentar seis variações (gramaticais) para as múltiplas conjugações das diferentes pessoas verbais¹⁴ da língua, o inglês apresenta somente duas conjugações para o total das pessoas verbais.

O paradigma flexional "pobre" do inglês, exemplificado pelo quadro acima, demonstra de maneira muito clara como aquilo apresentado por Chomsky (1981), e estudado posteriormente por Rizzi (1997), se aplicaria no contexto de não licenciamento do sujeito nulo na língua inglesa. A realização obrigatória do sujeito nas sentenças do inglês estaria, então, diretamente condicionada às propriedades morfológicas da língua inglesa, sendo essas propriedades morfológicas responsáveis pela impossibilidade da queda dos pronomes na língua.

Em outras palavras, o inglês, sendo uma das línguas que apresentam uma riqueza

¹⁴ Destacamos aqui que não entramos no mérito das variações existentes na não-utilização de pessoas verbais como o "vós" e também da variação oral existente na não-conjugação dos verbos com a segunda pessoa do plural.

flexional menor, seria uma das línguas que não teriam a capacidade de licenciar o fenômeno de *pronominal dropping*, exigindo, então, a realização explícita de um sujeito em todas as suas sentenças. Assim, para compreender melhor um pouco do funcionamento do sujeito na língua inglesa, observemos os exemplos em (5) e (6)

- (5) a. **I** *love* you.
Eu amo você.
 b. **You** *love* her.
Tu ama ela.
 c. **She** *loves* you.
Ela ama você.
 d. **We** *love* you.
Nós amamos você.
 e. **You** *love* them
Vós amais eles.
 f. **They** *love* you
Eles amam você.

As frases em (5 a-f) exemplificam a conjugação do verbo "To Love" (amar), realizado na língua inglesa. Podemos perceber que, na língua, somente duas variações existem para a totalidade de pessoas verbais existentes na língua. O exemplo em (6 a-f) é a mesma frase, produzida na língua italiana.

- (6) a. **Ti** amo.
Te Amo
 Eu amo você.
 b. **Tu** la ami.
Tu ela ama.
 Tu ama ela.
 c. **Lei** ti ama.
Ela te ama
 Ela ama você.
 d. **Noi** ti amiamo.
Nós te amamos.
 Nós amamos você.

- e. **Voi** li amate.
Vós eles amais.
 Vós amais eles.
- f. **Loro** ti amano.
Eles te amam
 Eles amam você.

O que podemos perceber pelo exemplo em (6 a-f) é uma direta oposição aos exemplos em (5 a-f). Enquanto inglês apresenta um paradigma flexional resumido a duas variações para as seis pessoas verbais, o italiano, por outro lado, apresenta um paradigma flexional de seis variações para as seis pessoas verbais. Ainda, pelos mesmos exemplos, podemos observar um contraste entre o inglês com o PB que apresenta um paradigma flexional de cinco variações para as seis pessoas verbais.

Assim, os exemplos em (5) e (6) servem como exemplificador de que o inglês, quando contrastado com o italiano (que é considerado como uma língua prototipicamente nula) apresenta um paradigma flexional muito inferior, sendo esta uma das possíveis justificativas para o não licenciamento do sujeito nulo na língua. Vejamos os exemplos a seguir

- (7) a. You **dance** beautifully.
 Você **dança** lindamente.
- a'. We **dance** beautifully.
 Nós **dançamos** lindamente.
- b. They **travel** to new places every summer.
 Eles **viajam** para novos lugares todo verão.
- b'. You **travel** to new places every summer.
 Você **viaja** para novos lugares todo verão.
- c. I **cook** dinner for them.
 Eu **cozinho** o jantar para elas.
- c'. You **cook** dinner for them.
 Vocês **cozinham** o jantar para elas.
- d. We **watch** movies on Friday nights.

Nós assistimos a filmes nas noites de sexta.

d'. I **watch** movies on Friday nights.

Eu **assisto** a filmes nas noites de sexta.

e. I **read** a book before bed.

Eu **leio** um livro antes de dormir.

e'. They **read** a book before bed.

Eles **leem** um livro antes de dormir.

f. You **write** amazing stories.

Você escreve histórias incríveis.

f'. We **write** amazing stories

Nós **escrevemos** histórias incríveis.

A sequência de exemplos apresentada serve como outro exemplo e (7) demonstra como a língua inglesa, por apresentar um paradigma flexional "pobre" pode se tornar ambígua em alguns casos. Os verbos apresentados em (7) apresentam quase que de maneira integral, a mesma conjugação verbal para diferentes pessoas verbais. Observemos a sequência em (8) em que apagamos o sujeito das sentenças:

(8) a. * **dance** beautifully.

a'. * **dance** beautifully.

b. * **travel** to new places every summer.

b'. * **travel** to new places every summer.

c. * **cook** dinner for them.

c'. * **cook** dinner for them.

d. * **watch** movies on Friday nights.

d'. * **watch** movies on Friday nights.

e. * **read** a book before bed.

e'. * **read** a book before bed.

f. * **write** amazing stories.

f'. * **write** amazing stories

Ao observamos as sequências em (8), podemos constatar que, mesmo para um falante nativo, se apagarmos o sujeito lexical das sentenças, além de as sentenças se tornarem agramaticais, a compreensão sobre o significado real das sentenças fica impossibilitada uma vez que a mesma sentença pode se referir a diferentes pessoas. O mesmo fato não aconteceria com o italiano, que apresenta um paradigma flexional rico o suficiente para que o apagamento do sujeito seja realizado de maneira que o sentido da sentença bem como o seu sujeito sejam recuperados por meio da flexão verbal apresentada em cada verbo, como observamos em (9)

- (9) a. _{pro} **danzi** magnificamente.
 (Você) dança lindamente.
 a'. _{pro} **danziamo** magnificamente.
 (Nós) dançamos lindamente.
- b. _{pro} **viaggiano** in nuovi posti ogni estate.
 (Eles) viajam para novos lugares todo verão.
 b'. _{pro} **viaggi** in nuovi posti ogni estate.
 (Você) viaja para novos lugares todo verão.
- c. _{pro} **cucino** la cena per loro.
 (Eu) cozinho o jantar para elas.
 c'. _{pro} **cucinate** la cena per loro.
 (Vocês) cozinham o jantar para elas.
- d. _{pro} **guardiamo** film il venerdì sera.
 (Nós) assistimos a filmes nas noites de sexta.
 d'. _{pro} **guardo** film il venerdì sera.
 (Eu) assisto a filmes nas noites de sexta.
- e. _{pro} **leggo** un libro prima di andare a letto.
 (Eu) leio um livro antes de dormir.
 e'. _{pro} **leggono** un libro prima di andare a letto.
 (Eles) leem um livro antes de dormir.
- f. _{pro} **scrivi** storie incredibili.
 (Você) escreve histórias incríveis.

f. _{pro} **scriviamo** storie incredibili.

(Nós) escrevemos histórias incríveis.

Inclusive, algo que podemos notar pelos exemplos acima, além da multiplicidade do paradigma flexional do italiano, é a possibilidade (e a probabilidade) de que todas as sentenças descritas acima sejam produzidas com a realização de sujeito nulo, contrastando diretamente com o inglês, em que as mesmas sentenças seriam agramaticais caso fossem produzidas de tal maneira (como observamos em (8a-f)).

Assim, pelos exemplos acima conseguimos descrever como funciona o sujeito nas línguas que apresentam uma marcação negativa para o parâmetro do sujeito nulo. O inglês, sendo uma língua [-pro drop], não permite que o sujeito pronominal seja apagado das sentenças, sejam elas declarativas (10) ou interrogativas (11)

(10) a. She danced yesterday.

Ela dançou ontem.

a' *_{pro} danced yesterday.

_{pro} Dançou ontem.

(11) a. Did she dance yesterday?

Ela dançou ontem?

a'. *Did _{pro} dance yesterday?

_{pro} dançou ontem?

Assim, em síntese, a análise do parâmetro do sujeito nulo nas línguas naturais revela importantes distinções entre aquelas que permitem e as que não permitem essa omissão. Através da comparação entre o inglês e o italiano, evidenciamos como a riqueza flexional influencia diretamente a necessidade de um sujeito explícito no inglês, o que não ocorre com o italiano.

O inglês, com seu paradigma flexional mais restrito, exige a realização do sujeito em todas as suas construções, resultando em agramaticalidade na ausência deste. Por outro lado, o italiano, com suas variadas conjugações, permite a omissão do sujeito sem perda de clareza ou significados, demonstrando a eficiência de seu sistema morfológico. Essa diferenciação não apenas enriquece a compreensão sobre as estruturas gramaticais, mas também enfatiza a

importância do contexto morfológico na linguagem.

1.3.2 LÍNGUAS DE SUJEITO NULO [+PRO DROP]

A subseção anterior apresentou o funcionamento do sujeito nas línguas que não apresentam a possibilidade de realização de sujeito nulo. Agora, nesta subseção, apresentamos as línguas que apresentam um comportamento oposto: as línguas que apresentam uma marcação para o parâmetro do sujeito nulo.

Dizer que uma língua apresenta uma marcação positiva para o parâmetro do sujeito nulo, ou que ela é uma língua [+pro drop], quer dizer que, nesta determinada língua, a estrutura gramatical das sentenças (interrogativas, declarativas, relativas e etc) não exige a realização de um sujeito lexicalmente enunciado¹⁵.

Como já explicitado anteriormente, o italiano é uma das línguas que apresenta uma adequação ao Parâmetro [+Pro Drop], sendo uma língua prototípica de sujeito nulo. Por apresentar um sistema flexional "rico", a não realização dos sujeitos pronominais torna-se comum na língua que opta, então, pela realização do sujeito nulo uma vez que, para Rizzi (1998), a concordância seria capaz de identificar o sujeito, permitindo o licenciamento de sentenças com a categoria vazia. É importante destacar que, como mencionado anteriormente, a omissão do sujeito acontecendo em uma língua que apresenta uma flexão rica não significa que, nesta língua, somente as questões morfológicas são responsáveis pelo licenciamento do sujeito nulo.

De todo caso, podemos observar que o italiano (12) é uma língua que apresenta, então, a utilização do sujeito nulo quase que de forma geral¹⁶, inclusive para as sentenças

¹⁵ Destacamos aqui que dizer que uma língua é uma língua [+pro drop] não é o mesmo que dizer que uma língua não permite, em hipótese alguma, a realização de um sujeito lexical. Algumas línguas categorizadas como línguas [+pro drop] permitem, sim, a realização de sujeito lexical em determinados contextos, como observamos no italiano, utilizado aqui como exemplo de uma língua prototipicamente nula. A marcação positiva do parâmetro do sujeito nulo, como apresentamos nesta sub-seção, refere-se à possibilidade de realização de sujeito nulo em determinados contextos. Como vemos nesta subseção, as línguas que são categorizadas como línguas [+pro drop] são categorizadas desta maneira pois permitem que o sujeito seja omitido das sentenças e, em alguns casos, sua realização torna a sentença redundante. É possível, sim, que línguas [+pro drop] apresentem a realização de sujeito explícito e lexicalmente realizado. O mesmo não pode ser dito sobre línguas [-pro drop] que, de maneira quase que absoluta, não permitem o apagamento do sujeito e a sua não realização torna as sentenças agramaticais.

A diferença principal que gostaríamos de destacar reside na possibilidade ou impossibilidade de algumas línguas (não) realizarem o sujeito nulo. Línguas [-pro drop] não permitem que o sujeito seja apagado. Línguas [+pro drop] permitem e fazem uso tanto do sujeito nulo quanto do sujeito realizado (em determinados contextos).

¹⁶ Segundo Dias (2008), o italiano apresenta algumas especificidades no presente e no pretérito do subjuntivo que fazem com que a língua se comporte de uma maneira distinta da que foi apresentada aqui.

interrogativas. Segundo Dias (2008), Rizzi, em seu texto de 1998, explica que em línguas como italiano, a realização de um sujeito pronominal de forma fonética torna-se redundante, uma vez que a desinência verbal já se encarrega de explicitar tal informação. Já em inglês (13) o mesmo não pode ser observado.

(12) Ho mangiato torta.¹⁷

_{pro}Comi bolo.

(13) *_{pro}eat cake.

Eu comi bolo

A morfologia rica de línguas como o italiano possui carga semântica suficiente para delimitar o sistema pronominal de maneira que a sua realização lexical não seja estritamente necessária. Já a morfologia de línguas como o inglês, como demonstrado na subseção anterior, não possui essa capacidade e requer a realização de sujeitos pronominais dada a morfologia pouco variada que a língua apresenta. O quadro abaixo, retirado de Dias (2008), representa de maneira muito clara como a morfologia de línguas como o italiano e o inglês podem ser contrastadas na exemplificação do dito anteriormente

Figura 1

Quadro 1.1 - Paradigmas flexionais do italiano e do inglês

italiano		inglês	
1 ^a - amo	} Singular	1 ^a - love	} Singular
2 ^a - ami		2 ^a - love	
3 ^a - ama		3 ^a - loves	
1 ^a - amiamo	} Plural	1 ^a - love	} Plural
2 ^a - amate		2 ^a - love	
3 ^a - amano		3 ^a - love	

Fonte: Dias (2008)

Algo importante de destacar é que línguas como o italiano apresentam a realização lexical do sujeito em contextos restritos, como, por exemplo, em contextos de focalização, em

¹⁷ No italiano, "ho" é a forma da primeira pessoa do singular do verbo "avere," que significa "ter." É usado como auxiliar na formação de tempos compostos, como no passado. Por exemplo, em "ho mangiato," "ho" significa "eu tenho," e a frase se traduz como "comi."

que a realização de um sujeito pronominal ocorrerá para a expressão de ênfase em uma sentença. Segundo dias (2008),

No que se refere ao uso do pronome pessoal diante do verbo, o italiano se distingue bastante de outras línguas européias, pois, tendo em vista que possui um paradigma verbal bastante diversificado, são poucos os casos em que a omissão do pronome irá gerar confusão, ou seja, quase sempre permite eliminar o pronome pessoal. Quando há presença de um pronome, deve-se a fatores de cunho expressivo, em consonância com o que também foi alegado por Rizzi (1988). (p.24)

Casos como (14) tornam-se agramaticais, mesmo o italiano sendo uma língua [+pro drop], pois a orientação pelo discurso não pode acontecer, como aconteceria no chinês. O caso em (14) demonstra que apesar de o Italiano não exigir a realização de um pronome para todos os casos, há algumas exceções para que as restrições formais da língua sejam respeitadas

- (14) Hai visto Paolo? *Sì, _{PRO}ho visto
 Tem visto Paolo? Sim o visto.
 Você viu o Paolo? Sim, _{PRO}vi.

Assim, para que a sentença em (14) se torne gramatical, é necessário fazer uso de um pronome objeto direto (lo), o que faz com que o italiano, segundo Dias (2008), permita a realização de sujeito nulo somente com os pronomes sujeito, mas não com pronomes objetos. Os exemplos em (14) e (15) funcionam, aqui, apenas para demonstrar como o italiano não será uma língua que produzirá sujeito nulo em absolutamente todos os contextos e sua realização apresenta algumas restrições.

- (15) Hai visto Paolo? Sì, l'ho visto.
 Tem visto Paolo? Sim, tenho+o visto.
 Você viu o Paolo? Sim, eu o vi

(Adaptado de Dias, 2008, p.27)

Também destacamos que, segundo Dias (2008), o italiano configura-se, sim, como uma língua de sujeito prototipicamente nula, porém exige a realização de sujeito pleno para alguns casos como: Pronome seguido de aposto (16); Quando o sujeito é o mesmo de uma oração relativa subsequente (17); Quando ocorre a existência de múltiplos sujeitos ou quando ocorre a enumeração de sujeitos (18); Em casos de ênfase (19); Em casos onde ocorrem

pronomes pospostos ao verbo (20); Quando o pronome é seguido por expressões como "também" (*anche*), nem/nem mesmo (*neanché*) (21)

(16) Che ho mai fatto **io, servo inutile**, pastore sonnolento perché...

O que fiz **eu, servo inútil**, pastor sonolento que...

(Dias, 2008, p.44)

(17) O **tu** che dormi là su la fiorita/ collina tósca

Oh **você** que dorme lá sobre a floria colina toscana

(Dias, 2008, p. 44)

(18) **Tu** esci, **lui** studia e **io** devo lavorare per tutti.

Você sai, **ele** estuda, e **eu** tenho que trabalhar para todos.

(Dias, 2008, p.44)

(19) **Io** solo/ cobatterò, procomberò sol **io**.

Eu sozinho combaterei, somente **eu** padecerei

(Dias, 2008, p.45)

(20) Ci penso **io**.

Eu penso isso

(Dias, 2008, p. 45)

(21) Vengo anch' **io**. No tu no.

Eu também venho. Não, você não.

(Dias, 2008, p.45)

Outro caso interessante apontado por Dias (2008), diz respeito aos casos específicos em que, no italiano, existe a mesma desinência verbal para mais de uma pessoa, como é o caso do Presente do Subjuntivo (*Ami* para o singular da primeira, segunda e terceira pessoa) e do Pretérito imperfeito do Subjuntivo (*Amassi* para o singular da primeira e segunda pessoa). Nestes casos, é comum também que ocorra o preenchimento pleno do sujeito para fins de elucidação do referencial, ainda que o mesmo seja evitado em determinados contextos como

aponta Dias (2008).

1.3.3 LÍNGUAS DE SUJEITO NULO PARCIAL

A literatura discute, há muito, qual das categorias mencionadas anteriormente enquadra melhor o PB. Porém, a partir de trabalhos como Holmberg (2005), que apresentaram algumas distinções iniciais sobre o parâmetro do sujeito nulo em línguas como o Finlandês e o PB, observa-se a sua não adequação às distinções binárias observadas até então. Posteriormente, em seu trabalho de 2010, Holmberg apresentou uma reformulação de suas hipóteses, descrevendo e encaixando o PB na categoria de Língua de Sujeito Nulo Parcial. Para restrição e fundamentação da presente pesquisa, nos voltamos para a ideia de que o PB é uma língua dotada de propriedades de sujeito nulo parcial (Holberg, 2010; Gravina, 2014) e seu funcionamento como língua de sujeito nulo parcial, dentro da teoria gerativa, apresenta-se, segundo Gravina (2014), de forma constante em todos os períodos.

A partir de trabalhos publicados durante a década de 80, especialmente os trabalhos de Galves (1987), algumas distinções foram apresentadas no que se refere ao funcionamento do sujeito nulo do português brasileiro, em particular, quando comparado ao funcionamento de tal aspecto no português europeu e a utilização do pronome clítico *se*. Segundo Gravina (2014), outros trabalhos, como os de Kato e Tarallo (1992), Oliveira (1996) e Figueiredo Silva (1996; 2000), descreveram o funcionamento do sujeito nulo em respostas para perguntas sim/não.

Desta forma, os diversos estudos realizados com o objetivo de identificar as diferenças sintáticas entre o português brasileiro e demais línguas, em especial o português europeu, demonstram alguns indícios da preferência pelo preenchimento do sujeito no PB. Ainda que alguns estudos indiquem se tratar de uma possível mudança para uma língua de sujeito pleno em que a utilização do sujeito nulo perderia seu valor com o passar do tempo, outros estudos, como o de Gravina (2014), utilizado aqui como um dos principais embasamentos para o desenvolvimento deste aporte teórico, demonstram se tratar de uma mudança já ocorrida e que se manterá para a língua. Assim, levando em consideração as descrições realizadas acima, Gravina (2014) propõe que

O PB teria sofrido uma mudança gramatical em relação ao sujeito nulo do século 19 para o século 20: teria deixado de ser uma língua de sujeito nulo consistente e passado a ser uma língua de sujeito nulo parcial. Isso dito, observamos que mesmo com o aumento do preenchimento do sujeito nulo[...] o sujeito nulo ainda é licenciado em vários ambientes sintáticos do PB. (p. 193-194)

Um dos contextos em que se observa o não licenciamento de sujeito nulo é o contexto interrogativo. Ainda que, como apontado anteriormente, os contextos de produção sentencial resultados para interrogativas do tipo sim/não licenciam os contextos de sujeito nulo a formulação de perguntas-wh não permite o seu apagamento.

Sobre as perguntas do PB, observamos três contextos importantes aqui: As perguntas do tipo Sim/Não; As perguntas-wh com *wh in situ* e As perguntas-wh com *wh ex situ*.

Como mencionado anteriormente, o PB licencia respostas declarativas com sujeito nulo para perguntas Sim/Não, porém, devido às mudanças flexionais e a redução na utilização de determinadas pessoas verbais, a realização de perguntas sim/não com sujeito nulo pode se tornar ambígua em um nível interpretativo, como observado em (22), em que a pessoa referida pode tanto indicar para uma segunda pessoa do singular como para pessoas da terceira pessoa do singular.

- (22) _{pro} comprou o livro?
 _{pro} escreveu o trabalho?
 _{pro} comeu?

Já para os contextos Wh, observamos uma diferença para os contextos *in situ* e os contexto *ex situ* no PB. O PB aparentemente apresenta a característica de permitir o apagamento do sujeito nas perguntas-wh realizadas com pronome interrogativo em posição de *in situ* (que não seja a posição de sujeito) e, mesmo que as perguntas sejam possíveis, elas ainda possuem caráter duvidoso quanto sua aceitabilidade

- (23)¹⁸ ?_{pro} comeu o quê?
 ?_{pro} comprou qual?
 ?_{pro} foi para onde?
 ?_{pro} viajou quando?
 ?_{pro} quebrou como?
 ?_{pro} pediu quantos?

¹⁸ As sentenças em (23) seriam aceitas somente em contextos onde o próprio contexto de conversação permitiria elucidar o sujeito de tais sentenças. Para o primeiro caso, por exemplo, poderíamos pensar em uma conversa onde o falante A diz que acabou de almoçar, e, como resposta, o falante B lhe pergunta “Comeu o quê?”. Fora destes contextos, as sentenças muito provavelmente não seriam produzidas (indicado pelo “?” antes dos exemplos). .

Já para os contextos com *wh ex situ*, observamos que o PB não licencia a não-marcação do sujeito, sendo, aparentemente, obrigatória a sua realização. Ainda que as sentenças em (23) apresentem uma possível aceitabilidade, as mesmas, realizadas com pronomes interrogativos em posição de movimento para a periferia esquerda, não possuem a mesma dúvida sendo agramaticais para falas espontâneas. Os exemplos abaixo demonstram esta estranheza de utilização em contextos espontâneos, ainda que eles possam funcionar em determinadas situações específicas.

(24) *O que _{pro} comprou?

*Qual _{pro} comprou?

*Onde _{pro} foi?

*Quando _{pro} viajou?

*Como _{pro} quebrou ?

*Quantos _{pro} pediu?

É importante destacar que além de nos atermos aos contextos matrizes, também não trabalhamos com as interrogativas-*wh* que apresentam pronomes-*wh* funcionando como sujeito, como nos casos do pronome interrogativo "*quem*" que em determinados contextos funciona como sujeito da sentença.

1.4 AS PERGUNTAS-WH

As perguntas-*wh*, conhecidas como perguntas-qu no PB, podem ser definidas como o conjunto de sentenças, matrizes, como em (25), e/ou encaixadas, como em (26), produzidas com a utilização de pronomes interrogativos específicos.

(25) **O que** você quer comer?

(26) A Maria perguntou **o que** você quer comer.

Essas perguntas-*wh* podem conter um elemento interrogativo (o pronome "*wh*" ou "*qu*") movido para a periferia esquerda da sentença (denominado *ex-situ*) como em (27), ou a sua permanência em posição de origem (denominado *in-situ*), como em (28)

(27) **O que** você quer?

(28) Você quer **o quê**?

Assim, entende-se "perguntas-wh" como o conjunto de sentenças produzidas com o intuito de obter (ou não) uma informação de um interlocutor utilizando de estruturas como em (25), (26), (27) e (28) que apresentam, então, a utilização de pronomes interrogativos específicos (*O que, quem, quando, onde, como, porque e etc...*). Discorreremos, na sequência, sobre alguns aspectos importantes relacionados às distinções intrínsecas à temática das perguntas-wh.

1.4.1 A DEFINIÇÃO DAS PERGUNTAS-WH

Para definir uma pergunta-wh nos ancoramos em Dayal (2016), iniciando com a análise das seguintes sentenças traduzidas para o PB:

(29) a. Qual é seu nome?

b. O Papa é Católico?¹⁹

c. Quem é você para me dizer o que fazer?

(DAYAL, 2016, p.14, tradução nossa)²⁰

Segundo a autora, sintaticamente, os exemplos apresentados acima podem ser facilmente compreendidos como interrogativas, uma vez que apresentam a estrutura sintática adequada ao conceito literário de "perguntas" e dificilmente seriam lidos e/ou interpretados como sentenças declarativas. Alguns dos aspectos aos quais podemos atribuir essa compreensão voltam-se para, por exemplo, a utilização de pronomes interrogativos, a inversão entre verbo auxiliar e sujeito²¹, e, na fala, a entonação utilizada.

¹⁹ A sentença em (29b) não se configura como uma interrogativa-wh, e sim como uma interrogativa do tipo "sim/não" e estas sentenças não serão analisadas em nossa pesquisa. Mantemos esta sentença no exemplo uma vez que a mesma faz parte da exemplificação original de Dayal e, para compreensão geral, acreditamos que a mesma faça sentido no paradigma geral da explicação apresentada.

²⁰ (29) a. What is your name?

b. Is the Pope Catholic?

c. Who are you to tell me what to do?

(Dayal, 2016, p.14)

²¹ No inglês, como podemos observar nos exemplos não traduzidos que estão listados acima, podemos observar a realização da inversão verbo auxiliar e sujeito para a formação de perguntas. Tal inversão nem sempre acontece em línguas como o português brasileiro e apresentamos como justificativa para a compreensão de tais exemplos como "perguntas" levando em consideração o texto original e os exemplos originais apresentados abaixo.

Todavia, levando em consideração o aspecto pragmático de tais sentenças, as interrogativas como (29b) e (29c) dificilmente seriam interpretadas como perguntas canônicas (verdadeiras).

Tal distinção ocorre devido ao fato de que o ato de "perguntar" impõe alguns aspectos (que listamos a seguir) que não permitem que perguntas como (29b) e (29c) sejam, de fato, lidas como perguntas. Segundo Dayal, o que observamos nos exemplos em (29) é uma clara representação da presença e ausência de uma intencionalidade de requerimento de informações.

No exemplo em (29a), observamos a solicitação de uma informação. O locutor, de fato, quer uma resposta do seu interlocutor, algo que não está presente nos exemplos (29b) e (29c). No exemplo (29b), observamos a utilização de uma estrutura interrogativa, mas não conseguimos observar a intencionalidade na obtenção de uma resposta. A pergunta em (29b) é realizada de forma meramente figurativa, quase que como uma ironia ou como uma hipérbole, sem, de fato, a intenção de obter uma resposta para a "pergunta" realizada. Já no exemplo (29c), vemos, novamente, a utilização de uma estrutura interrogativa que não objetiva o recebimento de uma resposta. Ao perguntar algo como (29c), vemos, outra vez, a criação de um discurso figurativo que apresenta, neste caso, uma afirmação sobre o interlocutor e não, de fato, um questionamento. Desta maneira, podemos observar um primeiro aspecto de distinção no estudo das perguntas: a intencionalidade.

Nesta mesma ótica de primeiras distinções, Dayal (2016) nos apresenta mais um aspecto importante para a distinção das perguntas: A entonação. Observamos os exemplos²² a seguir:

(30) a. Está chovendo?

b. Eu me pergunto que horas são. (Dayal, 2016, p.15, tradução nossa)

No exemplo em (30a), observamos a utilização de uma estrutura interrogativa comum e observamos, também, a intencionalidade em obter uma resposta. Porém, no exemplo em (30b) não observamos a utilização de uma estrutura comum às interrogativas, muito pelo

²² (30) a. It's raining?
b. I wonder what time it is. (Dayal, 2016, p.15)

contrário, trata-se, estruturalmente, de uma sentença declarativa, mesmo que a intencionalidade de obtenção de uma resposta seja facilmente percebida.

O ponto que gostaríamos de destacar com tais exemplos é o fato de que ambas, além atenderem ao critério de intencionalidade proposto e apresentado anteriormente (já que ao realizá-las em voz alta o locutor nitidamente busca obter uma resposta de seus interlocutores), apresentam o aspecto da entonação interrogativa. Ao realizar a leitura de forma natural de ambas as sentenças em (30), conseguimos perceber que há a utilização de uma mesma entonação, permitindo, assim, que o interlocutor compreenda que uma pergunta está sendo realizada, mesmo que tal pergunta não se adeque à forma comum de realização de uma pergunta.

Sendo assim, como critério para distinção e especificidade da temática de nossa pesquisa e para critério de avaliação e análise, utilizamos como ponto de delimitação o Speech-Act of Questioning²³ proposto por Dayal (2016) que pressupõe que:

- o Falante (S) questiona o Ouvinte (H) sobre a proposição (p) se e somente se
 - i. S não sabe a verdade sobre p.
 - ii. S quer saber a verdade sobre p.
 - iii. S acredita que H sabe a verdade sobre p.

(Dayal, 2016, p.17, tradução nossa)

O critério apresentado acima nos permite compreender melhor de que maneira os exemplos apresentados até aqui podem qualificar-se ou não como aquilo que chamamos de "perguntas canônicas" ou "perguntas verdadeiras". Alguns dos exemplos se encaixam perfeitamente nos três critérios propostos, como (29a), (30a) e (30b), uma vez que a satisfação de tais aspectos ocorre não somente pela estrutura utilizada em algumas delas, mas também pela ideia de que a conversação estabelecida poderá atender aos critérios de questionamento e de intencionalidade. Já exemplos como (29b) e (29c), ainda que se adequem à estrutura, não

²³ **Speech Act of Questioning-** Speaker questions Hearere about proposition p if:

- i. S does not know the truth about p.
- ii. S wants to know the truth about p.
- iii. S believes H knows the truth about p.

(Dayal, 2016, p.17)

se enquadram nos aspectos listados acima e não podem configurar-se, então, como perguntas canônicas uma vez que (29b) configura-se como uma interrogativa sim/não e (29c) configura-se como uma pergunta retórica e que não possui objetivo de receber uma resposta do interlocutor.

Sendo assim, destacamos que nossa pesquisa volta-se para a análise de sentenças que atendem a alguns aspectos específicos e dentre eles está o critério do Ato de Fala de questionar apresentado anteriormente. O critério do Ato de Fala, proposto por Dayal (2016) foi o primeiro critério utilizado para a coleta e também para a análise de nossas sentenças restringindo-as somente àquilo que consideramos aqui como perguntas canônicas.

Um segundo aspecto importante para a compreensão do objeto de nossa pesquisa é a distinção entre perguntas do tipo sim/não e perguntas-wh.

Segundo Braga, Kato e Mioto (2009), as perguntas-wh são àquelas que atendem ao critério do ato de fala de perguntar (de Dayal) e que contêm um pronome interrogativo: *que, quem, qual, o que, onde, quando, como, quanto, cujo* (Braga; Kato; Mioto, 2009, p.241).

Como visto anteriormente, as perguntas podem ser realizadas de inúmeras maneiras com a utilização de diferentes estruturas. No português brasileiro não necessariamente uma pergunta será realizada utilizando pronomes-wh/pronomes-qu, como mostram os exemplos em (32)

- (32) a. Você gosta de comer bolo?
 b. Ela chegou cedo ontem?
 c. Nós vamos viajar no final do ano?
 d. Eles compraram o presente da Júlia?

Os exemplos acima demonstram a realização de perguntas canônicas realizadas sem a utilização de pronomes-wh/pronomes-qu. As sentenças apresentadas em (32a-d) são chamadas de interrogativas sim/não, uma vez que a resposta para tais perguntas serão sentenças afirmativas (sim) ou sentenças negativas (não).

Já as sentenças apresentadas em (33) configuram-se como perguntas-wh/perguntas-qu uma vez que utilizam pronomes interrogativos-wh/qu em sua estruturação:

- (33) a. **O que** você gosta de comer?
 b. **Quem** chegou cedo ontem?
 c. **Onde** vamos no final do ano?

d. **O que** compramos para Júlia?

Observe que a utilização de pronomes-wh/qu ocorre devido à solicitação de informações específicas na resposta e tais informações são induzidas diretamente pelo pronome interrogativo utilizado na estruturação da pergunta²⁴. Em (33a) e (33d), com a utilização do pronome "o que", espera-se que a resposta seja um alimento ou um objeto. Em (33b), ao utilizarmos o pronome "quem", espera-se que a resposta seja uma pessoa. Já em (33c), com a utilização de "onde" espera-se que a resposta do interlocutor seja um lugar, e assim sucessivamente com os demais pronomes interrogativos.

Por fim, o terceiro aspecto importante para a compreensão do objeto de nossa pesquisa é a distinção entre as estruturas das perguntas-wh. Sabemos que os pronomes-wh/pronomes-qu, podem aparecer em distintos tipos de perguntas, variando, segundo Braga, Kato e Mito, entre

"[...] Pergunta-Q matriz (2a), pergunta-Q encaixada (2b), [...]"

a) **quem** não gosta de literatura de cordel?

b) nós não sabemos **quanto** tempo Olinda ainda vai viver porque ela tá escorregando para o mar.

Para nossa pesquisa, destacamos aqui dois tipos de sentenças: As perguntas matrizes, como vemos em (34), em que os pronomes-wh se encontram *ex-situ*, ou seja, movidos para a periferia esquerda da sentença, e (35) em que os pronomes-wh se encontram *in-situ*:

(34) a. ***Que** você viu?²⁵

b. **Que** horas você chegará em casa?

c. **Quem** adotou o cachorro?

d. **Qual** dia você viajará ?

e. **O que** você desenhou?

f. **Onde** você colocou a chave do carro?

g. **Quando** você visitou teus pais pela última vez?

²⁴ Destacamos que alguns pronomes, como "que", "qual" e "quanto" não se enquadram nesta categorização. Pronomes como os anteriores não são capazes, por si só, de indicar/exigir uma resposta específica, necessitando de um sintagma nominal que o faça (elemento-wh+NP).

²⁵ A sentença em (34a) e (35a) são consideradas "ruin" uma vez que, como apresentado anteriormente, o elemento-wh "que" exige a relação com um NP. Para que a sentença se tornasse boa, seria necessário a inclusão de um NP após o elemento-wh para estabelecer a relação de sentido na pergunta, como ocorre em (34d) e (35d), na qual vemos o elemento-wh "qual" atrelado a um NP.

- h. **Como** você foi para a universidade?
- i. **Por que** ela não veio?
- j. **Como assim** ela não virá??

- (35) a. *Você viu **que**?
- b. Você chegará em casa **que** horas?
 - c. **Quem** adotou o cachorro?
 - d. Você viajará **qual** dia ?
 - e. Você desenhou **o que**?
 - f. Você colocou a chave do carro **onde**?
 - g. Você visitou seus pais pela última vez **quando**?
 - h. Você foi para a universidade **como**?
 - i. Ela não veio **por quê**?
 - j. *Ela não virá **como assim** ?

Também destacamos as perguntas-wh encaixadas, como vemos em (36) em que os pronomes-wh se encontram *ex-situ* e em (37) onde os pronomes-wh se encontram *in situ*

- (36) a. *O Paulo quer saber **que** você viu.
- b. A Joana perguntou **que** horas você chegará.
 - c. A Carla perguntou **quem** adotou o cachorro.
 - d. A Patrícia não sabe **qual** dia você viajará.
 - e. A Marina se pergunta **o que** você desenhou.
 - f. Pedro não sabe **onde** você colocou a chave do carro.
 - g. A Ana quer saber **quando** você visitou seus pais pela última vez.
 - h. O Carlos perguntou **como** você foi para a universidade.
 - i. A professora quer saber **quantos** meses seu filho tem..
 - j. A Mariana se pergunta **por que** a Ana não veio.
 - k. * A Maria perguntou **como assim** a Ana não virá.

- (37) a. *O Paulo quer saber você viu **que**.
- b. *A Joana perguntou você chegará **que** horas.
 - c. *A Carla perguntou adotou o cachorro **quem**.
 - d. *A Patrícia não sabe você viajará **qual** dia .

- e. *A Marina se pergunta você desenhou **o que**.
- f. *Pedro não sabe você colocou a chave do carro **onde** .
- g. *A Ana quer saber você visitou seus pais pela última vez **quando** .
- h. *O Carlos perguntou você foi para a universidade **como**.
- i. *A professora quer saber seu filho tem **quantos** meses..
- j. *A Mariana se pergunta a Ana não veio **por quê** .
- k. *A Maria perguntou a Ana não virá **como assim**.

É importante compreender a distinção das perguntas-wh matrizes e encaixadas uma vez que é muito comum a realização de pesquisas que envolvam ambos os tipos. Porém, destacamos que somente as sentenças matrizes como em (34) e (35) serão analisadas em nossa pesquisa.

1.4.2 AS PERGUNTAS-WH NAS LÍNGUAS [-PRO DROP]

Como mencionado anteriormente, as línguas podem ser classificadas de várias maneiras, e uma das distinções existentes entre elas, e objeto de nossa investigação, é a possibilidade de omissão do sujeito em algumas línguas (chamadas [+ pro-drop]), como ocorre com o inglês; e as que exigem que o sujeito esteja sempre presente [-pro drop], como o italiano.

Sabemos que a formação de perguntas na língua inglesa segue uma série de regras, que incluem a alteração na ordem dos constituintes, a inclusão de verbos auxiliares, e também a utilização de pronomes interrogativos. Essa estrutura não apenas define a natureza da pergunta, mas também reflete as relações gramaticais que sustentam a língua.

Por exemplo, as perguntas diretas/matrizes em inglês geralmente envolvem a inversão do sujeito e do verbo auxiliar, o que é fundamental para a clareza da comunicação. Vamos considerar alguns exemplos:

- (38) a. Are you coming to the party?
Você vem para a festa?
- b. You are coming to the party.
Você vem para a festa.

A estrutura da sentença em (38a) é composta por um verbo auxiliar + sujeito + verbo principal. Neste exemplo, "*Are*" é o verbo auxiliar, "*you*" é o sujeito, e "*coming*" é o verbo principal. Neste exemplo, é a inversão entre o verbo e o sujeito que transforma uma estrutura declarativa (38b) em uma pergunta (38a).

Outro aspecto estrutural da formação de perguntas na língua inglesa é a utilização dos pronomes interrogativos que não somente introduzem a pergunta, mas também definem o tipo de informação que se espera como resposta.²⁶

(39) What are you doing?

O que você está fazendo?

Aqui, "*what*" é o pronome interrogativo que indica que a pergunta se configura como uma pergunta-wh e que busca uma informação específica sobre a ação do sujeito. O mesmo se observa em (40), onde o pronome interrogativo "*where*" direciona a pergunta para uma resposta específica, neste caso um lugar.

(40) Where did you put the keys?

Onde você colocou as chaves?

As línguas que permitem a omissão do sujeito, como o italiano, espanhol ou português europeu, apresentam um contraste notável com o inglês. Vamos examinar essa diferença mais de perto.

No que se refere ao ponto central de nossa pesquisa, é notável o contraste entre línguas como o inglês, que são consideradas como línguas [-pro-drop], e línguas como o italiano, consideradas como [+pro-drop]. Neste sentido, perguntas-wh produzidas como (41) são consideradas como agramaticais, uma vez que a presença do sujeito em perguntas em inglês é responsável pela construção de sentenças sem ambiguidade, visto que sua morfologia não consegue dar conta de realizar tal especificação

(41) * Where did __ put the keys?

Onde __ colocou as chaves?

Neste sentido, ao observarmos os exemplos em (42), devemos notar dois aspectos: o

²⁶ Como explicado na subseção "1.4.1 A definição das perguntas-wh", a utilização de pronomes interrogativos surge como principal maneira para distinguir uma pergunta do tipo sim/não de uma pergunta-wh.

primeiro deles é que todas as sentenças se enquadram como sentenças matrizes e possuem o pronomes interrogativo-wh movido para a periferia esquerda da sentença.

Algumas línguas, como o inglês e o alemão, apresentam a característica de permitir a realização de perguntas-wh somente com o pronome-wh movido para a periferia esquerda. Como aponta Bonan (2021), essas línguas caracterizam-se como línguas de wh-ex situ. A criação de perguntas-wh com o pronome-wh em sua posição de primeiro merge (in situ) torna-se agramatical.

O segundo aspecto relevante é que todas as sentenças são produzidas com a realização explícita de um sujeito, independente do verbo e da pessoa com o qual ele encontra-se conjugado.

- (42) a. *What* did **you** see?
Que você viu?
- b. *What* time will **you** get home?
Que horas você chegará em casa?
- c. *Who* adopted the dog?²⁷
Quem adotou o cachorro?
- d. *What* day will **you** travel?
Qual dia você viajará?
- e. *What* did **you** draw?
O que você desenhou?
- f. *Where* did **you** put the car key?
Onde você colocou a chave do carro?
- g. *When* did **you** visit your parents last?
Quando você visitou teus pais pela última vez?
- h. *How* did **you** get to university?
Como você foi para a universidade?

²⁷ Deixamos aqui o exemplo (40c) a fim apenas de demonstrar que a sentença produzida com o pronome interrogativo "who" (quem) se organizaria desta maneira. É importante destacar que, neste caso, não trata-se de uma sentença com sujeito nulo, uma vez que o pronome interrogativo "quem" exerce função de sujeito.

i. *How many* months old is your son?

Quantos meses seu filho tem?

j. *Why* didn't **Ana** come?

Por que Ana não veio?

k. *What* do **you** mean Ana won't come?

Como assim a Ana não virá?

Já o conjunto de sentenças em (43) é agramatical com a ausência de um sujeito pronominal explícito. Destacamos que o inglês não permite a realização de sentenças matrizes com o pronome-wh em posição de primeiro merge (in situ) (Bonan, 2021)²⁸. Sendo assim, os exemplos abaixo configuram-se como sentenças matrizes com wh movido para a periferia esquerda uma vez que não existe a produção de sentenças com wh-in situ, independente da realização ou não de um sujeito pronominal.

(43) a. **What* did __ see?

Que __ viu?

b. **What* time will __ get home?

Que horas __ chegará em casa?

c. *Who* adopted the dog?²⁹

Quem adotou o cachorro?

d. **What* day will __ travel?

Qual dia __ viajará?

e. **What* did __ draw?

O que __ desenhou?

f. **Where* did __ put the car key?

Onde __ colocou a chave do carro?

²⁸ A realização de perguntas-wh com elemento-wh em sua posição de primeiro merge (in situ) em línguas como inglês cria, segundo Bonan (2021), uma leitura eco.

²⁹ Informamos, novamente, que deixamos aqui o exemplo (40c) a fim apenas de demonstrar que a sentença produzida com o pronome interrogativo "who" (quem) se organizaria desta maneira. É importante destacar que, neste caso, não trata-se de uma sentença com sujeito nulo, uma vez que o pronome interrogativo "quem" exerce função de sujeito.

- g. **When* did __ visit your parents last?
Quando __ visitou teus pais pela última vez?
- h. **How* did __ get to university?
Como __ foi para a universidade?
- i. **Why* didn't __ come?
Por que __ não veio?
- j. **What* do __ mean she won't come?
Como assim ela não virá?

Sendo assim, levamos em consideração que línguas como o inglês apresentam a característica de obrigatoriedade de realização de movimento para a periferia esquerda, não permitindo a realização de perguntas-wh com o pronome-wh em posição de in situ.

Sobre a segunda característica, observamos que em línguas consideradas como línguas -pro drop, como o inglês, a formação de perguntas realizada com a omissão do sujeito pronominal torna-se agramatical. O inglês, como exemplificado acima, não possui a capacidade de licenciar o sujeito nulo em interrogativas-wh, sendo considerada, também para os contextos interrogativos, como uma língua de sujeito realizado.

1.4.3 AS PERGUNTAS-WH NAS LÍNGUAS [+PRO DROP]

Sobre as línguas que permitem a realização do *pronominal dropping*, como é o caso do italiano, a formação de perguntas geralmente não exige a presença explícita do sujeito. A conjugação verbal rica permite que o sujeito seja subentendido a partir da flexão do verbo:

- (44) Quando _{pro} vai al mercato?
Quando _{pro} vai ao mercado?

Na sentença em (44), podemos observar que a forma verbal "*vai*" já indica que o sujeito é "você", permitindo que a pergunta seja feita sem a necessidade de mencioná-lo. Caso a sentença fosse produzida como em (45), a sentença não estaria incorreta, porém seria redundante e tal exemplo dificilmente seria produzida por um falante nativo da língua

- (45) Quando tu vai al mercato?
Quando tu vai ao mercado?

Para Schissatti (2004), a ordem dos constituintes da sentença, por exemplo a ordem entre sujeito e verbo, vem sendo discutida desde os anos 90, por autores como Poletto (1993a), Antinucci e Cinque (1997), Rizzi (1996), Ambar & Veloso (1999), Barbosa (1999), Cardinaletti (2001). Para ela, esses estudos foram responsáveis por demonstrar que, em diversas línguas, não é possível a realização de um sujeito em uma posição posterior ao verbo. Nesta perspectiva, como observamos pelos exemplos a seguir, o italiano, sendo uma língua prototipicamente de sujeito nulo, permitirá a realização de sentenças-wh com o apagamento do sujeito pronominal uma vez que a língua tende à produção de sentenças em que o verbo se encontra em segunda posição da sentença (V2). Isso quer dizer que sentenças produzidas com um operador-wh deslocado à periferia esquerda serão realizadas sem a marcação de um sujeito, como observamos em (46).

- (46) Dove sei _{pro} ?
Onde está _{pro} ?

De acordo com Rizzi (1991), algumas línguas apresentam aquilo que chamamos de V2 residual no contexto de suas sentenças interrogativas. Uma língua de “V2 residual”, segundo Rizzi (1991) seria uma língua que exige que o verbo se apresente em segunda posição da sentença em casos específicos, como o das interrogativas matrizes do italiano. De acordo com Waichel (1998), "Neste caso, algumas línguas românicas apresentam a ordem verbo-sujeito neste tipo de sentença, como as línguas germânicas (inclusive o inglês)"(p. 616).

- (47) a. Che cosa ha detto Maria?
b. * O que disse a Maria? (Mioto, 1994)

O tipo de sentença apresentada em (47a), extraída do trabalho de Mioto (1994) e traduzida por nós para o PB (47b), demonstra que o italiano apresenta o traço de V2 residual em sentenças interrogativas construídas com o elemento-wh em posição de ex situ, tal afirmação não pode ser constatada em línguas como o PB, como vemos em (47b). Segundo Waichel (1998), "para Rizzi, o que desencadeia o fenômeno do V-2 residual é o Critério-WH: O operador interrogativo deve estar no Spec de um CP interrogativo, em relação Spec/núcleo com C também interrogativo" (p.616).

- (48) Critério-wh:
i. Um operador wh tem de estar em configuração Spec-núcleo com um núcleo +wh.

- ii. Um núcleo +wh tem de estar em configuração Spec-núcleo com um operador wh.³⁰

Rizzi assume que, em línguas como o inglês e o italiano, as perguntas-wh matrizes têm a flexão finita dotada do traço [+wh]. Em outras palavras, o italiano apresenta o traço [+wh] em sua morfologia flexional (encontra-se na posição de I) e, ao realizar seu primeiro movimento (de V para I), a raiz verbal se junta com sua flexão, adquirindo o traço +Wh, subindo para a periferia esquerda e satisfazendo o critério-Wh.

Sendo assim, o primeiro ponto relevante para a compreensão do funcionamento do sujeito nulo nas interrogativas-wh diz respeito às posições sentenciais dos elementos das sentenças interrogativas no italiano. Sendo uma língua de V2 residual e que exige a ordem V2 para as interrogativas com elemento-wh na periferia esquerda, como explicitado anteriormente e descrito por Rizzi (1991), a ordem Operador-wh/Verbo/Sujeito é considerada como a ordem canônica para a produção das interrogativas matrizes com wh na periferia esquerda, como demonstrado por (47a).

Assim, assumindo essa ordem para a língua italiana, e observando o atendimento do critério-wh postulado por Rizzi (1991), acredita-se que a produção destas sentenças pode ser realizada com a posição de sujeito vazia levando em consideração dois critérios principais: 1) a ordem exigida pelos traços de V2 residual do italiano e o critério-wh sendo atendido pelo movimento do operador-wh para uma posição mais alta da sentença; e 2) a morfologia rica da língua e suas características prototipicamente nulas.

Sobre o primeiro aspecto, como explicitado anteriormente, Rizzi (1991) sugere que ao atender o critério-wh, e realizar o movimento do elemento-wh para a primeira posição sentencial, a característica de V2 residual, bem como o critério-wh, são atendidos pela gramática da língua permitindo que a ordem Operador-WH/Verbo esteja de acordo com o exigido, tornando, assim, as sentenças gramaticais. Ao dotar-se de traço +WH dentro da posição de I, o verbo movimenta-se para a periferia esquerda, estabelecendo a relação Spec-núcleo exigida pelo critério, tornando dispensável a utilização de um sujeito lexicalmente realizado como ocorre nas sentenças declarativas do italiano.

³⁰ wh-Criterion

i. A Wh-Operator must be in a Spec-head configuration with a [+wh] X0.

ii. A [+WH] X0 must be in a Spec-head configuration with a Wh-operator. (Rizzi, 1996, p.64)

Especificamente sobre a posição de sujeito, sabe-se que o italiano, como descrito nas subseções anteriores, segue o comportamento de uma língua prototipicamente de sujeito nulo e a realização de um sujeito pronominal não é obrigatória, sendo redundante para os contextos onde a flexão verbal seja suficiente para a identificação do sujeito verbal.

Nesta perspectiva, percebe-se que, uma vez que o critério-wh seja atendido pelo deslocamento do operador-wh para a posição inicial da sentença e o verbo seja alocado em sua posição de V2, e a eliciação do sujeito verbal seja satisfeita pela flexão verbal, a realização do sujeito pronominal nas sentenças interrogativas com wh-ex situ torna-se estritamente opcional e pouco usual.

Compreendemos que o italiano licencia sujeito nulo nos contextos em que o critério-wh é atendido juntamente com os casos em que a flexão rica do italiano licencie o apagamento do sujeito pronominal. Em outras palavras: se o operador-wh estiver em posição ex-situ, satisfazendo o critério-wh, a sentença poderá ser produzida com sujeito nulo uma vez que o verbo estará em posição de (V2) e a morfologia rica do italiano dará conta de explicitar o sujeito da sentença, mesmo que o sujeito não seja lexicalmente realizado. Assim, o italiano permite a realização de perguntas-wh matrizes com o sujeito omitido da sentença (nulo). De acordo com Sell (2003),

Segundo Rizzi (1991), em muitas línguas, como o inglês (1) e o italiano (2), não é permitida a intervenção do sujeito entre o elemento WH e o verbo flexionado:

- (1) a. What has Mary said?
 /o que tem a Maria dito/
 b. *What Mary has said?
 /o que Maria tem dito/
- (2) a. Che cosa ha detto Maria?
 /o que tem dito a Maria/
 b. Che cosa ha detto?
 /o que tem dito/
 c. *Che cosa Maria ha detto?
 /o que Maria tem dito/

Aparentemente essas duas línguas apresentam estratégias diferentes para evitar que o sujeito se intercale entre o elemento WH e o verbo flexionado; o inglês usa o verbo auxiliar flexionado preposto ao sujeito (1a) e o italiano utiliza o sujeito posposto, como em (2a), ou a realização Ø deste, como em (2b) (p.35)

Em outras palavras, ao atender o critério-wh por meio da flexão verbal, as perguntas-wh no italiano ficam livres para se comportarem de maneira prototipicamente nula,

como ocorre nas sentenças declarativas.

Rizzi sugere que essa disposição do verbo e do elemento *wh*- reorganiza a oração de maneira que o sujeito se torna opcional. Sendo assim, a partir dos postulados de Rizzi (1991), conseguimos perceber um claro contraste com o PB: quando levamos em consideração as sentenças interrogativas produzidas com elementos movidos para a periferia esquerda, o italiano tende, segundo Rizzi (1991) e Marins (2009), a optar pela realização do sujeito nulo. Essa compreensão contrasta diretamente com o PB, como veremos na subseção seguinte.

No que concerne às palavras interrogativas, assim como nas línguas [-]pro drop, nas línguas [+]pro drop, elas desempenham um papel crucial na formação de perguntas uma vez que determinam o tipo de informação que se busca, mas, desta vez, podendo ser realizadas sem a presença de um sujeito pronominal explícito, como observamos em (48).

A pergunta é clara, mesmo sem o sujeito. Isso se dá graças à morfologia rica do italiano que permite compreender que a pessoa verbal referida, neste caso, é a segunda pessoa do singular. Abaixo encontram-se os mesmos exemplos utilizados na subseção anterior, desta vez em italiano.

- (48) a. **Cosa* hai visto?
 Que viu?
- b. *A che ora* arriverai a casa?
 Que horas chegará em casa?
- c. *Chi* ha adottato il cane?
 Quem adotou o cachorro?
- d. *Quale* giorno viaggerai?
 Qual dia __ viajará?
- e. *Cosa* hai disegnato?
 O que __ desenhou?
- f. *Dove* hai messo la chiave della macchina?
 Onde __ colocou a chave do carro?
- g. *Quando* hai visitato i tuoi genitori l'ultima volta?
 Quando __ visitou teus pais pela última vez?

- h. *Come* sei andato all'università?
 Como ___ foi para a universidade?
- i. *Perché* non è venuta?
 Por que ___ não veio?
- j. *Come mai* non verrà?
 Como assim ___ não virá?

É importante notar aqui que todas as sentenças se enquadram como sentenças matrizes e possuem os pronomes interrogativos-wh movidos para a periferia esquerda da sentença. Também, todas as sentenças são produzidas com o sujeito pronominal nulo, o que contrasta diretamente com o apresentado anteriormente na língua inglesa.

Sobre a realização de sentenças matrizes com o elemento-wh em posição de primeiro merge (in situ), o italiano, segundo Bonan (2021), tende a optar pela realização de perguntas-wh com o elemento-wh movido para a periferia esquerda, ainda que alguns dialetos do norte da Itália apresentem alternância wh-in situ/ex situ. Sendo assim, o aspecto central que gostaríamos de observar no talian/VB diz respeito a esse licenciamento do sujeito nulo nos contextos matrizes com o operador-wh movido para a periferia esquerda, contrastando os dados obtidos com os dados disponíveis do italiano padrão.

Na sequência, gostaríamos de observar a produção de sentenças que possuem wh em posição de in-situ, para constatar se o talian/VB segue os padrões do italiano, que tende a não realização de sentenças com o elemento-wh em posição de primeiro merge, e do PB que não licenciam o apagamento do sujeito para os contextos em que o wh se mantém em posição de primeiro merge, como descreveremos na sequência.

1.4.4 AS PERGUNTAS-WH NAS LÍNGUAS DE SUJEITO NULO PARCIAL

Abordaremos agora as línguas de sujeito nulo parcial. Como explicado anteriormente, as línguas de sujeito nulo parcial permitem a omissão do sujeito em determinadas circunstâncias, geralmente quando o contexto fornece informações suficientes para a identificação do sujeito. No entanto, a presença do sujeito é exigida em outras situações, especialmente em construções mais formais ou complexas. Isso distingue essas línguas das que apresentam um comportamento completamente pro-drop ou das que não permitem tal omissão. No português, por exemplo, o sujeito pode ser omitido em frases informais ou

contextos em que o sujeito referente é claro, mas em perguntas ou afirmações mais elaboradas, a presença do sujeito pode ser necessária para evitar ambiguidades.

A formação de perguntas nas línguas de sujeito nulo parcial, como o PB, ocorre de forma muito variada podendo ser realizada tanto como em (49) quanto como em (50)

(49) "Vai ao cinema?"

(50) Você vai ao cinema?

No entanto, algo que precisamos destacar diz respeito à preferência dos usuários pela realização de um sujeito pleno nos contextos interrogativos matrizes com elemento *wh* na periferia esquerda da sentença (*ex-situ*). De acordo com Marins (2009), "aquelas que apresentam elemento em Spec, CP, como é o caso das relativas, adverbiais tendem a apresentar um pronome expreso na posição de sujeito." (p.31) Em outras palavras, sentenças interrogativas que apresentam um elemento preenchido na posição de Spec de CP, como é o caso das sentenças interrogativas produzidas com palavras *wh* em posição de *ex situ*, apresentam resistência no licenciamento do sujeito nulo.

Tratando de sentenças interrogativas, Lima (2006) realizou um estudo comparativo entre as sentenças interrogativas no PB e no português europeu. Analisando tirinhas do escritor Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido como Quino, tais tirinhas foram extraídas de múltiplos compilados de tirinhas da personagem "Mafalda" e revelaram-se como um corpo extremamente pertinente na análise das sentenças interrogativas e do sujeito nulo no PB, uma vez que demonstraram como funciona a preferência do PB pela realização de perguntas-*wh* com sujeito explícito, contrastando diretamente com o PE. . Segundo o autor,

A alta taxa de sujeitos nulos em PE ratifica sua condição de língua de sujeito nulo, ao lado do Espanhol e do Italiano. O baixo número de sujeitos nulos em PB indica que não se trata de uma língua de sujeito nulo, visto que a preferência foi pela realização fonética do sujeito. (p.201)

No que se refere aos pronomes interrogativos, sua utilização segue os aspectos observados e destacados em outras línguas, servindo como especificadores do tipo de pergunta que é realizada e também como guias para as respostas a serem dadas. No que se refere ao preenchimento do sujeito, os exemplos apresentados em (51 a-j) e (52 a-j) demonstram de que maneira o PB adequa-se a esse postulado.

- (51) a. *Que professor* **você** viu?
 b. *Que horas* **você** chegará em casa?
 c. *Quem* adotou o cachorro?
 d. *Qual dia* **você** viajará ?
 e. *O que* **você** desenhou?
 f. *Onde* **você** colocou a chave do carro?
 g. *Quando* **você** visitou teus pais pela última vez?
 h. *Como* **você** foi para a universidade?
 i. *Por que* **ela** não veio?
 j. Como assim **ela** não virá?
 k. *Quantos doentes* **você** visitou?

As sentenças apresentadas em (51) configuram-se como sentenças matrizes construídas com o pronome interrogativo-wh movido para a periferia esquerda e com a realização explícita do sujeito pronominal. Já as sentenças em (52) configuram-se como sentenças produzidas com o pronome interrogativo-wh movido para a periferia esquerda porém sem o sujeito pronominal realizado.

- (52)
- b. *Que horas* __ chegará em casa?
 c. *Quem* __ adotou o cachorro?
 d. **Qual dia* __ viajará ?
 e. **O que* __ desenhou?
 f. ? *Onde* __ colocou a chave do carro?
 g. ? *Quando* __ visitou teus pais pela última vez?
 h. ? *Como* __ foi para a universidade?
 i. ? *Por que* __ não veio?
 j. ? *Como assim* __ não virá?
 k. **Quantos doentes* __ visitou?

Podemos notar que as sentenças em (52) não seriam usuais na língua uma vez que sua compreensão só poderia ocorrer caso o contexto elucidasse o sujeito a quem a sentença se refere, mesmo que o português apresente traços de morfologia rica. Sendo assim, conseguimos observar a preferência do PB pelo preenchimento do sujeito nos casos

interrogativos que apresentam um elemento-wh movido para a periferia esquerda da sentença.

Já as sentenças (53) configuram-se como sentenças matrizes produzidas com o pronome em posição de primeiro merge (in-situ), sendo esta uma outra possibilidade do PB em alguns contextos específicos

- (53) a. **Você** viu *que professor*?
 b. **Você** chegará em casa *que horas*?
 c. **Você** viajará *qual dia* ?
 d. **Você** desenhou *o que*?
 e. **Você** colocou a chave do carro *onde*?
 f. **Você** visitou seus pais pela última vez *quando*?
 g. **Você** foi para a universidade *como*?
 h. **Ela** não veio *por quê*?
 i. ***Ela** não virá *como assim* ?

Já as sentenças em (54) apresentam o mesmo conjunto de sentenças com wh-in situ mas, desta vez, com o apagamento do sujeito pronominal da sentença. Podemos notar, novamente, que as sentenças em (54) não seriam usuais na língua uma vez que sua compreensão só poderia ocorrer caso o contexto elucidasse o sujeito a quem a sentença se refere, mesmo que o português apresente traços de morfologia rica.

- (54) a. __ viu *que professor*?
 b. __ chegará em casa *que horas*?
 c. __ viajará *qual dia* ?
 d. __ desenhou *o quê*?
 e. __ colocou a chave do carro *onde*?
 f. __ visitou seus pais pela última vez *quando*?
 g. __ foi para a universidade *como*?
 h. __ não veio *por quê*?
 i. __ não virá *como assim* ?

Assim, constata-se que o PB, ao contrário do italiano, apresenta características de obrigatoriedade na realização de sujeito pleno, seja para os contextos ex-situ (51) e (52), seja para os contextos em que o operador wh se mantém em posição de primeiro

merge (53) e (54).

Sendo assim, constatamos que o PB permite a realização de perguntas com o elemento-wh em posição de ex situ, como também em posição de in situ (Grolla, 2000). Todavia, parece não apresentar licenciamento de sujeito nulo em nenhum dos contextos, optando, preferencialmente, pela realização de um sujeito pleno para ambos os contextos.

1.5 O TALIAN/ VÊNETO BRASILEIRO

Como apontado anteriormente, de acordo com Kennedy (2013), o inventário linguístico presente nos dias atuais contou com uma significativa redução. Segundo o autor, "por volta de 1500 d.C estima-se que mais de 13 mil línguas foram faladas e utilizadas nos diferentes continentes do globo e, atualmente, após cerca de 524 anos, pouco menos de 6 mil dessas línguas ainda são utilizadas" (p.89). Esta afirmação de Kennedy (2013) nos leva a uma indagação extremamente pertinente sobre a importância do registro, da preservação e da manutenção das múltiplas línguas existentes atualmente. Sendo assim, cabe a nós, agora, apresentar o percurso do talian/vêneto brasileiro ao longo dos séculos de sua existência. Segundo Souza (2024),

A imigração italiana foi um fato histórico ocorrido no Brasil especificamente a partir do ano de 1870, no século XIX, acabando aproximadamente em 1960, no século XX. Essa imigração se caracterizou pela vinda em massa de italianos para o Brasil, destinados, principalmente, ao Sul e Sudeste do país. O objetivo básico e central dessa imigração, sob a perspectiva brasileira, era trazer indivíduos que estivessem dispostos a deixar sua terra natal e virem ao Brasil para trabalharem majoritariamente nas lavouras de café, atuando, concomitante e posteriormente, como empreendedores no comércio, na indústria ou na prestação de serviços (p.146).

Ao contrário de países como Portugal e Inglaterra, que tiveram a suas unificações territoriais a partir do século XIII, a Itália, assim como a Alemanha, passou por tal processo de maneira tardia, tornando-se um Estado moderno somente a partir do século XIX. Durante esse período, segundo Souza (2024), "a península Itálica ainda estava, desde 1815, travando batalhas entre as potências estrangeiras que dominavam os territórios italianos e que se configuravam em pequenos estados submetidos a essas potências, como, por exemplo, o Império Austro-Húngaro" (p. 152) e encontrava-se dividida em "estados" independentes e comandados por múltiplas famílias imperiais e Estados específicos. Segundo Souza (2024),

Para a luta em favor da unificação, basicamente, surgiram dois grandes

movimentos, são eles: o denominado “Jovem Itália”, com viés liberal e republicano; e outro, com um viés monarquista, o tão famoso movimento de Ressurgimento (*Risorgimento*), cujo objetivo era expulsar os estrangeiros e ter um território agrupado em torno de uma só política. O *Risorgimento* teve seu início em 1815 e seu fim entre 1870 e 1871, com a então unificação italiana (p.153).

Todavia, ainda que os movimentos estivessem, de fato, alcançando seu objetivo e diversos territórios estivessem sendo conquistados, o período de batalhas pela unificação italiana estendeu-se de 1848 até 1871 e os efeitos de tais conflitos foram sentidos pela população italiana, em especial das regiões do vêneto, que enfrentou o empobrecimento e a ausência de condições mínimas de sobrevivência.

Souza (2024) comenta que as pessoas da Itália, segundo Hutter (1987), viviam intensas dificuldades políticas, marcadas por disputas territoriais em razão do recente processo de unificação nacional. Mesmo ainda incompleta até 1870, a unificação colocava o país entre os mais pobres da Europa, com uma população numerosa e escassez de terras cultiváveis, o que gerava um desequilíbrio entre a oferta e a demanda por mão de obra, tornando-o um dos países mais propensos a liberar trabalhadores. (p.154)

Assim, a Itália, observando os problemas enfrentados pela população norte-italiana, começa negociações com o governo brasileiro para o traslado de uma grande parcela da população da região vêneta.

O Brasil, neste período, enfrentava um grande dilema: a expansão na cafeicultura demandava uma força de trabalho superior à disponível e, levando em consideração a pressão das nações europeias pela abolição da escravidão, tal mão de obra não poderia expandir-se da maneira como era feita até então (Cambrussi, 2007; Miazzi, 2011; Souza, 2024). É sabido que as leis de abolição à escravidão somente foram implementadas tardiamente (13 de maio de 1888), então, durante o período que levou à abolição da mão de obra escrava, com a crescente pressão europeia e a necessidade de mão de obra barata, o Brasil iniciou sua campanha para atrair trabalhadores da agricultura para o país. Segundo Souza (2024),

Outros trabalhadores deveriam substituir esses escravos que já estavam sendo libertados desde 1850, principalmente depois, no inevitável momento em que a escravidão fosse de fato abolida, em 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, filha de Dom Pedro II (p. 150).

Desta forma, os esforços do governo Brasileiro, motivados pela necessidade de mão

de obra e também pela ideia de um “branqueamento da população”³¹ voltaram-se para a abertura das portas do país para a imigração italiana. Segundo Cambrussi (2007),

A imigração italiana para o Brasil serviu a dois interesses políticos distintos, mas complementares, cuja amplitude abarca as questões lingüísticas: de um lado estava o governo brasileiro que desejava substituir a mão-de-obra escrava das lavouras e ocupar as terras ainda não habitadas ao Sul, e de outro estava o governo italiano, com uma Itália recentemente unificada, em situação político-econômica ruim e com uma numerosa população excedente, principalmente camponeses e artesãos do norte do país (p.59).

Como exposto anteriormente e de acordo com Miazza (2011), em 1861, durante o período da Unificação da Itália, a condição socioeconômica do povo italiano era, por falta de palavras mais adequadas, terrível. O povo italiano, mais especificamente os habitantes das regiões agrárias, vivia em péssimas condições, ocasionadas por pelo período da unificação territorial italiana, enfrentando uma situação verdadeiramente calamitosa.

O período das décadas finais do século 19, na Itália, foram marcados pela mobilização dos investimentos estatais direcionados exclusivamente para o desenvolvimento industrial dos centros urbanos (Revolução Industrial), deixando de lado o desenvolvimento do trabalho de agricultores que viviam nas regiões rurais do país (Miazza, 2011). Segundo Miazza (2011), "neste mesmo período os governos latino-americanos necessitados de mão de obra atraíam os povos europeus com promessas tentadoras de um futuro promissor. Garantiam terreno cultivável, condições de saúde e instrução" (p.34)

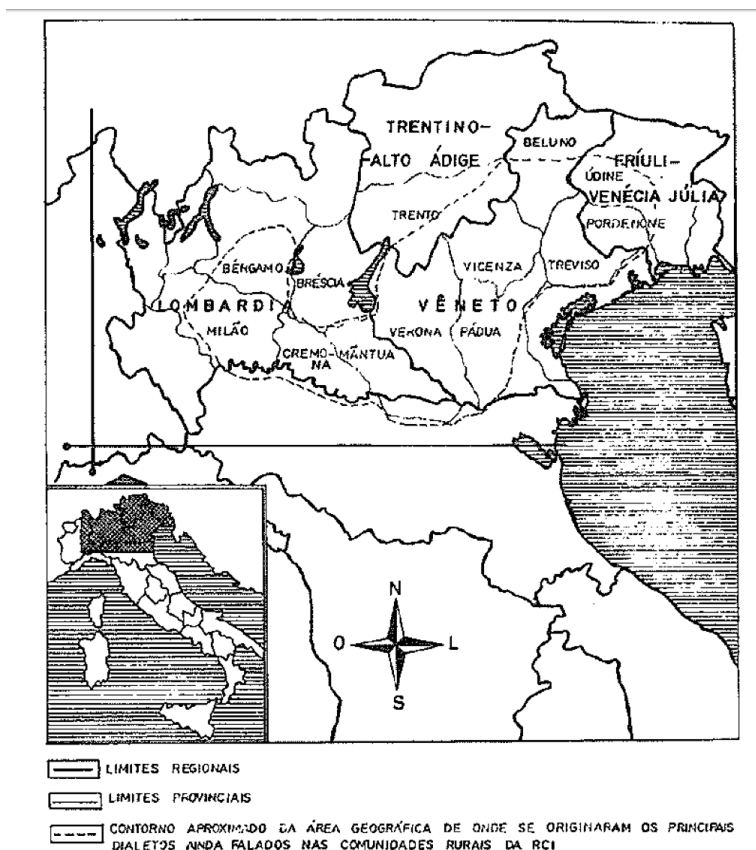
Nesse período de Revolução Industrial e de problemas socioeconômicos causados pelos conflitos territoriais ocasionados pela unificação do antigo Império Italiano. Muitos trabalhadores perderam seus empregos artesanais e “esse foi o momento para o governo brasileiro e também italiano se aproveitarem dessa situação” (Doc Italy, 2024)

[...] a imigração foi uma espécie de planejamento do governo para reduzir o desemprego, e era a **‘solução’** de muitas famílias em busca de melhores condições de vida. Além disso, coincidência ou não, no Brasil a mão de obra escrava tinha sido abolida em 1888, exatamente nos primórdios da imigração italiana. Justamente nessa época o governo brasileiro tinha criado um programa de imigração para recolocar mão de obra **‘perdida’** no país, e de preferência europeia (DOC ITALY, 2024).

Assim, reconhecidos pelos governo imperial brasileiro como um povo trabalhador e

³¹ "Movimento de cunho “intelectual”, chamado de “branqueamento da população”, baseado em outro, denominado como eugenia, que tinha como principal premissa a existência de um padrão genético superior e evoluído no mundo, expresso no branco europeu, com grau superior de civilidade em comparação às demais etnias, como, por exemplo, os asiáticos, os indígenas e os negros. "(Souza, 2024, p.150-151)

mobilizados pela ideia de uma nova vida em um país que, a princípio, lhes garantiria as condições necessárias para uma vida digna e justa, parte do povo italiano, mais especificamente habitantes da região do vêneto³², mobilizava-se, na segunda metade do século XIX, em partida para uma nova terra, em um novo continente, buscando aquilo lhes havia sido prometido. A figura abaixo apresenta as principais regiões italianas de onde vieram os principais grupos de imigrantes italianos:



Fonte: Frosi e Raso, "O Italiano no Brasil: Um caso de contato linguístico e cultural" (2011).

Todavia, não demorou muito tempo para que as promessas se provassem "falácias". O trajeto da região italiana até as terras Latino-Americanas foi marcado pelas condições sub-humanas, insalubres e, por vezes, fatais. Segundo Miazza (2011), a tripulação imigrante "permanecia amontoada em porões e os mais frágeis não chegavam ao destino" (p.35). Os poucos que conseguiam concluir a viagem "chegavam à 'terra prometida' [...] após longos meses, extenuados pela fadiga. Atracavam ao longo da Costa Meridional, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, para então se deslocar para Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro" (Miazza, 2011, p.35).

³² A região do Vêneto é uma região da Itália composta, majoritariamente por Belluno, Verona, Rovigo, Pádua, Vicenza, Treviso e etc.

A imigração italiana para o Brasil foi de aproximadamente, cerca de um milhão de pessoas (Miazzo, 2011) ao longo dos anos de 1874 e 1920. "Em 1970, somente no Estado do Rio Grande do Sul, de uma população de dez milhões de habitantes, 20% tinha sobrenome italiano. Foram milhões, em quase 150 anos de histórica, praticamente outro país, disseminado, longe, mas emocionalmente ainda ligado às origens" (Miazzo, 2011, p.35).

Segundo o IED (2024), em 21 de fevereiro de 1874, o navio “La Sofia” atracou no porto de Vitória. Essa data é considerada, nos dias de hoje, como o marco do início oficial da imigração italiana no Brasil. O navio, com quase 400 imigrantes a bordo (IED, 2024), deu início a um fluxo migratório contínuo que moldaria a demografia e a cultura brasileiras para sempre.

Atualmente, estima-se que cerca de 25 milhões de brasileiros tenham ascendência italiana, o que representa uma parte significativa da população do país (IED, 2024), demonstrando, assim, o impacto da migração italiana marcado no desenvolvimento econômico do Brasil.

Além do impacto econômico, os italianos também deixaram uma marca perene na cultura brasileira. Sua influência pode ser vista na gastronomia, arquitetura, música, arte, design e até mesmo na língua. Muitos pratos italianos se tornaram populares no Brasil, como pizza, macarrão e risoto, enquanto a arquitetura italiana deixou sua marca em diversas cidades, especialmente nas regiões sul e sudeste. A música e a arte italiana também encontraram espaço no Brasil, enriquecendo ainda mais a diversidade cultural do país" (IED, 2024).

A migração italiana trouxe consigo toda a cultura de um povo e é impossível distinguir "cultura" de "língua". Sendo assim, compreendido e apresentado o contexto histórico que levou à migração italiana para o país, apresentamos agora o percurso histórico travado pela língua que é o objeto central de nossa pesquisa: O talian/ vêneto brasileiro.

Podemos entender "talian" e "vêneto brasileiro" como a língua, nascida no Brasil, de base vêneta, constituída a partir do contato linguístico do vêneto com o PB e com outras línguas nacionais. Sendo uma língua predominante oral, a língua surgiu da necessidade dos imigrantes italianos em estabelecer uma comunicação com os grupos brasileiros durante os primeiros períodos da pós-imigração italiana. De acordo com a Associação Brasileira de Professores de italiano (ABPI),

O Talian falado aqui no Brasil pode ser classificado como língua de herança, ou seja, língua com a qual uma pessoa possui identificação cultural e sentimento de pertencimento a determinada comunidade que a usa, seja por laços ancestrais, seja por convivência no mesmo ambiente sociocultural com falantes dessa língua

A língua, falada atualmente por cerca de 500 mil pessoas, representa uma continuidade da cultura dos povos imigrantes da região do vêneto. Segundo Cambrussi (2007), o talian é

Originário de ascendentes de ítalo- brasileiros ainda falantes da língua de imigração (ou da koiné surgida a partir das variantes). Essas variantes diferem do italiano padrão e entre si em aspectos morfológicos, fonológicos e lexicais. Entretanto, pelo freqüente contato nas áreas de colonização e pelo fato de as variantes coexistirem em uma mesma área, restam poucas ilhas lingüísticas representativas de uma variante específica. O que se observa é a mescla de variantes que, por motivações extralingüísticas, vão perdendo espaço e abrindo caminho para o surgimento de uma língua koiné. Essa koiné utilizada por ítalo-brasileiros falantes de variantes distintas recebe o nome de Talian e seu funcionamento social lhe confere estatuto de língua. Por ser formada em especial por variantes da região de vêneto, é também conhecida como vêneto-brasileiro. (p.60)

Todavia, apesar de atualmente receber status oficial pelo decreto nº 7.387/2010 (Brasil, 2010), o talian/vêneto brasileiro sofreu grande estigmatização e repressão durante o período da campanha de nacionalização do Ensino Primário, ocorrido a partir de 1937, sendo este um ponto extremamente pertinente na compreensão da língua aqui estudada.

De acordo com Cambrussi (2007), o talian/vêneto brasileiro, juntamente com as demais línguas de imigração presentes no país durante o período do século XX, mais especificamente durante o período de 1937 a 1945, sofreu grande repressão militar. Motivado por uma ideia de nacionalização, o governo Vargas, durante o período ditatorial conhecido como "Estado novo", implantou uma série de medidas repressivas, buscando uma espécie de unificação lingüística (Cambrussi, 2007) “do país, com base no ensino de português como língua oficial e nacional do Brasil e no combate às línguas maternas, à cultura e aos costumes dos imigrantes e seus descendentes” (Cambrussi, 2007, p.54). Segundo a autora,

A opressão às línguas de imigração se iniciou nas escolas, ambiente social no qual crianças vivenciavam as práticas pedagógicas em sua língua materna (nas línguas herdadas de seus ascendentes). Nesses ambientes, a brasilização tornou obrigatório o ensino do Português, assim como o de História e Geografia do Brasil e o de Educação Moral e Cívica, na mesma marcha em que proibia as línguas e as manifestações culturais que considerava estrangeiras (Cambrussi, 2007, p.55).

Nesta perspectiva, a implementação dessas medidas restritivas e violentas foi responsável por instaurar nos imigrantes e descendentes de imigrantes italianos um pânico

relacionado à sua própria identidade linguística e cultural que, futuramente, seria responsável pela perda significativa no número de falantes do talian/vêneto brasileiro. Com a implementação de tais repressões, os falantes do talian/VB foram condicionados à não utilização de sua língua que passou a ser sinônimo não somente de uma suposta ignorância mas também de um anti-nacionalismo. Cambrussi (2007), ancorando-se na pesquisa de Luzzato (1993, p. 31), afirma que

Por onde quer que se andasse havia sempre um espião que cuidava se, entre uma conversa e outra, escorregava alguma palavra em talian. E isso fatalmente acontecia, pois eram poucos aqueles que falavam o português com desenvoltura e naturalidade. Essas autoridades, inclusive alguns professores – gente de pouca visão, percebemos hoje –, nos xingavam, diziam-nos que éramos incultos, que falávamos um patuá, um dialeto de ignorantes, em suma, que éramos uns pobres-coitados. Tantas nos disseram que houve quem se convenceu de que era melhor deixar de usar nossa língua- materna, que pouco difere daquela que por mais de 1000 anos foi língua oficial da Sereníssima República de Veneza – portanto mais antiga que o próprio português! –, para falar tão somente o idioma de Camões, e mal também esse. (Cambrussi, 2007, p.56)

Segundo Cambrussi (2007), observamos o surgimento de um movimento significativo entre os descendentes de imigrantes italianos, que buscam revalorizar e restaurar o talian/VB nas diversas regiões onde essa língua foi tradicionalmente falada. Este esforço é especialmente evidente em comunidades que, ao longo do tempo, viram o uso do talian/VB diminuir, à medida que as novas gerações se afastaram de suas raízes linguísticas e culturais. A iniciativa, liderada por escritores e intelectuais que consideram o talian sua língua materna, surgiu de forma simultânea e espontânea, sem qualquer coordenação ou comunicação entre os envolvidos, muitos dos quais sequer se conhecem.

A retomada do Talian teve memória desde suas primeiras linhas. Talianos produziram sua literatura, que tinha como tema central a vida dos imigrantes recém chegados ao Brasil e fatos recordados da infância, na língua herdada: publicaram livros de poemas e de contos que documentam as andanças e vivências dos colonos talianos em suas linhas de assentamento. A partir daí, surgiu nova orientação para a atitude lingüística dos falantes; em lugar da vergonha e do temor de ser ridicularizado pelo seu falar, talianos foram convidados a se manifestar em sua língua e mostrar como é (da mesma maneira que o toscano e o português) bela, rica, complexa, diversa, importante política, histórica e culturalmente (Cambrussi, 2007, p. 65).

Para Cambrussi (2007), esse movimento indica uma necessidade coletiva que transcende a simples promoção da língua. Percebemos que os falantes de talian sentem uma urgência em resgatar não apenas o idioma em si, mas também a sua história e cultura. O talian/VB não se constitui somente como uma forma de comunicação, é a transmissão das

memórias e dos valores trazidos por um povo e que repercute na memória de seus descendentes.

Não somente isso, para Cambrussi (2007), esse fenômeno destaca o papel fundamental da língua como veículo de memória e pertencimento. Levando em consideração o apresentado por Kennedy (2013) no início da presente subseção e entendendo a gravidade do desaparecimento de línguas, a utilização do talian/VB representa uma resistência aos fenômenos de homogeneização cultural instaurados durante o regime ditatorial brasileiro que repercute até os dias de hoje.

Entendemos que os esforços para revitalizar uma língua não se constituem somente como uma forma de representação de um determinado aspecto cultural e identitário, mas também configuram-se como uma forma de reafirmação daquilo que molda a identidade de um grupo.

Para Cambrussi (2007), as iniciativas em prol do talian refletem um desejo profundo de conexão com as raízes e a história. Através de eventos culturais, publicações literárias e atividades educativas, os descendentes de imigrantes estão reescrevendo a narrativa de suas identidades. Assim, o movimento pela valorização do talian não apenas promove a língua, mas também contribui para a preservação de uma herança cultural que é vital para a coesão social e para o fortalecimento da identidade comunitária nas terras que um dia foram colonizadas por seus antepassados. A partir disso, de acordo com a ABPI,

Com a publicação do Decreto 7.387/2010, o Talian é reconhecido como Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e passa a fazer parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Vale dizer que nem todos os seus falantes a denominam 'Talian', dentre as diversas nomenclaturas para designar a mesma língua falada aqui no Brasil, podemos encontrar: dialeto vêneto, italiano, vêneto brasileiro, dialeto, dialeto italiano, entre outras. O próprio INDL cita estas e outras denominações. Entretanto, por questões de políticas linguísticas e pensando no fortalecimento da própria língua a nível nacional, os membros do grupo CEVEP também a denominam de Talian.

Nesta perspectiva, acreditamos que os estudos linguísticos podem desempenhar papéis fundamentais na preservação de línguas de herança, uma vez que os mesmos oferecem a aplicação de teorias e de práticas que auxiliam não somente a documentar mas também descrever e promover essas línguas. Ao investigar as estruturas gramaticais, por exemplo, conseguimos registrar uma série de particularidades presentes em uma língua, demonstrando e auxiliando a preservar seu uso.

Ainda que não seja o foco de nosso trabalho, notamos também que os estudos linguísticos realizados com línguas de herança contribuem diretamente para a criação de materiais didáticos e recursos pedagógicos que podem facilitar o ensino de línguas como o talian. Sendo assim, esperamos que o presente trabalho consiga não somente fornecer informações sobre o objeto central de nosso estudo, mas também consiga fornecer dados e informações que possam auxiliar no desenvolvimento de materiais didáticos sobre o talian/VB, auxiliando na sua disseminação e preservação.

Finalmente, compreendendo que a preservação das línguas de herança está diretamente ligada ao fortalecimento da identidade cultural, nossos estudos objetivam também auxiliar na construção de um entendimento mais amplo sobre a língua, e consequentemente a cultura vêneto-brasileira, buscando representar e proteger o patrimônio linguístico brasileiro, uma vez que, segundo Miazzo, *"El talial la è la lingua dei sentimenti, del laoro, dea preghiera e dea speransa, dei imigranti, de quei che i ga scominsià la construssion de paesi e cità."* (p.33)³³

EM RESUMO,

Encerrando o capítulo de Referencial Teórico, revisitamos conceitos-chave que fundamentam esta pesquisa sobre o funcionamento sintático e teórico das estruturas de sujeito e das perguntas-wh. Na primeira subseção, apresentamos a "Gramática Gerativa" como arcabouço teórico essencial, destacando a sua origem nas contribuições de Noam Chomsky a partir da década de 1950, bem como os conceitos de Gramática Universal, Língua-I e Língua-E. Discutimos como essa teoria impulsionou a análise linguística ao propor que a gramática humana é governada por princípios universais e regras específicas para cada língua, o que permite investigar de maneira sistemática fenômenos linguísticos como a omissão do sujeito e a formação de perguntas-wh.

A subseção seguinte apresentou a "Cartografia Sintática", uma abordagem que mapeia a estrutura interna das orações, permitindo uma visão detalhada da organização sintática e das posições ocupadas por diferentes constituintes dentro da hierarquia da sentença.

A seguir, no desenvolvimento do "Parâmetro do Sujeito Nulo na Teoria Gerativa",

³³ "O dialeto é a língua dos sentimentos, do trabalho, da oração e da esperança, dos imigrantes, daqueles que começaram a construção de países e cidades." (Miazzo, 2011, p.33)

abordamos as diferenças entre as línguas de sujeito realizado, como o inglês; as línguas de sujeito nulo, como o italiano; e as línguas de sujeito nulo parcial, como o PB.

Na subseção "Línguas de Sujeito Realizado [-pro drop]", destacamos como o inglês exige a presença do sujeito nas sentenças, uma característica que impede a omissão do pronome sujeito em construções declarativas e interrogativas. Na sequência, em "Línguas de Sujeito Nulo [+pro drop]", discorremos sobre o italiano, cuja estrutura sintática e morfologia verbal permitem a omissão do sujeito sem prejuízo à clareza ou à gramática da sentença. Já na subseção "Línguas de Sujeito Nulo Parcial", apresentamos o PB, que é analisado como um caso intermediário, em que o sujeito pode ser omitido em certos contextos, mas ainda mantém traços de especificidade que condicionam sua realização.

Na sequência, em "Perguntas-wh", apresentamos a definição dessas construções, que visam obter informações específicas por meio de pronomes interrogativos (como "o que", "onde", "quem" etc.). Nas subseções seguintes, mostramos como essas perguntas são formuladas em línguas [-pro-drop], como o inglês, [+pro-drop], como o italiano, e de sujeito nulo parcial, como o PB.

No caso das línguas [-pro-drop], abordamos o inglês, em que a estrutura sintática das perguntas-wh exige a inversão do verbo auxiliar e do sujeito, e a omissão do sujeito em perguntas-wh resulta em agramaticalidade. Em contraste, nas línguas [+pro-drop] como o italiano, a omissão do sujeito é permitida, graças a exigência da ordem de verbo em segunda posição sentencial bem como dada a morfologia verbal que indica o sujeito na oração. Nas línguas de sujeito nulo parcial, como o PB, não se observa a realização de sujeito nulo nas sentenças interrogativas.

Por fim, apresentamos uma contextualização histórica e linguística do "talian/vêneto brasileiro", idioma surgido no Brasil em consequência da imigração italiana. Abordamos o histórico dos imigrantes italianos e as características dessa língua de herança, que combina elementos do vêneto italiano com adaptações ao contexto brasileiro.

2 DESCRIÇÃO DO CORPUS E METODOLOGIAS

2.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nossa pesquisa se encaixa como uma pesquisa teórica, descritiva, explicativa e comparativa. Fazer uma pesquisa seguindo estas bases é importante para nosso estudo levando em consideração que cada uma dessas abordagens contribuirá de maneira única para a construção da temática do sujeito nulo nas perguntas-wh do talian/vêneto brasileiro.

É teórica, pois busca descrever e explicar as propriedades das perguntas-wh do VB, comparando-as com as propriedades já descritas para as sentenças de mesmo tipo no PB e no italiano (ou seja, não visa resolver um problema prático, aplicado). Já a parte descritiva de nossa pesquisa busca a obtenção e o fornecimento de uma descrição detalhada sobre o fenômeno das perguntas-wh no VB, explicando, sempre que possível e com base na teoria gerativa, "como" e "porquê" o fenômeno linguístico ocorre de determinada maneira.

A seção comparativa de nossa pesquisa é justificada, levando em consideração que a comparação entre diferentes línguas nos disponibiliza uma perspectiva ampla e que permite a análise das diversificações presentes em diferentes contextos .

2.2 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

Para esta pesquisa, utilizamos os dados de interrogativas-wh matrizes do VB já coletados nos anos de 2021/2022, no projeto de Iniciação Científica intitulado "Interrogativas-wh no Talian e a alternância *wh in situ* e *wh ex situ*", cujos resultados estão publicados nos trabalhos de Bée (2022) e Cerizolli (2022), e do qual o autor desta pesquisa fez parte. Os dados em questão, descritos posteriormente, apresentam uma grande variedade de sentenças e permitem a observação de inúmeros fenômenos sintáticos bem como permitem a realização de múltiplos estudos que descrevam a língua taliana/vêneto brasileira.

Nesta subseção, abordaremos a metodologia empregada na realização da pesquisa, a qual se baseia em dados previamente utilizados mas que apresenta um fenômeno e objetivos renovados e distintos do original. A reutilização de dados existentes é uma prática comum e valiosa em pesquisas científicas, pois permite extrair novas informações a partir de material já disponível. Assim, os dados em questão serão, agora, reaproveitados com o propósito de analisar a presença e ausência do sujeito nas perguntas-wh no talian/vêneto brasileiro.

Esse novo enfoque é oriundo da riqueza presente nos dados obtidos que, não somente

evidenciam os fenômenos pesquisados anteriormente, mas também nos proporcionam a possibilidade de realização de uma pesquisa completamente diferente, com vistas para o funcionamento do sujeito no talian/VB. Consideramos que os dados, ainda que coletados com um propósito diferente, apresentam quantidade suficiente para a observação do fenômeno do sujeito nulo nas perguntas-wh matrizes do talian/VB.

Ao explorar os dados sob uma nova ótica buscamos ampliar a compreensão sobre os fenômenos linguísticos presentes no talian/VB, evoluindo os conhecimentos sobre a língua e fornecendo, agora, uma descrição do fenômeno do sujeito nulo que permita o aprofundamento dos estudos linguísticos com a língua falada pelos descendentes de imigrantes italianos no Brasil.

No projeto de Iniciação Científica, alguns dos critérios utilizados para escolher os informantes foram:

- (i) Ser bilíngue – português/talian
- (ii) Ser alfabetizado em português brasileiro e em talian/vêneto brasileiro.

Sobre ser bilíngue³⁴, o projeto estipulou que todos os participantes deveriam ser fluentes e alfabetizados tanto em PB quanto em talian/vêneto brasileiro, porque era necessário que os informantes escrevessem as suas respostas nos questionários.

Falantes bilíngues apresentam uma percepção diferente das particularidades dos idiomas que dominam, além de possuírem a capacidade de alternar entre eles com facilidade. Para nossa pesquisa, era fundamental que os informantes possuíssem conhecimento sobre o talian/VB mas também era fundamental que tais informantes conseguissem se comunicar com facilidade em língua portuguesa, visto que isso permitiria o desenvolvimento da pesquisa sem maiores empecilhos.

Sendo assim, o projeto de IC definiu falantes alfabetizados, bilíngues de talian/VB e PB, pois: (i) as entrevistas seriam realizadas em língua portuguesa; (ii) não sabemos de casos de falantes de talian/VB que não dominem o PB também; e (iii) um dos objetivos da pesquisa de IC era justamente investigar se há influência do PB na língua VB.

³⁴ Em nossa pesquisa, consideramos como "bilíngues", os falantes que possuem domínio geral de duas línguas. Ou seja: falantes que possuem capacidade de compreender e de comunicar-se, de forma oral e também escrita, em duas ou mais línguas. Não levamos em consideração aspectos específicos como a idade de aquisição da linguagem, ainda que todos os informantes adquiriram o talian/VB durante as fases iniciais de aquisição da linguagem, aprendendo ambas (talian/VB e PB) de forma simultânea.

A combinação desses critérios, bilinguismo e habilidade escrita nas línguas, assegurou que a pesquisa fosse conduzida de maneira eficaz e que os dados obtidos oferecessem uma perspectiva rica e multifacetada sobre o uso do talian/VB no contexto onde predomina o uso da língua portuguesa. No total, a pesquisa de IC selecionou e coletou dados de três informantes, do sexo masculino, bilíngues ativos de talian/VB e PB, que possuíam capacidade de falar e escrever em ambas as línguas, descendentes de imigrantes italianos.

Outro ponto importante relacionado aos dados utilizados no desenvolvimento da presente pesquisa volta-se para o âmbito da comparação do talian/VB com outras línguas.

É comum que, para a descrição comparativa de determinadas línguas, independente dos fenômenos observados, sejam utilizados dados coletados em diferentes pesquisas. Um exemplo disso são os dados de línguas como o inglês, o italiano, o chinês, o finlandês etc., utilizados no embasamento teórico da presente pesquisa. Tais dados foram coletados por múltiplos pesquisadores que observaram e descreveram fenômenos sintáticos em suas línguas alvo e, de maneira sucessiva, estes mesmos pesquisadores utilizaram dados coletados por outros pesquisadores no embasamento de suas pesquisas.

A utilização de *corpora* de múltiplas línguas publicados por múltiplos pesquisadores em diferentes veículos de publicação é extremamente comum no âmbito das pesquisas linguísticas comparativas. Não somente é extremamente comum como também julgamos tal prática como extremamente proveitosa uma vez que diferentes línguas apresentam diferentes comportamentos sintáticos e, portanto, a utilização de dados publicados em diferentes trabalhos, que muitas vezes focam em fenômenos diferentes mas que apresentam dados pertinentes, nos auxilia no desenvolvimento de pesquisas robustas e mais detalhadas.

Sendo assim, para o desenvolvimento da parte comparativa da presente pesquisa foram utilizados os dados disponibilizados por pesquisadores que já abordaram a temática e que apresentam dados de sentenças interrogativas em diferentes línguas, incluindo o italiano e demais dialetos da Itália. Nesta mesma perspectiva, também foram utilizados dados já disponibilizados na literatura sobre PB.

Em relação aos dados do italiano, utilizamos os dados disponíveis nos trabalhos de Dias (2008), que apresenta considerações sobre o sujeito nulo nas gramáticas do Português Brasileiro e do Italiano, e Marins (2009), que analisou contrastivamente o sujeito nulo no português e o italiano. Também, foram utilizados os trabalhos como Bonan (2021), que apresenta uma descrição de inúmeros fenômenos relacionados às interrogativas-wh não somente no italiano standard mas em múltiplos dialetos da região italiana. Tais dados já foram

apresentados e descritos nas subseções anteriores (1.3.2 Línguas de Sujeito Nulo [+pro drop] e 1.4.3 As Perguntas-wh nas línguas [+ pro drop]). Nas seções de análise apresentadas posteriormente, tais dados não serão retomados uma vez que os mesmos já foram apresentados e sumarizados no quadro comparativo entre as características do italiano, PB e talian/VB.

Como falante de PB, os dados dessa língua são do próprio autor deste trabalho já que, seguindo Raposo (1978, p. 12), é possível fazer análise linguística, tendo um banco de dados em que se descreva “o seu próprio idiolecto, isto é, as suas próprias intuições sobre a aceitabilidade ou não aceitabilidade das frases como gramaticais (os chamados ‘juízos de gramaticalidade’)” (Raposo, 1978, p.12). Tais dados podem ser encontrados nas subseções 1.3.3 Línguas de Sujeito Nulo Parcial & 1.4.4 As Perguntas-wh nas línguas de Sujeito Nulo Parcial, bem como ao longo de todo o referencial teórico de nosso trabalho.

2.3 DESCRIÇÃO DO CORPUS DO TALIAN/VB

Do banco de dados coletado para as pesquisas de Bée (2022) e de Cerizolli (2002), 156 sentenças, selecionamos 135 sentenças. Do quantitativo total de sentenças, entre sentenças do tipo matriz e do tipo encaixada, aproximadamente 19 sentenças podem ser classificadas como "agramaticais".

Para fins explicativos, informamos que os falantes não produziram tais sentenças "agramaticais" e as mesmas são oriundas de questionamentos realizados durante as entrevistas. Ao longo do desenvolvimento das entrevistas, como explicitado anteriormente, algumas perguntas "extras" foram realizadas a fim de observar a possibilidade de realização de sentenças com ou sem determinados elementos e tais questionamentos deram origem às sentenças que os falantes julgaram como "agramaticais". A agramaticalidade de tais sentenças foi proposta pelos próprios informantes e envolviam questões como a realização de sentenças encaixadas sem a partícula "*che*" e também a realização de sentenças sem movimento de I para C.

Sendo assim, julgamos que, levando em consideração o objetivo de nossa pesquisa, o corpus coletado pelo projeto de Iniciação Científica "Interrogativas-wh no Talian e a alternância *wh in situ* e *wh ex situ*", no ano de 2022, apresenta sentenças suficiente para a realização de uma descrição e explicação sobre o fenômeno do sujeito nulo nas perguntas-wh matrizes do talian/vêneto brasileiro, sendo este utilizado, então, para as análises realizadas nesta pesquisa.

Desta maneira, destacamos aqui que a presente pesquisa não realizou uma nova coleta de dados³⁵ e utiliza o corpus disponibilizado pelos pesquisadores integrantes do projeto de iniciação científica mencionado anteriormente que realizaram a coleta no ano de 2022. Informamos que caso as descobertas aqui realizadas ofereçam a possibilidade de desdobramento em novos trabalhos uma nova coleta de dados poderia ser realizada, desta vez, voltando-se para os aspectos específicos a serem estudados. Para essa pesquisa, então, os dados já coletados nos oferecem uma possibilidade de descrição extremamente satisfatória e completa. Assim, a partir do exposto anteriormente, chegamos à seguinte demonstração:

Quantitativo total de sentenças disponíveis no corpus	Número de sentenças agramaticais	Número total de sentenças interrogativas-wh (matrizes) a serem analisadas
156 sentenças	19 sentenças.	135 sentenças

2.4 ETAPAS METODOLÓGICAS

Desta forma, a presente pesquisa tem como partes cruciais para seu desenvolvimento os diferentes corpus que já se encontram disponíveis para acesso, não somente para a descrição do fenômeno na língua taliana/vêneto brasileira mas também para o processo comparativo com as demais línguas. Sendo assim, destaca-se aqui a extrema importância que os trabalhos de revisão bibliográfica apresentam para esta pesquisa, estando presente desde o início do processo de pesquisa.

No referente à parte comparativa desta pesquisa, como apresentado anteriormente, foram utilizados os dados já analisados e descritos por demais pesquisadores da área da sintaxe e que tratam sobre o sujeito nulo no PB e no italiano padrão. No que concerne à análise dos dados, eles foram analisados e descritos de acordo com a Teoria Gerativa, observando aspectos relacionados ao funcionamento estrutural da sintaxe da língua, tomando como base os estudos já existentes sobre o funcionamento do sujeito nulo.

Sendo assim, as seguintes etapas foram desenvolvidas nesta pesquisa:

³⁵ Para fins explicativos, informamos que a realização de uma nova coleta de dados poderia ser uma alternativa para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Porém levando em consideração o tempo hábil para o desenvolvimento da mesma, bem como os processos burocráticos envolvidos no desenvolvimento de pesquisas e, principalmente, a riqueza de sentenças presente no corpus já disponível, optamos pela análise de dados já disponibilizados pelo projeto de iniciação científica mencionado anteriormente.

- A. Estudo de textos teóricos que discutem o funcionamento sintático e pragmático-discursivo do parâmetro do sujeito nulo nas interrogativas-wh do talian/VB, comparando-os, se necessário, à dados do italiano, PB e demais línguas naturais;
- B. Estudo de textos teóricos que apresentam dados que demonstram alguns dos parâmetros referentes ao sujeito-nulo em diferentes contextos de produção;
- C. Análise e descrição dos dados já coletados sobre o talian/VB;
- D. Descrição e comparação do funcionamento do sujeito nulo no talian/VB, no PB, italiano e demais línguas naturais.

Por fim, em sumarização e levando consideração todo o descrito anteriormente, as etapas descritas acima foram desenvolvidas visando a análise de sentenças que se enquadrem nos seguintes critérios:

- i) Perguntas verdadeiras/perguntas canônicas³⁶;
- ii) Perguntas-wh matrizes com wh em posição de in-situ;
- iii) Perguntas-wh matrizes com wh em posição de ex-situ.

No que concerne a nosso ponto de análise, buscamos observar como se comporta o talian/VB segundo o seguinte quadro comparativo:

Quadro comparativo de características.			
	Língua Italiana	Língua Portuguesa Brasileira	Língua Taliana/VB
Fenômeno			
Existência de elemento-wh em posição de primeiro merge (in situ)	✓	✓	✓

³⁶

Descrição de detalhamento sobre a categorização das perguntas-wh na subseção 1.4 [As perguntas-wh](#)

Quadro comparativo de características.			
Existência de elemento-wh movido para a periferia esquerda (ex-situ)	✓	✓	✓
Existência do movimento de I para C	✓	✗	?
Realização de sujeito nulo em sentenças com wh-in situ	✗	?/não	?
Realização de sujeito nulo em sentenças com wh-ex situ	✓	✗	?

No quadro acima, observamos que a existência de movimento de I para C, juntamente com a existência de element-wh em posição de primeiro merge e em posição de ex situ (movido para a periferia esquerda) já foram pesquisados anteriormente (Bée, 2022 & Cerizolli, 2022). Sobre a realização de sujeito nulo nas “wh in situ” e nas “wh ex situ”, marcados pelos “?” no quadro, são, então, os objetos de nosso estudo.

EM RESUMO,

Este capítulo apresentou a metodologia para composição do *corpus* desta pesquisa. . Mostramos que os dados de interrogativas-wh matrizes do talian/VB da presente pesquisa são oriundos de um projeto de Iniciação Científica (2021-2022), que coletou dados de informantes que atendessem os critérios: (i) bilinguismo em PB e talian/VB e (ii) alfabetização em ambas as línguas.

Do corpus coletado no projeto de IC, 156 sentenças, selecionamos 135 sentenças – que são interrogativas-wh matrizes para esta pesquisa. Para o componente comparativo, são utilizados dados de pesquisas anteriores sobre o sujeito nulo no PB, como os que constam no trabalho de Dias (2008), e dados de intuição linguística do próprio autor deste trabalho. Já os dados do italiano padrão serão coletados em pesquisas como as de Dias (2008), Marins (2009), Bonan (2021)

Por fim, as etapas metodológicas incluem 1) Revisão bibliográfica sobre o sujeito nulo e seu funcionamento sintático e discursivo; 2) Análise de textos teóricos sobre parâmetros do sujeito nulo em diferentes contextos; 3) Descrição e análise dos dados coletados sobre o talian/VB; 4) Comparação do fenômeno do sujeito nulo no talian/VB, PB e italiano. Já as

sentenças analisadas se enquadram nos seguintes critérios: 1) Perguntas verdadeiras/canônicas; 2) Perguntas-wh matrizes com wh in-situ e 3) Perguntas-wh matrizes com wh ex-situ.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O MOVIMENTO DE I PARA C E O SUJEITO SEMPRE EXPRESSO

O movimento de I para C consiste no deslocamento do verbo flexionado de sua posição interna à projeção de IP (Inflectional phrase) para uma posição superior da sentença, neste caso, para a posição de núcleo C, interna à projeção de CP (Complementizer phrase). Tal movimentação ocasiona a inversão entre o verbo e o sujeito/clítico.

O talian/VB, como demonstram os dados apresentados em (55), parece exigir o movimento de I para C, ou seja, a inversão verbo-sujeito, independente da posição do elemento-wh.

(55) a. Coando sito ndà a catar i to noni?

Coando	sito		ndà	a	catar	i	to	noni?
Quando	SERpassado+tu	ido		a	enontrar	os	teus	avós

‘Quando tu visitou os teus avós?’

b. Ghetto fato la vizita a i to noni coando?

Ghetto		fato	la	vizita	a	i	to	noni	coando?
TERpassado+tu	feito	a	visita	a	os	teus	avós	quando	

‘Você visitou teus avós quando?’

Em (55a), o pronome interrogativo-wh *coando* (quando) está na periferia esquerda da sentença, o verbo *si* em segunda posição, precedendo o sujeito *to* (de *sito*). Essa inversão verbo sujeito se mantém em (55b) apesar de o pronome permanecer *in situ*. Quando observamos essa alternância, que ocorre independente da posição do elemento-wh, observamos como o talian/VB apresenta uma preferência pelo deslocamento do sujeito de sua

posição de I para a sua posição de C, dentro da periferia esquerda.

Observar essa exigência é uma característica de extrema importância para nosso trabalho, especialmente quando tratamos da comparação com o PB. A não inversão entre o verbo e sujeito nas sentenças interrogativas do talian/VB ocasiona na sua agramaticalidade, como demonstrado por (56), contrariando o PB que não permite a inversão entre verbo e sujeito.

(56) *Ti te ghe fato coando la vizita a i to noni?

*Ti te ghe fato coando la vizita a i to noni?
 Tu te TERpassado feito quando a visita a os teus avós
 ‘Você visitou quando os teus avós?’

Também, algo que gostaríamos de destacar, diz respeito a, como comentado anteriormente, a influência do elemento-wh no deslocamento do sujeito para uma posição mais elevada na sentença. Línguas como o inglês (57) e o francês (58)³⁷, a posição em que o elemento-wh se encontra afetará diretamente na ordem dos constituintes

(57) Who have you met_?
 Quem tem você conhecido_
 ‘Quem você conheceu?’

(58) a. Qui as-tu recontré?
 Quem tem-você conhecido_
 ‘Quem você conheceu?’

b. * Qui tu as recontré_?
 Quem você tem conhecido
 ‘Quem você conheceu?’

(Bonan, 2021)

³⁷ Ainda que o presente trabalho não busque traçar um quadro comparativo com línguas como o inglês e o francês, acreditamos que utilizar dados de tais línguas para explicar o movimento de I para C e a sua vinculação com a posição dos elementos-wh seja extremamente produtivo e torne a explicação mais clara, uma vez que estas duas línguas apresentam comportamentos muito particulares naquilo que apresentamos nesta seção. .

Em casos como em (57) e (58a), é necessário que o movimento de I para C seja realizado uma vez que o elemento-wh está em posição de ex-situ, ou seja, movido para a periferia esquerda. Línguas como inglês, como observamos em (57) exigem que, para casos interrogativos, as posições de verbo e sujeito sejam obrigatoriamente invertidas. A realização de sentenças sem tal inversão torna-se estritamente agramatical.

O francês, por outro lado, apresenta um comportamento distinto. Assim como o inglês, para os casos em que o elemento-wh encontra-se movido para a periferia esquerda, o Francês exige a obrigatoriedade de inversão entre verbo e sujeito, como observamos pela agramaticalidade indicada em (58b).

Todavia, como observamos em (59), o mesmo não acontece para os casos em que o elemento-wh permanece in-situ

- (59) a. Tu as recontré qui?
 Você tem conhecido quem?
 ‘Você conheceu quem?’
- b. *As-tu recontré qui?
 Você tem conhecido quem
 ‘Você conheceu quem?’

(Bonan, 2021)

Já o italiano, por ser uma língua que se configura como uma língua de sujeito nulo, apresenta algumas particularidades no que diz respeito ao movimento de I para C. Como apresentado anteriormente (Seção 1.4.3), e observado em (60), o italiano se configura como uma língua que apresenta aspectos de V2 residual e, por consequência, não permite um sujeito em posição pré-verbal nos contextos sentenças interrogativas com o elemento wh na periferia esquerda.

- (60) Dove sei _{pro} ?
 Onde está _{pro} ?

Nesta perspectiva, a propriedade de “exigir” o verbo em segunda posição da sentença demonstra duas características: o apagamento do sujeito pronominal nos contextos

(56).

De acordo com Mocellin (2018), autor da "Gramàtega da Scarsela de la Veneta Lengua" de 2018, a língua vêneta é uma língua que podemos chamar de “língua econômica” ou “língua que apresenta processo de erosão fonética” (ou seja, uma língua que tende a simplificar as palavras), e, sendo assim, apresenta um processo de compensação que aumenta o número de palavras necessárias sinteticamente para formar uma frase correta.

Para o autor, no caso dos verbos vênetos, eles costumam vir sempre acompanhados de um sujeito expreso, porque muitas formas verbais são parecidas entre si.. Esse fenômeno pode ser observado em línguas como inglês e o alemão. Sendo assim, para Mocellin (2018), algo que diferencia as línguas vênetas é que o sujeito expreso não seria suficiente. Para o autor, o verbo deve sempre vir acompanhado de um pronome clítico.

Schissatti (2004) analisou o dialeto Trentino falando no estado catarinense de Rodeio. Para a autora, “uma das características dos dialetos da Itália é a possibilidade de realizar foneticamente um sujeito sob forma pronominal clítica em sentenças em que a língua italiana *standard* (IS) permite um sujeito nulo (p.17).

Desta forma, podemos observar que o talian/VB apresenta a característica de exigir que o sujeito seja sempre realizado, mesmo que através dos pronomes clíticos e mesmo que o sujeito da sentença já esteja realizado de outra maneira, como apresentado por Mocellin (2018)

Na língua vêneta, pelo fato de ser uma língua de tipo consuntivo [isto é, que tende à erosão ou simplificação fonética], e porque as pessoas tendem a simplificar as palavras individualmente, ocorre, por princípio de homeostase, uma compensação que se manifesta em um aumento do número de palavras necessárias sintaticamente para formar uma frase correta. No caso dos verbos vênetos, eles sempre vêm acompanhados de um sujeito expreso, porque muitas formas verbais se assemelham [...]. Esse fato também ocorre em inglês, francês e alemão, mas a particularidade do vêneto é que o sujeito expreso não é suficiente: o verbo deve sempre ser acompanhado de um pronome clítico. (p.49) (Tradução nossa)

As formas verbais como *Sito* e *Gheto*, por exemplo, parecem configurar-se como como a junção dos verbos auxiliares *Si (esser)* e *Ghe (gaver)* com o pronome clítico “to” (segunda pessoa do singular). Nestes casos, o clítico estaria construído juntamente ao verbo. As formas verbais “sito”, “gheto” e “veto” já conteriam, em si, o clítico necessário para

indicação do sujeito e, por consequência, permitiriam a não realização de um sujeito não clítico, por exemplo. O quadro abaixo apresenta os pronomes clíticos existentes na língua taliana/VB

Quadro de pronomes Clíticos do talian/VB		
Pronomes Clíticos	Singular	Plural
1a pessoa	Me, Mi	Ne; Noantri/Noaltri/Nantri; Se
2a pessoa	Te; Ti	Ve; Valtri; Voaltri (Masculino)
		Ve; Valtre; Voaltre (Feminino)
3a pessoa	Lo; Se; Ghe; Ghen; Ghin	Li; Se; Ghe; Ghen; Ghin (Masculino)
		Le; Se; Ghe; Ghen; Ghin (Feminino)

Fonte: “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus, (2021)

A existência de uma marcação de sujeito por meio dos pronomes clíticos do talian/VB é extremamente interessante quando comparamos com o italiano. Segundo Lunati, M., Porcellato, A. M., & Santoro, E. (2024),

O sistema dos clíticos italianos é estruturado segundo os traços de pessoa (primeira, segunda e terceira), número (singular e plural) e caso (dativo, acusativo, locativo e genitivo). Não existe nominativo, o que faz com que o italiano se distinga tanto do francês quanto de alguns dialetos italo-românicos, os quais, ao contrário, possuem clíticos sujeitos (SCHWARZE; CIMAGLIA, 2010; BENINCÀ, 2017); compare-se, por exemplo, os seguintes casos (retirados de SCHWARZE; CIMAGLIA, 2010):

- *elle mange du pain* (francês);
- *la magna pan* (dialeto trentino);
- *(lei) mangia pane* (italiano). (p.41)

Nesta perspectiva, observamos como o talian/VB apresenta características similares ao dialeto trentino, por exemplo, mas distintas do italiano, que não permite a realização de

sujeito por meio dos clíticos. No exemplo do dialeto trentino mencionado pelas autoras, vemos como o clítico “*la*” é utilizado de forma nominativa, demonstrando o sujeito da oração. Nesta mesma sentença observamos a não utilização de um pronome reto ou de um sujeito nominal. Na sentença, a marcação de sujeito ocorre apenas pelo clítico que adota função nominativa.

Em italiano, o mesmo não acontece e, segundo as autoras, a marcação de sujeito não poderia ocorrer por meio dos pronomes clíticos existentes na língua. Sua realização poderia ocorrer somente por pronomes tônicos (como “*io*”, “*tu*”, “*lui/lei*”) ou então o sujeito seria omitido (nulo). Os pronomes clíticos italianos não exerceriam essa função, marcando apenas objetos. Já no talian/vb, como observado pelos exemplos anteriores, aparentemente a marcação de sujeito por meio do sistema pronominal clítico é possível.

No que diz respeito às interrogativas, a utilização dos pronomes clíticos atrelados aos verbos auxiliares ocorre quase que de maneira geral, mesmo nos casos em que o sujeito está explícito (nominalmente ou pronominalmente). Essa marcação por clíticos representa a não-realização de sujeito nulo nas interrogativas-wh da língua taliana/vêneto brasileira⁴⁰. Sendo assim, de acordo com os dados analisados em nosso corpus, o talian seria uma língua com propriedades *-pro drop*, contrastando diretamente com o italiano (*+pro drop*).

Observamos abaixo uma série de sentenças construídas com os verbos auxiliares do talian/VB (*Esser*; *Star*; *Gaver*; *Restar*), extraídas da gramática “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021), que demonstram não somente a característica de possibilidade de realização do sujeito por meio dos pronomes clíticos mas também demonstram a dupla marcação de sujeito que é extremamente comum no talian/VB

Verbo Esser (ser)

Presente	Pretérito Perfeito	Futuro simples
----------	--------------------	----------------

⁴⁰ Acreditamos que o talian permita sujeito nulo em alguns contextos, possivelmente nos contextos declarativos, porém o objetivo do presente trabalho é a análise e teorização das sentenças interrogativas encontradas em nosso corpus.

Son/sonti mi? Elo/zelo lu? Ela ela/zela ela? Semo noantri? Sio/Seo valtri? Eli lori/Zeli lori? Ele lore/Ze le lore?	Son/sonti stà mi? Elo stà ti? Ela stata ela? Semo stati noantri? Sio stai valtri? Eli stai lori? Ele stae lore?	Sarò/saronti mi? Sareto ti? Saralo lu? Sarala la? Sarala ela? Saremo/Saronti noantri? Saré/sarì valtri? Sarali lori? Sarale lore?
---	---	---

Fonte: “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021),

Verbo Gaver (ter)

Presente	Pretérito Perfeito	Futuro simples
Go/gonti/onti mi? Gheto/gatu/atu ti? Galo/alo lu? Gala/ala ela? Gavemo/gavonti/gaventi/aventi/a vonti noantri? Gavio/gavì/gaveo/gavé valtri? Gali/ali lori? Gale/ale lore?	Gonti bio mi? Gheto bio ti? Galo bio lu? Gala bio ela? Gavemo/gavonti/gaventi bio noantri? Gavé bio valtri? Gali bio lori? Gabe bio lore?	Gavaronti/garonti mi? Gavareto ti? Gavaralo lu? Gavarala ela? Gavaronti/garonti noantri? Gavaré valtri? Gavarali lori? Gavarale lore?

Fonte: “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021),

Verbo Star (estar)

Presente	Pretérito Perfeito	Futuro simples
Stago/stonti mi? Steto ti? Stalo lu? Stalo ela? Stemo noantri? Steo/stio valtri? Stali lori? Stale lore?	Sonti stà mi? Sito stà ti? Elo stà lu? Ela stata ela? Semo stati noantri? Sio/sé/sii stati valtri? Eli stati lori? Ele state lore?	Starò/staronti mi? Stareto ti? Staralo lu? Starala ela? Staremo/staronti noantri? Staré voltri? Starali lori? Starale lore?

Fonte: “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021),

Verbo Restar (ficar)

Presente	Pretérito Perfeito	Futuro simples
----------	--------------------	----------------

Resto/stago/restonti/stonti mi? Rèstito/steto ti? Rèstelo/stalo lu? Rèstela/stala ela? Restemo/stemo noantri? Resteo/steo valtri? Rèsteli/stali lori? Rèstele/stale lore?	Sonti restà/stà mi? Sito restà/stato ti? Elo/zelo restà/stato/stà lu? Ela/zela restada/stata/stà ela? Semo restandi/restai/stati noantri? Sio/seo restadi/restai/stati valtri? Eli/zeli restadi/restai/stati/stai lori? Ele/zele restade/restae/state lore?	Restarò/restaronti mi? Restareto/restareto ti? Restaralo/staralo lu? Restarala/starala ela? Restaremo/restaronti noantri? Restaré/staré valtri? Restarali/starali lori? Restarale/starale lore?
--	--	--

Fonte: “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021),

Na sequência apresentamos uma série de sentenças que utilizam verbos auxiliares. Todas as sentenças abaixo foram retiradas da gramática “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021). As sentenças apresentam construções similares às encontradas em nosso corpus. Os paradigmas flexionais dos verbos incluídos abaixo podem ser conferidos na íntegra em sua gramática de origem.

Presente	Pretérito Perfeito	Futuro Simples
Verbo amar (amar): Àmito mi? Àmito ti? Àmelo lu? Àmelo ela?	Verbo amar (amar): Gonti amà mi? Gheto amà ti? Galo amà lu? Gala amà ela?	Verbo amar (amar): Amarò mi? Amareto ti? Amaralo lu? Amarala ela?
Verbo creder (acreditar) Credo/Credeto mi? Crédito ti? Crédelo lu? Crédela ela?	Verbo creder (acreditar) Gonti credesto mi? Gheto credesto ti? Galo credesto lu? Gala credesto ela?	Verbo creder (acreditar) Crederò mi? Credereto ti? Crederarlo lu? Crederarla ela?
Verbo sentir/sintir (sentir) Sento/setentoni mi? Séntito ti? Séntito lu? Séntito ela?	Verbo sentir/sintir (sentir) Gonti séntisto mi? Gheto sentisto ti? Galo sentio lu? Gala sentisto ela?	Verbo sentir/sintir (sentir) Sentirò mi? Sentireto ti? Sentiralo lu? Sentirala ela?
Verbo tor (voltar/retornar) Togo/tolo mi?	Verbo tor (voltar/retornar) Gonti tolto mi?	Verbo tor (voltar/retornar) Tolarò/tolaronti mi?

Tóghito/tólito ti? Tóleto lu? Tólela ela?	Gheto tolto ti? Galo tolto ti? Gala tolto ela?	Tolareto ti? Tolaralo lu? Tolarala ela?
Verbo dar (dar) Dago/daso/dao/donti mi? Deto ti? Dalo lu? Dala ela?	Verbo dar (dar) Gonti dato mi? Gheto dato ti? Galo dato lu? Gala dato ela?	Verbo dar (dar) Darò/daronti ti? Dareto ti? Daralo lu? Darala ela?
Verbo far (fazer) Fasso/fao/fago ti? Feto ti? Falo lu? Fala ela?	Verbo far (fazer) Go/gonti fato mi? Gheto fato ti? Galo fato lu? Gala fato ela?	Verbo far (fazer) Farò/faronti mi? Fareto ti? Faralo lu? Farala ela?
Verbo Andar/Ndar/Nar (andar) Vago/vao mi? Veto ti? Valo lu/ Vala ela?	Verbo Andar/Ndar/Nar (andar) Sonti ndà ti? Sito ndà ti? Elo ndà lu? Ela ndata ela?	Verbo Andar/Ndar/Nar (andar) Ndarò/ndaronti mi? Ndareto ti? Ndaralo lu? Ndarala ela?
Verbo poder (poder) Posso mi? Póssito/pódito ti? Pósselo lu? Póssela/pódela ela?	Verbo poder (poder) Go/gonti podesto mi? Gheto podesto ti? Galo podesto lu? Gala podesto ela?	Verbo poder (poder) Podarò/podaronti ti? Podareto ti? Podareto lu? Podareto ela?
Verbo saver (saber) Sò/Savonti/Saonti/Sointi mi? Seto/sàvito ti? Salo/sàvelo lu? Sala/sàvela ela?	Verbo saver (saber) Go/gonti savesto mi? Gheto savesto ti? Galo savesto lu? Gala savesto ela?	Verbo saver (saber) Savarò/savaronti mi? Savareto ti? Savaralo lu? Savarala ela?
Verbo vegner (vir) Vegno mi? Végnito ti? Végnelo lu? Végnela ela?	Verbo vegner (vir) Sito vegnesto mi? Sito vegnesto ti? Elo vegnesto lu? Ela vegnesta ela?	Verbo vegner (vir) Vegnarò mi? Vegnareto ti? Vegnaralo lu? Vegnarala ela?
Verbo voler (querer)	Verbo voler (querer)	Verbo voler (querer)

Vui/voio mi? Vólito/vuto ti? Vólelo/vulo/volo lu? Vúlela/vula/vólela/vola ela?	Gonti volesto mi? Gheto volesto ti? Galo volesto lu? Gala volesto ela?	Volerò/voleronti mi? Volereto ti? Voleralo lu? Volarala ela?
Verbo dir/diser/disar (dizer) Digo disso mi? Dighito/dìsito/diito ti? Diselo lu? Disela ela?	Verbo dir/diser/disar (dizer) Gonti dito mi? Gheto dito ti? Galo dito lu? Gala dito ela?	Verbo dir/diser/disar (dizer) Dirò/disarò mi? Direto/disareto ti? Diralo/disaralo lu? Dirala/disarala ela?

Fonte: “Talian par Cei e Grandi: Gramàtica e Stòria”, de Dal Castel; Loregian-Penkal & Tonus (2021),

Sobre a relação com o PB, não podemos atestar que o talian se configura, de fato, como uma língua de sujeito nulo parcial, em similaridade ao PB, uma vez que tal afirmação requer estudos que observem os múltiplos contextos que tornam o PB uma língua de Sujeito Nulo Parcial (SNP), e não somente sentenças interrogativas como é o caso do presente estudo. É possível que estudos futuros com um corpus em talian/VB e que investiguem a construção de sentenças declarativas consigam demonstrar, de fato, se o talian/VB também se configura como uma língua de SNP.

Sendo assim, com os exemplos listados acima conseguimos perceber três comportamentos importantes no que se refere ao funcionamento do sujeito nas interrogativas-wh do talian: i) A obrigatoriedade de deslocamento do sujeito de sua posição dentro da categoria de IP para a categoria de CP, ii) a não vinculação do movimento de I para C com a posição do elemento-wh e, mais importante, iii) a realização do sujeito através do sistema pronominal clítico, seja nas sentenças com wh-in situ, seja nas sentenças com wh-ex situ.

A seguir, discutimos e apresentamos uma série de exemplos que demonstram de que maneira o talian/VB se comporta com relação ao sujeito nas interrogativas (*in situ* e *ex situ*) e, também, como os clíticos aparecem em tais sentenças.

3.2 O SUJEITO NULOS NAS SENTENÇAS COM WH-IN SITU

Pelos exemplos abaixo, conseguimos observar que elemento-wh em posição de primeiro merge (*in situ*), como em (62), é permitido em talian/VB:

(62) a. Joan sito mìa venjesto nte`l laoro incói? Parché ?

Joan sito mìa venjesto nte`l laoro incói? parché?
 João SERpassado+tu mìa vindo em+o trabalho hoje? Por quê?
 ‘João você não veio ao trabalho hoje? Por quê?’

b. La Quarta colônia de Imigrasion Italiana gala cuanta sità?

La Quarta Colônia de Imigrasion Italiana gala cuanti sità?
 A Quarta Colônia de Imigração Italiana HAVERpassado+ela quantas cidades?
 ‘A Quarta Colônia de Imigração Italiana tem quantas cidades?’

c. Sito nasesto ?

Sito nasesto ndoè?
 SERpassado+tu nascido onde?
 ‘Você nasceu onde?’

Como observamos em (62), aparentemente o talian/VB *não permite* a omissão do sujeito para as sentenças com o elemento-wh em posição de in situ.

Os verbos *sito* (ser+ti), *gala* (haver+ela) e *gheto* (haver+ti) incorporam, na morfologia verbal, o sujeito. Na sentença em (62a), por exemplo, não observamos a utilização de um sujeito pleno. O que encontramos na sentença é o vocativo “*Joan*”, seguido pelo verbo auxiliar “*sito*”, esse sendo composto pelo verbo auxiliar *esser* (ser) + *ti* (tu) que indica o sujeito da sentença.

Já em em (62b), observamos a utilização do verbo *gala*, composto pelo verbo *gaver* (haver) + pronome clítico *ti* (tu) em segunda posição da sentença, seguindo o sujeito explícito “La Quarta colônia de Imigrasion italiana”. O caso em 62b é um tanto curioso, pois ocorre uma dupla marcação do sujeito na sentença, algo que acontece de maneira extremamente comum no talian/VB. Algo que podemos inferir é que o talian/VB permite a realização de um sujeito explícito, contanto que o verbo auxiliar esteja atrelado a um pronome clítico. A não realização do clítico, como constatamos anteriormente em (56) torna a sentença agramatical.

Tal constatação pode ser percebida, novamente, em (62c), na qual observamos,

novamente, a utilização do verbo auxiliar atrelado ao pronome clítico (“sito” (ser+tu)) e que indica o sujeito da sentença.

Considerando o contexto de produção das sentenças — criadas de forma espontânea pelos falantes —, é possível afirmar que, caso a língua permitisse a omissão do sujeito, os informantes teriam, ao menos em alguma das realizações, recorrido ao sujeito nulo. Isso porque os dados indicam que os participantes produziram múltiplas variantes para uma mesma sentença, como se observa no exemplo (63), registrado como um “adicional da entrevista” e enunciado de forma totalmente espontânea.⁴¹

(63) Paula, veto far el viajo a Porto Alegre quando?

Paula, veto far el viajo a Porto Alegre quando?

Paula IRfuturo+tu fazer a viagem a Porto Alegre quando?

‘Paula, você vai viajar para Porto Alegre quando?’

Em (63), observamos novamente a utilização do vocativo “Paula” seguido do verbo auxiliar+pronome clítico. Neste caso, *Veto* (ir+tu) indica o sujeito da sentença. Os exemplos listados em (62) e (63) indicam que, para o caso em que o elemento-wh esteja em sua posição de primeiro merge (in situ), o talian/VB não permite o apagamento do sujeito, optando por sua realização através do pronome clítico junto ao verbo auxiliar.

Assim, considerando os dados observados até o momento, constatamos que o talian/VB não permite, assim como o italiano, a realização de sujeito nulo em sentenças interrogativas-wh com o elemento-wh em posição de primeiro merge (in situ).

3.3 O SUJEITO NULO NAS SENTENÇAS COM WH-EX SITU

Pelas sentenças abaixo, conseguimos observar que no talian/VB é possível que o pronome-wh esteja ex situ (movido para a periferia esquerda da sentença):

⁴¹ A sentença em 62 foi produzida de maneira espontânea pelo informante quando solicitamos se haveria alguma maneira diferente das que o mesmo já havia utilizado para produzir uma sentença questionando a alguém sobre a data de sua viagem para Porto Alegre.

(64) Joan, cosa veto manjar nte`l diznar incói?

Joan, cosa veto manjar nte`l diznar incói?

João, o que IRfuturo+tu comer em+o jantar hoje?

‘João, o que você vai comer no jantar hoje?’

Nos dados do nosso corpus, não observamos a omissão do sujeito (sujeito nulo). As sentenças, produzidas de forma espontânea pelos informantes, apresentaram dois fenômenos muito importantes para nossa pesquisa: O primeiro deles, apresentado anteriormente, diz respeito à obrigatoriedade da inversão verbo-sujeito. O segundo, descrito nesta seção, representa impossibilidade de realização de sujeito nulo nos contextos ex situ, como em (64) e (65):

(65) a. Paula, che di veto a Porto Alegre?

Paula, che di veto a Porto Alegre?

Paula, que dia IRfuturo+tu a Porto Alegre?

‘Paula, que dia você vai a Porto Alegre?’

b. Ana, andóe gheto conprà ‘sto vin cuà?

Ana, andóe gheto conprà ‘sto vin cuà?

Ana, onde TERpassado+tu comprado este vinho aqui?

‘Ana, onde você comprou este vinho aqui?’

Os dados apresentados anteriormente configuram um claro contraste entre o talian/VB e o italiano, uma vez que, como descrito anteriormente, o italiano opta pelo apagamento do sujeito nos contextos em que o elemento-wh se encontra movido para a periferia esquerda (66).

(66) a. Vuoi un Caffè?

Aceita um café?

(Dias, 2008, p.43)

As sentenças em (65) são compostas pelos vocativos (Paula ou Ana) seguidas pelos

verbos auxiliares *veto* (Ir+tu), em (65a), e *gheto* (Ter+tu), em (65b). A marcação explícita do sujeito pelo verbo auxiliar atrelado ao pronome clítico, como demonstrado pelos exemplos, indica que, para os contextos de sentenças matrizes ex-situ, o talian/VB não permite a omissão do sujeito como ocorre no italiano, exemplificado pela sentença (66).

Assim, considerando os dados observados até o momento, constatamos que o talian/VB não permite a realização de sujeito nulo em sentenças interrogativas-wh com o elemento-wh em posição de ex-situ, contrastando diretamente com o italiano e mantendo essa característica como uma das similaridades com o PB.

3.4 AS SIMILARIDADES E DIFERENÇAS COM O PORTUGUÊS BRASILEIRO

O PB brasileiro, independentemente do contexto (in situ ou ex situ) opta pela não inversão verbo-sujeito (movimento de I para C), a não ser que o verbo seja inacusativo.

O talian/VB, por outro lado, demonstra, como apresentado em (67), uma obrigatoriedade na inversão entre verbo-sujeito, tomando como ordem preferencial a ordem V-S, ao contrário do PB e em similaridade ao italiano.

(67) a. Coando sito ndà a catar i to noni?

Coando	sito		ndà	a	catar	i	to	noni?
Quando	SERpassado+tu	ido		a	encontrar	os	teus	avós?

‘Quando você visitou teus avós?’

b. Sito ndà a catar i to noni che di?

Sito	ndà	a	catar	i	to	noni	che	dí?
SERpas sado+tu	ido	a	visitar	os	teus	avós	que	dia?

‘Você foi visitar os teus avós que dia?’

c. Sito ndà a catar che di i to noni?

Sito ndà a catar che di i to noni?
 SERpassado+tu ido a visitar que dia os teus avós?
 ‘Você foi visitar que dia os teus avós?’

As sentenças em (67) apresentam algumas características muito importantes que precisamos destacar. Além da obrigatoriedade de inversão entre verbo sujeito, o talian/VB exige a marcação explícita do sujeito através do verbo auxiliar+pronome clítico. Em (67a) observamos a utilização do sito (Ser+tu), assim como em (67b) e (67c). Os três exemplos revelam que há movimento de I para C e há marcação de sujeito clítico nos três casos. (67a) apresenta movimento do elemento-wh para a periferia esquerda da sentença e marcação de sujeito; (67b) apresenta o elemento em posição de in situ (sem movimento para a periferia esquerda) e marcação de sujeito pelo pronome clítico; e (67c) há movimento curto do elemento wh bem como a marcação de sujeito pelo pronome clítico.

Caso não ocorra a inversão verbo-sujeito, e caso o não ocorra a utilização do pronome clítico junto ao verbo auxiliar, como em (68), a sentença é considerada, na perspectiva dos informantes, como agramatical..

(68) a. *Che di che te si ndà a catar i to noni, Paulo?

*Che di che te si ndà a catar i to noni, Paulo?
 Que dia que tu SERpassado ido a visitar os teus avós, Paulo?
 ‘Que dia que você foi visitar os teus avós, Paulo?’

b. * Parché ti te vè regalarlo co na moto?

* Parché ti te vè regalarlo co na moto?
 Porque tu SERpassado vai presentear com a moto?
 ‘Porque tu vai presentear ele com a moto?’

Assim, a partir de dados como em (68) conseguimos perceber algo que o talian/VB apresenta de similaridade com o PB: a não realização de sujeito nulo nos contexto

interrogativos. O PB apresenta a característica de licenciar sujeito nulo em casos específicos, porém, opta pela marcação explícita do sujeito. Já o talian/VB, aparentemente, exige que o sujeito seja explícito através de um pronome clítico, mesmo que a sentença possua um sujeito explícito.

Os exemplos abaixo configuram-se como sentenças produzidas com o elemento-wh em diferentes posições sintáticas e, em todos os contextos, os informantes optaram pela marcação explícita do sujeito através do pronome clítico atrelado ao verbo auxiliar, independentemente da posição do elemento-wh

(69) a. Ghetto lezesto cuanti libri?

Ghetto	lezesto	cuanti	libri?
HAVERpassado+tu	lido	quantos	livros?

‘Você leu quantos livros?’

b. Cuanti libri ghetto studià?

Cuanti	libri	ghetto	studià?
Quantos	livros	HAVERpassado+tu	estudado?

‘Quantos livros você estudou?’

Esta similaridade, na visão da Gramática Gerativa, representa uma convergência entre o talian/VB e PB uma vez que ambas as línguas apresentam estruturas sintáticas que optam preferencialmente pela realização explícita do sujeito nos contextos interrogativos, representando, então, uma convergência nas suas bases estruturais.

Em uma primeira leitura, isso poderia indicar que a configuração paramétrica similar ao PB do talian/VB é oriunda das modificações linguísticas ocorridas ao longo dos anos de contato entre o talian/VB e o PB. Podemos pensar nessa ideia uma vez que o italiano, língua originária da mesma região de onde surgiu a língua que posteriormente viria a se tornar o que o talian/VB, por exemplo, não apresenta esta característica.

Todavia, não podemos atestar que esta seja, de fato, a origem da similaridade com o PB uma vez que outros dialetos, como o Trevisano e o Belunês (Bonan, 2021) apresentam tal característica (impossibilidade de sujeito nulo nos contextos interrogativos) mesmo sem

apresentar um contato com o PB.

Sendo assim, ainda que o talian/VB demonstre uma similaridade com o PB, consideramos que atestar tal similaridade como algo oriundo do contato linguístico seja precipitado e necessite de estudos mais aprofundados que observem somente esta questão em um ponto de vista diacrônico.

3.5 AS SIMILARIDADES E DIFERENÇAS COM O ITALIANO

Como discutido e apresentado anteriormente, o talian/VB exige movimento de I para C nos contextos interrogativos, uma propriedade que o aproxima do italiano. O que conseguimos observar, todavia, é que esse comportamento sugere que o talian compartilhe aspectos estruturais fundamentais com os dialetos italianos que também apresentam tal característica como demonstrado por Bonan (2021).

Todavia não são em todos os aspectos linguísticos que o talian/VB se mantém próximo ao italiano e demais dialetos italianos. No que diz respeito ao sujeito nulo, o talian adota um comportamento que o diferencia do italiano e o aproxima do PB. Enquanto o italiano permite sujeitos nulos em contextos *ex situ* de maneira mais ampla, o talian não os permite. Essa restrição é semelhante à observada no PB, onde o sujeito nulo não é licenciado de maneira livre. Observemos o quadro abaixo, retirado de Dias (2008)

Tabela 4.1 - Resultado geral de sujeitos pronominais nulos e plenos

<i>corpus</i>	Sujeito Nulo	%	Sujeito Pleno	%	Total
português brasileiro	439	51,6	412	48,4	851
italiano	778	91,4	73	8,6	851
TOTAL GERAL:					1702

Fonte: DIAS, 2008, p.75

O quadro acima representa a utilização de sujeitos nulos em italiano e em PB. Como mencionado anteriormente, Dias (2008) analisou uma série de tirinhas a fim de investigar, de forma comparativa, a utilização de sujeito nulo no italiano e no PB. O que podemos observar pelo quadro é a indicação de que o italiano opta pela realização de sujeito nulo, tendo uma totalidade de 91,4% de sujeitos nulos em contraste com 8,6% de sujeitos plenos.

O quadro acima reforça e exemplifica algo que discutimos ao longo de todo nosso texto: a utilização de sujeito nulo no italiano ocorre quase que de forma total, incluindo nas sentenças interrogativas. Sendo assim, uma das principais diferenças que observamos entre o talian/VB e o italiano é justamente a utilização de sujeito nulo que, no talian/VB, não acontece de maneira tão livre quanto no italiano.

UM RESUMO SOBRE A SINTAXE DO TALIAN/VB E O SUJEITO SEMPRE EXPRESSO...

No decorrer das seções anteriores apresentamos uma série de pontos relevantes para a discussão aqui apresentada. Iniciamos nosso capítulo de análises com uma apresentação sobre o funcionamento do movimento de I para C no talian/VB. Primeiro apresentamos a obrigatoriedade que o talian/VB demonstra na realização da inversão entre verbo e sujeito, tomando como ordem preferencial a ordem V-S (Verbo-Sujeito).

Na sequência, observamos como a inversão entre o verbo e sujeito não apresenta vinculação à posição do elemento-wh. Discutimos como algumas línguas, como o inglês e o francês, segundo Bonan (2021), apresentam a característica de realizar a inversão entre o verbo e sujeito dependendo da posição do elemento-wh. No talian/vb esta inversão acontece de forma igualitária, seja para os contextos *in situ* seja para os contextos *ex situ*.

Em seguida apresentamos um dos pontos cruciais para nossa análise: a marcação negativa que o talian/vb apresenta para o parâmetro do sujeito nulo, aparentemente se configurando como uma língua *-pro drop*. Apresentamos de que maneira o talian/VB utiliza do sistema de pronomes clíticos para demonstrar o sujeito das sentenças interrogativas, não apresentando, então, o apagamento do sujeito. Nesta seção apresentamos o quadro de pronomes clíticos do talian/VB e também os paradigmas verbais dos verbos auxiliares do talian e também de demais verbos comumente utilizados na língua. Também abordamos o fato do talian/vb apresentar características de redobro do sujeito, o explicitando através dos pronomes clíticos mesmo quando o sujeito está explícito por pronomes ou então de maneira nominal.

Depois abordamos de maneira mais aprofundada os casos das interrogativas com elemento-wh em posição de primeiro merge (*in situ*). Observamos que o talian/VB apresenta permite sentenças com o elemento wh *in situ* e, também, exige a marcação explícita do sujeito

nestes contextos. Assim, exemplificamos a obrigatoriedade do sujeito explícito nos contextos *in situ* e a sua marcação através dos pronomes clíticos.

Posteriormente, abordamos os casos das interrogativas que apresentam elementos-wh movidos para a periferia esquerda da sentença (*ex situ*). Nestes contextos observamos que o talian/VB permite sentenças com o elemento wh *ex situ* e, também, exige a marcação explícita do sujeito através dos pronomes clíticos.

Subsequentemente apresentamos as similaridades e diferenças que o talian/vb apresenta com o português brasileiro. Destacamos como similaridades, principalmente, a não realização de sujeito nulo nos contextos interrogativos. Como diferenças, destacamos a exigência de ordem V-S que o talian/vb apresenta, sendo este um contraste direto à ordem S-V que é optada pelo PB.

Por fim, contrastamos o talian/vb com o italiano. A principal similaridade observada foi a ordem V-S, que prevalece no italiano e também o talian/VB. No italiano tal ordem é oriunda de uma característica intitulada V-2 residual, todavia destacamos que não podemos atestar que a ordem V-S do talian/VB é oriunda de um V-2 residual e, para tal afirmação, são necessários estudos que enfoquem e investiguem essa característica. Sobre as diferenças, observamos que ao contrário do italiano, que opta pelo sujeito nulo em suas interrogativas e não permite a utilização de clíticos com funções nominativas, o talian/VB opta pela marcação explícita do sujeito e atribui aos pronomes clíticos uma função nominativa que indica o sujeito. Evidenciamos que ainda que essa seja uma diferença com o italiano, a característica de clíticos com função nominativa se assemelha a outros dialetos do norte da Itália, como o dialeto trentino.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado ao longo do desenvolvimento do presente trabalho, o fenômeno do sujeito nulo nas sentenças com operadores-wh apresenta variações significativas entre diferentes línguas, como é o caso do italiano e do PB. Como constatado e apresentado nas seções anteriores, o italiano se caracteriza por um padrão específico nesse tipo de construção, em que a presença do sujeito pode ser omitida nas sentenças interrogativas, particularmente quando o operador-wh ocupa a posição de periferia esquerda da sentença. Nessa língua, o sujeito nulo, ou seja, a ausência do sujeito explícito, é a regra geral nesse tipo de construção.

Contudo, a presença do sujeito pleno, ou seja o sujeito explicitamente realizado, é possível, mas ocorre em circunstâncias específicas. O sujeito pleno, no italiano, é utilizado principalmente, mas não exclusivamente, quando há a intenção de dar ênfase ao sujeito, ou seja, quando o falante deseja destacar quem é o responsável pela ação ou a proposição. Portanto, a produção de um sujeito explícito não é uma necessidade gramatical, mas sim uma escolha estilística ou enfática. Segundo a análise de Rizzi, essa escolha ocorre porque, quando o operador-wh está na posição de periferia esquerda, a função do sujeito pode ser considerada redundante, ou seja, não é necessário para a interpretação da sentença. Assim, o sujeito nulo, nesse contexto, torna-se a forma mais natural de construção gramatical, e o sujeito pleno se torna uma opção facultativa, mas com um caráter enfático.

Em contraste, como constatado, no PB, a estrutura sintática não segue exatamente o mesmo padrão observado no italiano. No PB, o sujeito pleno é mantido mesmo quando o operador-wh ocupa a posição de periferia esquerda. Em outras palavras, ao contrário do que ocorre no italiano, em que o sujeito pode ser omitido, o sujeito explícito continua presente nas sentenças, independentemente de sua função enfática ou não. Isso significa que, no PB, o sujeito não é considerado redundante, mesmo quando o operador-wh é movido para a periferia esquerda. Essa construção é gramaticalmente aceita e frequente no idioma, e o uso do sujeito pleno é uma característica essencial da sintaxe do PB. Portanto, o fenômeno do sujeito nulo não é uma característica observada de forma tão prevalente quanto no italiano, sendo a presença do sujeito explícito uma preferência em construções com wh-ex situ. O sujeito no PB, mesmo nesses contextos, não é opcional e é comumente expresso.

No caso do talian/vb, objeto de estudo nesta análise, o comportamento do sujeito nulo nas sentenças com operador-wh foi investigado a fim de determinar se o idioma segue o padrão do italiano ou o do PB. A partir de nossa análise, foi possível observar que o talian/vb parece seguir o padrão do PB, ainda que de maneira um tanto diferenciada. Ao contrário do que ocorre no Italiano, não foram encontradas sentenças com sujeito nulo nas construções com operador-wh na periferia esquerda. Em todas as sentenças analisadas, o sujeito pleno foi utilizado, o que indica que, no talian/vb, o sujeito explícito é a forma gramaticalmente preferida, tanto nos casos em que o operador-wh está posicionado na periferia esquerda quanto nos casos em que o operador-wh permanece in-situ. Esse padrão sugere uma aproximação maior com o comportamento sintático do PB do que com o italiano. O sujeito pleno, portanto, não é considerado redundante nem é omitido em construções interrogativas com movimento

do operador-wh. Essa ausência de sujeito nulo nas sentenças analisadas pode ser interpretada como uma característica distintiva do talian/vb, que parece seguir a tendência do PB de manter o sujeito expresso nessas situações.

As sentenças apresentadas anteriormente, junto com o corpus descrito e analisado ao longo das últimas seções, nos demonstram alguns fenômenos particulares do talian/VB, dentre eles a dupla marcação do sujeito. Sabemos que essa característica se manifesta pela presença simultânea do sujeito expresso por meio de um pronome clítico, que no caso do talian/vb se encontra anexado ao verbo, e, paralelamente, pela realização do sujeito pleno, seja na forma de um pronome ou então como um sujeito nominal explícito. Essa dupla realização do sujeito configura uma particularidade importante do sistema pronominal e sintático do talian/vb, diferenciando-o de outras línguas românicas, por exemplo.

Acreditamos que a dupla marcação do sujeito tem, em grande parte, uma função compensatória, decorrente da natureza econômica do talian e dos demais dialetos vênets. Diante disso, o pronome clítico atua como um elemento que reforça a identificação do sujeito, garantindo a correta interpretação da frase. Por exemplo, a forma “sito ti?” integra o verbo auxiliar “esser” (“ser/estar”) na forma “sito” — que já incorpora um clítico de segunda pessoa do singular. Ainda que não possamos indicar com certeza a natureza desta dupla marcação do sujeito, conseguimos observar como ela ocorre em diferentes contextos de produção, especialmente no pretérito perfeito, destacando, assim, a particularidade do talian/vb e demais dialetos vênets com relação à outras línguas naturais.

Neste sentido, os pronomes clíticos do talian/vb desempenham um papel central e diferenciado em relação às línguas românicas mais próximas, como o italiano. Enquanto no italiano os pronomes clíticos são geralmente associados à função de objeto, no talian esses clíticos podem assumir a função de sujeito da oração. Eles se apresentam como elementos dependentes, ligados diretamente ao verbo, constituindo uma unidade. Essa característica é evidenciada em construções verbais compostas, nas quais o clítico aparece anexado ao verbo auxiliar, como nos exemplos “situ”, “gheto” e “veto”, que combinam o verbo auxiliar com o clítico de segunda pessoa do singular “to”.

Além da sua posição e função, a obrigatoriedade do clítico sujeito no talian se destaca ainda mais em construções interrogativas do tipo wh, nas quais, ao contrário do italiano padrão, que admite sujeito nulo nesses contextos, o sujeito clítico é quase sempre realizado.

Isso reforça a ideia de que o *talian/vb* possui uma estrutura que restringe ou impossibilita a omissão do sujeito em certos contextos, evidenciando seu caráter de língua *-pro drop*, ou seja, que não permite a ausência do sujeito. Esse contraste é fundamental para a compreensão das diferenças sintáticas e pragmáticas entre o *talian/vb* e o italiano, mostrando que, apesar da proximidade linguística, há distinções relevantes na organização sintática e na interface entre sintaxe e discurso.

A análise sintática dos pronomes clíticos e a dupla marcação do sujeito no *talian/vb*, ainda que necessitem de estudos mais aprofundados e específicos, revelam um sistema linguístico que, embora compartilhe raízes com outras línguas românicas, desenvolveu características próprias e distintivas. A existência do clítico funcionando como sujeito, sua função nominativa, a coexistência com o sujeito pleno e a restrição ao sujeito nulo em interrogativas apontam para um sistema estruturado que aponta para possíveis processos históricos e também para influências de contato e evolução interna da língua.

Destacamos que um dos contextos de realização de sujeito explícito em Italiano ocorre em sentenças em que o pronome aparece posposto ao verbo. Nas interrogativas do italiano e do *Talian/VB* há o movimento de I para C que provoca a inversão Verbo-Sujeito. Dessa forma, torna-se necessário verificar se a ocorrência de sujeito pleno nos dados analisados não decorre desse fenômeno (movimento de I para C) e, tal investigação, será objeto de estudos futuros.

Em suma, nossa análise demonstra uma clara diferença entre o *talian* e o italiano no que diz respeito à presença do sujeito em sentenças com operador-wh. Enquanto o italiano permite a omissão do sujeito nessas construções, o *talian*, assim como o PB, tende a manter o sujeito explícito, mesmo em construções com wh-ex situ.

Sendo assim, em nossa análise, conseguimos observar que o preenchimento do quadro de fenômenos apresentado anteriormente seguiria a seguinte estrutura:

Quadro comparativo de características.			
	Língua Italiana	Língua Portuguesa Brasileira	Língua Taliana/VB
Fenômeno			
Existência de elemento-wh	✓	✓	✓

Quadro comparativo de características.			
em posição de primeiro merge (in situ)			
Existência de elemento-wh movido para a periferia esquerda (ex-situ)	✓	✓	✓
Existência do movimento de I para C	✓	✗	✓
Realização de sujeito nulo em sentenças com wh-in situ	✗	✗	✗
Realização de sujeito nulo em sentenças com wh-ex situ	✓	✗	✗

Sabemos que o talian/VB é uma língua de base vêneta que se formou a partir do contato entre o dialeto Vêneto das regiões do norte da Itália trazidos ao Brasil por imigrantes italianos a partir da segunda metade do século XIX. Esses imigrantes, oriundos de diferentes localidades da região do Vêneto, falavam variedades linguísticas que, embora semelhantes entre si, apresentavam diferenças fonológicas, morfológicas e lexicais. Ao se encontrarem no novo território, essas variedades passaram por um processo de nivelamento e reestruturação, dando origem a uma nova forma linguística, que hoje é conhecida como talian/vêneto brasileiro.

No Brasil, o talian/vb não se manteve estático. Pelo contrário, desenvolveu-se sob forte influência do português brasileiro (PB), língua majoritária e de prestígio nos contextos oficiais, educacionais e midiáticos. Os indícios destas modificações podem ser observados em inúmeros aspectos da língua taliana/vb como a morfossintaxe, por exemplo. Acreditamos que esse contato prolongado resultou em uma série de mudanças na língua de herança, tanto em sua fonologia quanto em sua morfossintaxe e léxico.

É comum observar no talian/vb o uso de construções sintáticas influenciadas pelo português, além da incorporação de vocabulário português em contextos onde os falantes bilíngues recorrem ao código dominante para preencher lacunas ou facilitar a comunicação. Esse fenômeno contribuiu para a formação de uma variedade distinta daquelas faladas atualmente em algumas regiões Itália, por exemplo.

Enquanto isso, na região do Vêneto, os dialetos vênéticos também continuaram a evoluir, influenciados por fatores próprios, como o avanço da escolarização em italiano padrão, os meios de comunicação e os movimentos políticos regionais. Assim, tanto o talian/vb no Brasil quanto os dialetos vênéticos na Itália seguiram trajetórias autônomas, moldadas por contextos históricos, sociais e linguísticos distintos. Isso significa que, embora compartilhem uma origem comum, as variedades hoje apresentam diferenças significativas que só podem ser plenamente compreendidas a partir de uma análise comparativa. Estudos contrastivos entre o talian/vb e os demais dialetos vênéticos podem ser realizados posteriormente para observar não somente questões que seguem obscurecidas em nossa análise, como a origem dos clíticos de sujeito utilizados no talian/vb, mas também para observar como a língua se equipara e se distingue de suas línguas irmãs.

Nesse sentido, estudos contrastivos entre o talian/vb e os dialetos vênéticos contemporâneos podem oferecer contribuições importantes para a compreensão de processos de mudança linguística em contextos de migração e contato. Investigar como as estruturas linguísticas se mantiveram ou se transformaram, e quais fatores motivaram essas mudanças, pode lançar luz não apenas sobre a história do talian/vb como língua, mas também sobre as dinâmicas sociolinguísticas que afetam línguas de herança em geral. Sendo assim, o talian/vb segue como um campo extremamente rico e fértil para o campo dos estudos linguísticos.

As observações realizadas até o momento, não somente por este trabalho mas também pelos demais estudos que abordam o talian/vb, não esgotam as possibilidades de análise da língua que demonstra características únicas e valiosas para os estudos linguísticos. O presente estudo apenas arranha a superfície da língua que carece de estudos que sistematizem, descrevam e preservem a língua taliana/vêneto brasileira.

Sendo assim, esperamos que este trabalho sirva, portanto, como um chamado à urgência de documentar, valorizar e manter viva uma herança linguística que resiste no coração das comunidades que a sustentam. Mais do que uma descrição pontual, esta pesquisa busca também acender um olhar crítico e afetivo sobre o Talian/Vêneto Brasileiro, reafirmando que cada fala registrada, cada estrutura analisada e cada uso cotidiano da língua é também um ato de resistência contra o apagamento e um gesto de afirmação identitária. *Documentar e descrever essa língua significa preservá-la e a preservação da língua Taliana/Vêneto-Brasileira é, antes de tudo, a preservação de uma história, de uma cultura e de uma memória coletiva que não podem, e não devem, ser esquecidas.*

REFERÊNCIAS

ABPI. Italiano no Brasil e no mundo. ABPI Online. Disponível em: <https://www.abpionline.com.br/italiano-no-brasil-e-no-mundo/detalhe/?id=1>. Acesso em: 19 set. 2024.

AMARAL, Luiz. Estratégias para a revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 0144, 2020.

BÉE, R. G. M. As perguntas-wh no Vêneto Brasileiro. Orientadoras: Ani Carla Marchesan e Simone Lúcia Guesser. 2022. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó - SC. 2022. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6316>

BONAN, Caterina. *Romance Interrogative Syntax. Formal and typological dimensions of variation*. Países Baixos. Editora Werner Abraham. 2021.

BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary Aizawa; MIOTO, Carlos. As Construções Qu no Português Brasileiro Falado. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

CAMBRUSSI, Morgana Fabiola. O efeito das políticas de promoção linguística para as línguas de imigração: o caso do talian e do italiano. *Revista Língua e Literatura*. FW. v. 9, n. 13. p. 53-68, 2007.

CARVALHO, C. I. C. Gerativismo Linguístico. In: CARVALHO, C. I. C.; BARBOSA, J. R. A. (ed.). *Teorias Linguísticas: orientações para a pesquisa*. Mossoró: EdUFERSA, 2021, p. 43-69. E-book. ISBN: 978-65-87108-25-4. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786587108629.0004>

CERIZOLLI, L. Perguntas- wh no Vêneto Brasileiro: uma proposta de trabalho para o ensino. Orientadoras: Ani Carla Marchesan e Simone Lúcia Guesser. 2022. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó - SC. 2022. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/6319/1/CERIZOLLI.pdf>

CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe . 2. ed. Coimbra: Armênio Amado, 1978.

CHOMSKY, Noam. Estrutura sintática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015

CHOMSKY, N. Knowledge of language: its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. Lectures on government and binding. Dordrecht: Foris, 1981..

CINQUE, Guglielmo. Adverbs and Functional Heads: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. Restructuring and functional heads: the cartography of syntactic structures. New York: Oxford University Press, 2006..

DEL CASTEL, Juvenal Jorge; LORENGIAN-PENKAL, Loremi; TONUS, João Wianey. Talian par cei e grandi: gramática e stòria. Pinto Bandeira: Araucária; Serafina Corrêa: ASSODITA; Prefeitura de Serafina Corrêa, 2021.

DIAS, Aline Fernanda Alves. O sujeito pronominal nas tiras da Mafalda: uma análise contrastiva do sujeito nulo nas gramáticas do português brasileiro e do italiano. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

DOC ITALY. Imigração italiana no Brasil. Disponível em: <https://docitaly.com.br/imigracao-italiana-no-brasil/>. Acesso em: 19 set. 2024.

DUARTE, M. Eugênia L. (1995). A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese de doutorado, Unicamp.

FRASSON, A. Clitics are not enough: on agreement and null subjects in Brazilian Venetan. Glossa: a journal of general linguistics [S.l.], v. 6, n. 1, p. 1–27, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.1697>. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/gjgl.1697>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FROSI, Vitalina Maria, RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: Um caso de contato linguístico e cultural. Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.-137-347

GALVES, C. A Sintaxe do Português Brasileiro. In: OLIVEIRA, Marco Antônio. & NASCIMENTO, Milton. (orgs.). *Ensaio de Lingüística*. Editora da UFMG. 1987 p.31- 48.

GALVES, C. Ensaio sobre as gramáticas do português. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

GRAVINA, Aline. Sujeito Nulo e Ordem VS no Português Brasileiro: *um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus*. 2014. Tese. (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2014

GRAVINA, Aline. Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 16. Dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/88409/91300>

Grolla, Elaine B. A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro Dissertação de Mestrado, Unicamp, 2000.

GUESSER, Simone; KÉDOCHIM, Flore; SOUSA, Raquel Sousa. O projeto Cartográfico em Sintaxe Gerativa. In: NASCIMENTO, Lucas; SOUZA, Tania Clemente de. (orgs.). *Gramática(s) e Discurso(s): ensaios críticos*. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

HOLMBERG, Anders. Null subject parameters. In. Theresa Biberauer, Anders Holmberg, Ian Roberts & Michelle Sheehan (orgs.) *Parametric variation: null subjects in minimalist theory* Cambridge. p. 88 a 125. 2010.

IED. 150 anos da imigração italiana no Brasil. Disponível em: <https://ied.edu.br/noticias/150-anos-da-imigracao-italiana-no-brasil>. Acesso em: 19 set. 2024.

KATO, Mary A.; MIOTO. Carlos. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. *Revista ABRALIN*. Vol.4, nº1 e 2, p.171196. Dezembro de 2005.

KATO, M.; TARALLO, F. Sim: respondendo afirmativamente em Português. In: M. Sofia Z. De Paschoal & M. Antoniete A. Celani (orgs.). *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, Educ, São Paulo, 1992. p-259-277.

KENEDY, E. Curso Básico de Linguística Gerativa. Editora Contexto. São Paulo. 2013.

LAPERUTA, Maridelma. Sujeito Nulo na Aquisição: Um parâmetro em mudança- Sujeito

Preenchido na Aprendizagem. Revista do Gelne. Vol. 6 - No. 1 - p.141 até p. 152.. 2004

LAPERUTA, Maridelma. A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico paramétrico para a cidade de Londrina – Norte do Paraná. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista: Araraquara, 2002.

LIMA, R. J. Interrogativas no Português Brasileiro e no Português Europeu e o Parâmetro do Sujeito Nulo: contribuições do corpus Mafalda. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 143, p. 195-211, 2006.

LOPESROSSI, Maria G. 1995. Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português no Brasil. In: KATO. Mary A. ROBERTS, Ian. Português brasileiro: Uma viagem diacrônica. Editora Contexto. São Paulo. 2018

Lunati, M., Porcellato, A. M., & Santoro, E. (2024). Il sistema pronominale in italiano e in portoghese brasiliano: i clitici tra le varianti di realizzazione dell’oggetto anaforico. *Revista De Italianística*, 48, 35-63. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.i48p35-63> Disponível em: <https://revistas.usp.br/italianistica/article/view/215778>.. Acesso em: 27 jun. 2025.

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolingüístico. Via Litterae (ISSN 21766800): Revista De Linguística E Teoria Literária. v.4. nº1.p.3951. Goiás. jan./jun. 2012.

MARINS, Juliana Esposito. O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2009. 90 p.

MIAZZO, Giorgia. Afinal, o que é o “Talian”? UERJ. Instituto de Letras. v.2. vº1. p.3345. Rio de Janeiro. 2011.

MIOTO, Carlos. As interrogações no português brasileiro e o critérioWH. , n. 96, p. 1933, 1994.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no português brasileiro. Revista Letras, Curitiba, v. 56, 97139, 2001.

MOCELIN, Alessandro. : varision monolengua de'l MacroStandard pronta par el confronto co i MicroStandard veneto brazilian (talian) – veneto stòrego – veneto istrian (istro veneto) & grafia intarnasionale del veneto moderno: co spiegasion trilingue eng-ita-vec co table de conparasion e mape ilustradive. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à Linguística: Volumes 1 e 2. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p.11-25.

PINTO, Carlos Felipe. Resenha da obra de TESCARI NETO, Aquiles. . Uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021, 213p. , v. 21, n. 1, p. 299-306, 2024. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

POLLOCK, J. Y. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. , n. 20, p. 365-424, 1989.

QUAREZEMIN, S.; TESCARI NETO, A. A propósito dos vinte e cinco anos do Programa Cartográfico no Brasil: Hierarquias Cartográficas e Explicação Teórica. Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 77, p. 470–531, 2024. DOI: 10.9771/ell.v0i77.61694. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/61694>. Acesso em: 24 set. 2024

RIZZI, Luigi. ‘Residual verbs second and the Wh criterion’, Technical Reports in Formal and Computational linguistics 2, University of Geneva. 1991.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN L. Elements of Grammar: a handbook of generative syntax. Kluwer: Dordrecht, 1997.

RIZZI, Luigi. On the Position of Interrogative in the Left Periphery of the Clause. In: CINQUE, G.; SALVI, G. (Eds.). Current studies in Italian syntax. Essays offered to Lorenzo Renzi. Amsterdam: Elsevier NorthHolland, 2001. p. 287-296.

RIZZI, Luigi ; BOCCI, G. The left periphery of the clause – Primarily illustrated for Italian. In: Blackwell Companion to Syntax, 2. ed Blackwell Publishers, 2017.

ROBERTS, Ian. A Deletion Analysis of Null Subjects In. Theresa Biberauer, Anders Holmberg, Ian Roberts & Michelle Sheehan (orgs.) Parametric variation: null subjects in

minimalist theory. Cambridge. p. 58 a 88. 2010.

SELL, Fabíola Sucupira Ferreira. As interrogativas do português brasileiro: perguntas e respostas. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86389>

SCHISSATTI, Luciana C. S. Interrogativas - WH no dialeto trentino de rodeio. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2004. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87655>. Acesso em 26 out. 2024

SOUZA, Daniel Natali de. A imigração italiana e os contextos históricos de Brasil e Itália no século XIX. Cadernos Uninter, 2024. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/3192>. Acesso em: 19 set. 2024.

TESCARI NETO. A. Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática. 1. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021. v. 1. 216p .

VILLARINHO, Clara. Sujeito Nulo no Português Brasileiro: Elementos Para Sua Análise a Partir de Situações Experimentais. In: II Jornada de Estudos da Linguagem (UERJ), Rio de Janeiro. Caderno de resumos da II JEL, 2005.

WAICHEL, S. L.. O Estatuto das Interrogativas WH no Português Europeu e no Português Brasileiro. In: XIV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 1998, Aveiro. XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, 1998.

Gheto	fato	la	vizita	a	i	to	noni	coando?
HAVERp assado+tu	feito	a	visita	a	os	teus	avós	quando
“Você foi fez a visita aos seus avós quando?”								
FENÔMENO: Sent-mat ; WH-adv-baixo ; IpC ; Insitu								
Sentença gramatical.								

La	vizita	a	i	to	noni	gheto	fato	coando?
A	visita	a	os	teus	avós	HAVERpassado+tu	feito	quando
‘A visita aos teus avós você fez quando?’								

La	vizita	a	i	to	noni	te	la	gheto	fato	coando?
A	visita	a	os	teus	avós	te	a	TERpassado+tu	feito	quando
‘A visita aos teus avós tu fez quando?’										

*Che	di	che	sito	ndà	a	catar	i	to	noni,	Paulo?
Que	dia	que	SERpassado+tu	ido	a	visitar	os	teus	avós	Paulo
“Que dia que você foi visitar os seus avós, Paulo?”										
Sentença agramatical. Sentença com Comp duplamente preenchido + I para C.										

3.

a.	João,	dime,	cosa	veto	manjar (manhar)	de	diznar?
----	-------	-------	------	------	--------------------	----	---------

	João	diga-me	o que	IRfuturo+tu	comer	de	janta
	“João, diga-me, o que você vai comer na janta?”						

b.	Cosa	mànjito (mánhito)	par	el	diznar?
	O que	COMERpres ente+tu	para	a	janta
	“O que você vai comer na janta?”				

4.

a.	João,	cosa	gheto	cronpà	ti?
	João	o que	HAVERpassado +tu	comprado	te?
	“João, o que você comprou?”				

b.	Che	roba	te	la	gheto	cronpà	ti?
	Que	coisa	te	a	TERpassado+tu	comprado	TIdativo ???
	“O que você comprou?”						

5.

a.	Sito	bon	da	dirme	el	nùmaro	de	sità	che	le	fa	parte	de	la	Quarta	Colônia?
	SERpassado+Tu	possível	de	dizer+me	o	numero	de	idades	que		fazem	parte	de	a	quarta	colônia

‘É possível me dizer o número de cidades que fazem parte da quarta colônia?’

b.	Coante	sità	fale	parte	de	la	Quarta	Colônia?
	Quantas	cidades	FAZER presente +elas	parte	de	a	quarta	colônia
‘Quantas cidades fazem parte da quarta colônia?’								

6.

a.	Ndóe	sito	nasesto	ti?
	Onde	SERpassado+tu	nasceu	tu?
‘Onde você nasceu?’				

b.	Che	nome	gało	el	posto	ndóe	che	te	si	nasesto?
	Qual	nome	HAVERP assado+el e	o	lugar	onde	que	tu		nasceu
‘Qual o nome do lugar onde você nasceu?’										

b1.	Che	nome	gała	la	to	sità	de	nàsita?
	Qual	nome	HAVERP assado+e la	a	tua	cidade	de	nascimento
‘Qual nome tem a tua cidade de nascimento?’								

b2.	Come	se	ciàmela	la	sità	ndóe	che	te	si	nasesto	ti?
-----	------	----	---------	----	------	------	-----	----	----	---------	-----

	Como	se	chama	a	cidade	onde	que	tu	se	nasceu	você
‘Como se chama a cidade onde você nasceu?’											

7.

b.	Coanti	libri	gheto	ledest,	Maria?
	Quantos	livros	HAVERpass ado+tu	lido	Maria
‘Quantos livros você leu, Maria?’					

9.

a.	Paula,	veto	Porto Alegre	coando?
	Paula	IRpassado+tu	Porto Alegre	quando?
‘Paula, tu veio a Porto Alegre quando?’				

b.	Coando	veto	ndar	Porto Alegre,	che	Paula?
	Quando	IRpassado +tu	ido	Porto Alegre	que	Paula?
‘Quando que tu foi a Porto Alegre, Paula?’						

b1.	Coando	gheto	in	mente	de	ndar	Porto Alegre,	Paula?
	Quando	TERpass adp+tu	em	mente	de	ir	Porto Alegre,	Paula?
‘Quando tu tem em mente de ir a Porto Alegre, Paula?’								

10.

a.	Ndóe	te	gheto	cronpà	‘sto	vin	ti?
	Onde	tu	HAVERp assado+tu	comprou	este	vinho	aqui
‘Onde tu comprou esse vinho aqui?’							

b1.	Da	ndóe	vènjelo (vénhelo)	sto	vin?
	De	onde	VIRpassado+ ele	este	vinho
‘De onde veio este vinho?’					

14.

a.	Parché	veto	regalarlo/la	co	na	moto?
	Porque	VIRpassado+ tu	Presentea-lo/a	com	a	moto?
‘Porque vai presentear-lo/a com a moto?’						

b.	Parché	veto	darghe	na	moto	a	lu?
	Porque	VIRpassado+ tu	DARfuturo+ lhe	a	moto	a	ele?
‘Porque tu dará a moto a ele?’							

Veto	regalarlo(la)	co	na	moto	parché?
VIRpassado+ tu	presentear-lo/a	com	a	moto	porque?
‘Você o presenteará com a moto porque?’					

15.

a.	Parché/pa rcosa	veto	cronpar	un	novo	auto	ti?
	Porque/P or qual motivo	VIRpassa do+tu	comprar	um	novo	carro	tu?
‘Porque tu comprarás um carro novo?’							

b.	Che	razon	gheto	da	cronparte	novo	auto	ti?
	Qual	razão	HAVER passado +tu	de	comprar	novo	carro	tu?
‘Por qual razão você comprou um novo carro?’								

16.

a.	Come	sito	rivà	Bento?
	Como	SERpassado+tu	ido	Bento
‘Como você foi, Bento?’				

b.	Come	sito	ndà	Bento?
	Como	SERpassado+tu	ido	Bento
‘Como você foi, Bento?’				

Joan,	parché	no	sito	mìa	ndà	laorar	incói?
Joan	por que	não	SERpas sado+tu	<i>mìa</i>	ido	trabalha r	hoje

“João, por que você não foi trabalhar hoje?”

Joan,	sito	mìa	venjesto	nte'l	laoro	incói?	Parché?
Joan	SERpass ado+tu	<i>mìa</i>	vindo	em+o	trabalho	hoje	por quê

“João você não veio ao trabalho hoje por quê?”

Joan,	no	sito	mìa	ndà	łaorar	parché	incói?
Joan	não	SERpas sado+tu	<i>mìa</i>	ido	trabalha r	por que	hoje

“João, você não foi trabalhar por que hoje?”

Joan,	no	sito	mìa	ndà	laorar	incói	parché?
Joan	não	SERpas sado+tu	mìa	ido	trabalha r	hoje	por quê

“João, você não foi trabalhar hoje por quê?”

Joan	no	sito	mìa	ndà	parché	laorar	incói?
Joan	não	SERpass ado+tu	<i>mìa</i>	ido	por que	trabalhar	hoje

“João, não foi por que trabalhar hoje?”

Poło,	sito	ndà	vèdar	i	to	noni	cuando?
Poło	SERpass ado+tu	ido	ver	os	teus	avós	quando

“Paulo, você foi ver os seus avós quando?”

Poło,	che	dì	sito	ndà	far	na	vìzita	a	i	to	noni?
Poło	que	dia	SERp assad o+tu	ido	fazer	uma	visita	a	os	seus	avós

“Paulo, que dia você foi fazer uma visita aos seus avós?”

Poło,	sito	ndà	vèdar	cuando	i	to	noni?
Poło	SERpas sado+tu	ido	ver	quando	os	teus	avós
“Paulo, você foi ver quando os seus avós?”							

Poło,	cuando	sito	ndà	vèdar	i	to	noni?
Poło	quando	SERpas sado+tu	ido	ver	os	teus	avós
“Paulo, você foi ver quando os seus avós?”							

a)

Joan	cosa	veto	manjar	nte’l	diznar	incói?
Joan	o que	IRfuturo+ tu	comer	em+o	jantar	hoje
“João, o que você vai comer no jantar hoje?”						

a)

Sani	Joan,	cosa	gheto	conprà	nte’l	marcà?
Bem	Joan	o que	HAVERP assado+tu	comprado	em+o	supermerc ado
“Tudo bem, João? O que você comprou no mercado?”						

Bondì	Joan,	che	robe	gheto	conpà	nte’l	marcà?
Bom dia	Joan	que	coisas	HAVERP assado+tu	comprado	em+o	supermer cado
“Bom dia, João! Que coisas você comprou no supermercado?”							

Sani!	La	Quarta	Colôni a	de	Imigrasio n	Italiana	gała	cuante	sità?
Bem!	A	Quarta	Colôni a	de	Imigraçã o	Italiana	HAVE Rprese nte+el a	quanta s	cidade s?

“Tudo bem?! A Quarta Colônia de Imigração Italiana tem quantas cidades”

Bondì!	Sito	nasesto	ndóe?
Bom dia!	SERpassado+tu	nascido	onde
“Bom dia! Você nasceu onde?”			

Bondì!	In	che	posto	sito	nasesto	ti?
Bom dia!	Em	que	lugar	SERpassa do+tu	nascido	tu
“Bom dia! Em que lugar você nasceu?”						

Bondì	Maria!	Gheto	lezesto	cuanti	libri?
Bom dia	Maria	HAVEypass ado+tu	lido	quantos	livros
“Bom dia, Maria! Você leu quantos livros?”					

Bondì	Maria!	Cuanti	libri	gheto	studià?
Bom dia	Maria	Quantos	livros	HAVERpass ado+tu	estudado
“Bom dia, Maria! Quantos livros você estudou?”					

Paula,	veto	far	el	viajo	a	Porto	Alegre	quando ?
Paula	IRfutur o+tu	fazer	o	viagem	a	Porto	Alegre	quando
“Paula, você vai viajar pra Porto Alegre quando?”								

Paula,	che	dì	veto	a	Porto	Alegre?
Paula	que	dia	IR(futuro) +tu	a	Porto	Alegre
Paula, que dia você vai a Porto Alegre?						

Ana,	ndóe	gueto	conprà	‘sto	vin	cuà?
Ana	onde	HAVERp assado+tu	comprado	este	vinho	aqui
“Ana, onde você comprou esse vinho aqui?”						

Ana,	ndóe	gheto	ciapà	‘sto	vin?
Ana	onde	HAVERpas sado+tu	pegado	este	vinho
“Ana, onde você pegou esse vinho?”					

Mama,	gheto	metesto	ndóe	el	me	telefonin?
Mãe	HAVERp assado+tu	metido	onde	o	meu	celular
“Mãe, você pôs onde o meu celular?”						

Mama,	ndóe	zeło	el	me	telefonin?
Mãe	onde	ESTARpres ente+ele	o	meu	celular
“Mãe, onde está o meu celular?”					

12.

a)

Pupà,	veto	dar	a	chi	na	moto?
Pai	IRfuturo+ tu	dar	a	quem	uma	moto
“Pai, você vai dar para quem uma moto?”						

Pupà,	chi	zeło	che’l	va	vadanjar	na	moto?
Pai	quem	SERpres ente+ele	que+ele	IRfuturo	ganhar	uma	moto
“Pai, quem é que vai ganhar uma moto?”							

Ana,	ma	parché	veto	canbiar	el	to	auto	pena	conprà?
Ana	mas	por que	IRfutur o+tu	trocar	o	teu	carro	recém	compra do

